ANO 62 (2.ª SÉRIE)
N.º 15 422
SEXTA-FEIRA
26 DE ABRIL
1974

República

Fundado por
ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

Director
RAUL RÊGO

PROPRIEDADE DE «EDITORIAL REPÚBLICA»
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: RUA DA MISERICÓRDIA, 116 - LISBOA 2
TELEFONES: 32 65 32 - 32 51 36 - 32 53 24

Preço 2$50

O PROGRAMA DO MOVIMENTO

2.ª EDIÇÃO

- EXTINÇÃO IMEDIATA DA D. G. S., LEGIÃO E A. N. P.
- AMNISTIA IMEDIATA PARA OS PRESOS POLÍTICOS
- ABOLIÇÃO DA CENSURA E EXAME PRÉVIO
- REORGANIZAÇÃO E SANEANENTO DAS FORÇAS ARMADAS
- COMBATE EFICAZ CONTRA A CORRUPÇÃO
- PERMITIDA A FORMAÇÃO DE «ASSOCIAÇÕES POLÍTICAS»
- LUTA CONTRA A INFLAÇÃO E A ALTA DO CUSTO DE VIDA

Considerando que, ao fim de treze anos de luta em terras do Ultramar, o sistema político vigente, não conseguiu definir concreta e objectivamente, uma política ultramarina que conduza à paz entre os portugueses de todas as raças e credos;

considerando que a definição daquela política só é possível com o saneamento da actual política interna e das suas instituições, tornando-as pela via democrática indiscutidas representantes do Povo Português;

considerando ainda que a substituição do sistema político vigente terá de processar-se sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar da Nação;

O Movimento das Forças Armadas Portuguesas, na profunda convição de que interpreta as aspirações e interesses da esmagadora maioria do Povo Português

(Continua na 11.ª pág.)

O nosso jornal saiu ontem pela primeira vez desde há mais de quarenta anos, sem ir à Censura. Podemos informar os nossos leitores que da Secretaria de Estado da Informação e Turismo nos telefonaram para enviarmos provas ao Exame Prévio. Do Exame Prévio insistiram diversas vezes, pedindo provas. Mas os nossos leitores tiveram um jornal, como saiu dos trabalhadores que o fazem. Assinalemos também que foi «República» o primeiro jornal a anunciar o fim do regime que dominou a Nação durante 48 anos. Como se vê da insistência do Exame Prévio, não saíram a bem os homens que pela força obtiveram o poder e que só à força o abandonaram

OS QUE NÃO VIRAM O DIA DE ONTEM

A euforia do povo de Lisboa constitui um plebiscito. Como foram as manifestações do fim da Guerra, as consentidas do MUD das candidaturas de Norton de Matos e Humberto Delgado, todas aquelas em que foi permitido ao povo exprimir o seu sentimento.

Foi longa a noite, muito longa e durante ela muitos foram os combatentes abatidos uns na aspereza do combate ou que a morte foi levando. Nomes? São tantos aqueles que desejaram ver o ruir dos muros da cadeia e contra eles se esforçaram, desde os que em 3 de Fevereiro, no Porto, e em 7 de Fevereiro em Lisboa, se revoltaram com Sousa Dias e Fernando Freiria, Jaime Cortesão, e Jaime de Morais, e de que está ainda presente João Sarmento Pimentel, no distante exílio de São Paulo, que dificilmente se podem citar todos. E foram realmente legião desde nomes conhecidos ou simples anónimos, abatidos a tiro no Rato, ou no meio das febres do Campo de concentração do Tarrafal.

Agatão Lança e Ribeiro de Carvalho, Francisco de Aragão, Areoa Feio, tantos outros militares que não abdicaram jamais dos seus direitos cívicos e por isso tiveram a prisão e o exílio! Álvaro de Castro foi dos primeiros a partir; Helder Ribeiro foi-se embora há meses. Entre eles toda aquela falange dos Jovens Turcos, com Vitorino Godinho, Américo Olavo, Vitorino Guimarães, outros.

Dos homens públicos da Primeira República, desde Afonso Costa a Cunha Leal passando por Domin-

(Continua na 15.ª pág

A P. I. D. E.-D. G. S. RENDEU-SE ESTA MANHÃ

(Ler na última página)

24 PÁGINAS

ESTE JORNAL NÃO FOI VISADO POR QUALQUER COMISSÃO DE CENSURA

CORREIO DE ONTEM

BLINDADO EM FAMÍLIA

Já depois da meia-noite as pessoas que não dormiam puderam ver, através da R. T. P., a reportagem (infelizmente sem som) da queda de um regime. Realizador: Alfredo Tropa. Locutores: Fialho Gouveia e Fernando Balsinha. A preceder a «histórica emissão» — como lhe chamou Fialho — passaria um velho «show» de Vinicius de Moraes, Marília Medaglia e Toquinho. Era o fascismo despedido com batida de bossa nova.

Como trabalho de rua, a reportagem foi o máximo que a «casa» deu. «Casa» relativamente defraudada de pessoal. Mas reaprendendo uma coisa que, a bem dizer, nunca tinha tido: humor. Imagine-se que Fialho, com o Balsinha a debitar os seus papéis, ria e sorria e fazia gestos em direcção à câmara e torcia-se na cadeira e voltava a rir, a sorrir, a mexer-se, cheio de bichos carpinteiros! Percebeu-se lindamente que a liberdade de movimentos estava a saber-lhe a ginjas.

Para o telespectador habitual não houve «Meditação» no fecho. Paciência, medita de outra maneira.

● O senhor que apareceu empoleirado num piinto de pedra é o dr. Francisco Sousa Tavares, advogado. Visitou o nosso jornal, onde conta amigos, demorou-se a ouvir as últimas notícias (penúltimas: o Largo do Carmo aconteceu a seguir) do movimento, e às tantas, também ele cheio de bichos carpinteiros, avançou para diante do quartel da Guarda, a tempo de pegar num megafone e dialogar com os manifestantes. Nos arquivos da R. T. P. não havia com certeza o perfil deste orador. Um doce a quem adivinhar porquê.

● A rubrica mais notável foi o inabitual «Blindado em Família». Expliquemos ao leitor não informado: dentro duma autometralhadora seguia (ia, foi-se, sem rosto visível) o ex-chefe do ex-governo. E aqui que sinceramente lamentamos a reportagem insonorizada. Tanta «conversa» em directo às horas nobres do Telejornal, tantos «banhos de multidão» por esse País fora, tantas presenças em inaugurações, brilhos, cerimónias, e saír assim por uma bambinela.

● Não tomamos mais espaço, hoje precioso. Aos nossos camaradas em serviço no Lumiar mandamos um abraço pelo grande plano do blindado e pela tentativa de «furar» aquele vidro grosso por trás do qual o prof. Marcelo Caetano, reduzido ao nome civil, fazia o seu último acto. Sem palavras.

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS EM CADA SERIE

49469 — 3 150 000$00
8207 — 350 000$00
50243 — 175 000$00

APROXIMAÇOES AOS 1.os PRÉMIOS

49468 — 13 335$00
49470 — 13 335$00

PRÉMIOS DE 14 CONTOS

79 — 1259 — 4690 — 14236
14879 — 17050 — 18253 — 28675
28838 — 29576 — 30811 — 31296
31876 — 34098 — 36409 — 37121
37880 — 38629 — 40174 — 40499
42358 — 45691 — 46212 — 47731
48379 — 49519 — 52026

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

8201 a 8300 — 49401 a 49500 e — 50201 a 50300

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 419, são contemplados com 770$00, no bilhete de cada uma das séries da emissão e os terminados em 313, 360, 405, 743 ou 873, são contemplados com 560$00. Por sua vez os números cujos dois algarismos finais sejam 27, 34 ou 95, são contemplados com 350$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 9, têm direito a 210$00 de prémio, também nos bilhetes de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUIZO

«República» — 26-4-1974

ANUNCIO

Faz saber que por este 9.º Juizo e 2.ª Secção, da comarca da Lisboa, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos de requerentes e requeridos, para no prazo de 10 dias, posteriores ao dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens a vender sobre que tenham garantia real, nos autos de acção com processo especial de divisão de coisa comum que por apenso aos autos de inventário obrigatório n.º 337/71 por óbito de Manuel Lopes Alcafache e esposa Alice de Jesus Oliveira Lopes, que foram da Rua de Santa Marta, 157-1.º, em Lisboa os requerentes Manuel de Oliveira Lopes e esposa D. Maria Emília Henriques Monteiro, residentes na Av.ª de Roma, 53, em Lisboa, movem contra os requeridos Dr. José de Oliveira Lopes e esposa D. Maria Isolina Mascarenhas de Sousa Lopes, proprietários, da Av.ª de Roma, 43-5.º-esquerdo, em Lisboa e Mário de Oliveira Lopes, solteiro, maior, Calçada de Arroios, 40-A, também em Lisboa.

Lisboa, 16 de Abril de 1974.

O Juiz de Direito
Calixto Pires

O Escrivão de Direito
José Maria Baptista

BARBOSA ESTEVES & Cia. Lda.
ourives joalheiros
293, R. DA PRATA, 295
jóias, ouro, pratas e relógios
o que há de melhor no género
DÃO-SE TODAS AS GARANTIAS

«A UNIVERSIDADE NOVA EM PORTUGAL DEPENDE DE FACTORES EXTERNOS»

— afirmou-se ontem num colóquio realizado na C. E. D.

«Em Portugal, penso que a Educação andou depressa demais. A economia ainda não precisava da diversificação de universidades projectada. Por isso tudo tem vindo a ser travado, enquanto aumenta as resistências. E agora, depois de determinados acontecimentos, mais do que nunca. Aliás, a resistência parte dos próprios mestres da Universidade, pois, no caso geral, o professor catedrático é, por natureza, um conservador» — afirmou, ontem à noite, o professor Miller Guerra durante o debate que se seguiu a um colóquio sobre «Reforma da Universidade e Universidade Nova», integrado no ciclo «A Nova Sociedade», promovido pela Cooperativa de Estudos e Documentação e realizado nas suas instalações, em Lisboa.

Discutia-se a transição da universidade de tipo tradicional, latino, para o tipo anglo-saxónico, o que corresponde a um outro estádio económico da mesma sociedade — a capitalista — que, segundo alguns dos intervenientes, na sessão, seria o novo modelo da universidade portuguesa, depois de reformada. No entanto, o prof. Miller Guerra foi categórico ao afirmar que a economia e o sistema vigente em Portugal não necessitam, ainda, desse tipo anglo-saxónico de ensino superior.

Na mesa do colóquio sentaram-se os drs. Manuel de Melo, psicólogo, Teresa Barata Salgueiro, assistente da Faculdade de Letras, José Leitão, candidato à advocacia e João Resina, assistente do I. S. T.

«Como instituição, a Universidade é uma parte do aparelho ideológico do Estado. Por outro lado, é também um saber, como conjunto de técnicas e ciências. Mas um saber dirigido e, neste aspecto, a Universidade é empresarial», começou por afirmar o primeiro orador da sessão, o dr. Manuel de Melo. Mais adiante frisou que «a Universidade Nova não é a universidade renovada. Esta deve ser posta em causa pela primeira, o que implica várias opções nos campos da economia, da política e da sociologia».

A UNIVERSIDADE COMO EMPRESA

A intervenção da dr.ª Teresa Barata Salgueiro, relatando aspectos da sua experiência pessoal numa universidade americana, em Chicago, marcou a entrada do modelo universitário anglo-saxónico nos debates.

O grande empenhamento de professores e alunos na vida universitária, a exigência dos próprios estudantes, as poucas aulas e o muito tempo de biblioteca, o próprio «ghetto», termo com que classificou o isolamento da universidade em relação ao ambiente da cidade onde está inserida, o acesso elitista (propinas caríssimas, da ordem dos 25 contos por trimestre, pois se tratava, como frequentemente nos Estados Unidos, de uma universidade privada, esta pertencente à fundação Rockefeller) foram os pontos focados, terminando dizendo que «a universidade americana é o perfeito modelo de uma empresa». De tal modo, acrescentou, que «o estudo é altamente individualista e profundo na respectiva especialização, pois representa, para o aluno, um investimento pessoal para uma futura concorrência».

«A nossa Universidade é fortemente selectiva, acessível, sobretudo a uma alta e média burguesia, aos filhos daqueles que detêm os meios de produção», começou por dizer o dr. José Leitão. «O diploma é condição necessária, embora nem sempre suficiente, para a obtenção de posição social privilegiada.

As associações e outros grupos estudantis permitiram e, em poucos casos já, continuam a permitir — segundo o dr. José Leitão — ultrapassar um pouco o divórcio permanente entre a Universidade (mais exactamente, os universitários) e o meio exterior em que vivem.

«Entre outros factores, a liberdade de associação e os métodos pedagógicos utilizados servem para caracterizar o tipo de Universidade e de indivíduos que dela saem», acrescentou.

O dr. João Resina, que citou, entre outros autores, Marcuse, disse que a Universidade é uma peça da engrenagem, indispensável para formar as pessoas necessárias». Mais tarde, salientou que, numa Universidade Nova, seria importante um bom curso de Filosofia, entendendo-se por bom curso aquele em que houvesse total liberdade de pensamento.

AS REFORMAS E O MODELO ANGLO-SAXÓNICO

«As universidades não se auto-reformam, isso é ponto assente», também declarou o prof. Miller Guerra no debate suscitado pelas intervenções dos oradores que a C. E. D. convidara para fazerem parte da mesa. «Logo, dentro de uma mesma sociedade, a transformação de uma Universidade numa Universidade Nova é impossível».

«E para nós — continuou o professor catedrático de Medicina — a Universidade Nova continua no reino da utopia. Depende de factores externos à universidade.»

A questão de se saber se a uma «sociedade nova» corresponderá, de imediato, uma «universidade nova» ou se a universidade antiga se deverá ir encaminhando para essa feição nova — cujo modelo, por declarada incapacidade do presentes, não foi definido — ocupou parte da discussão, sem que as conclusões tivessem surgido claras.

Mais claramente, porém, foi apontado que a universidade tradicional, coimbrã ou napoleónica, produz quadros que começaram a não interessar às necessidades do sistema económico capitalista, pois os diplomados, em consequência do ensino recebido, não estão aptos a desenvolver as capacidades de análise e investigação já indispensáveis ao novo estádio de desenvolvimento económico. Daí, a transição para o sistema anglo-saxónico, que parece ser o adoptado para as necessidades do que se chamou capitalismo avançado.

Esta mesma evolução da universidade terá sido o fundamento da série de tentativas de reforma de há uns anos projectadas em Portugal.

Antes que a meia-noite tivesse posto ponto final no debate, ainda foram abordados alguns aspectos dos movimentos estudantis.

PORTO SANDEMAN

Sandeman recomenda os seus vinhos Partner's e Clipper.
Partner's é um Porto Ruby-velho, muito melhor... Porto Clipper Branco Extra-seco, aperitivo: simples, "on the rocks", com soda ou água tónica.
Deliciosamente refrescante.
Não ter Porto Sandeman – esquecimento desastroso! Perigosíssimo! Para o seu bom gosto.

MOMENTO

GRADES DESFEITAS

Sensação estranha a de quem foi obrigado a pautar a sua expressão pelos condicionamentos mais variados, nunca as suas palavras brotando só do seu pensamento, mas de alheias conveniências ou imposições, e, de um momento para o outro, vê desfazerem-se-lhe as grades. Descobre-se o horizonte e adensa-se-lhe a responsabilidade; mas como que se abre um vazio que é preciso preencher e sobre o qual é indispensável caminhar, de cabeça erguida e de mãos dadas com os companheiros que a nós se juntaram. À consciência da responsabilidade se junta o orgulho de nos sabermos livres para aferir nossas ideias pelas dos outros e assim construirmos uma solidariedade que é base de todas as comunidades, desde a família à nação.

O momento que vivemos tem de ser de consciencialização inteira de gentes que há meio século não podem pensar sem perigo para a sua liberdade e, muito menos, exprimir-se com a franqueza que é o timbre dos homens livres e indispensável para sabermos os laços que nos prendem ou nos afastam uns dos outros. Quanto se dizia era escutado e quanto se escrevia rebuscado e passado à forma comum e só consentida. Um mesmo pensamento informava todas as expressões. Daí a grande pobreza do País, nesta hora, feito ludíbrio de outras nações e a teimar em se afundar contra as amizades mais sólidas e as vontades mais decididas das suas gentes. Amputava-se o pensamento dos não conformistas e segregavam-se, isolando-os, ou atirando com eles para outras comunidades se enriquecerem com o seu trabalho, com sua inteligência. O maior valor de uma nação é o do pensamento de seus filhos e tanto maior quanto mais variado for o leque, e tanto mais forte quanto mais sólidos forem os laços que unem uns aos outros. Para nos unirmos necessário é, em primeiro lugar, conhecermo-nos; e não nos conhecemos se não nos for permitido pensar nem exprimir livremente.

O homem vale sobretudo pelo pensamento e carácter das pessoas pela sua frontalidade. Com mais ou menos clareza se manifestam e as relações comuns firmam-se conforme as afinidades que encontramos. Obrigar os homens a disfarçar o pensamento, impedi-los de o manifestar, emudecê-los, é impedi-los de se conhecerem e estimarem. É como se a todos puséssemos uma máscara, retratando as pessoas não com o rosto que é o delas, mas com as figuras de careto utilizadas no carnaval, feita pelo molde desejado. Criar-se-ia desta forma uma sociedade mascarada, artificial, onde sob um sorriso se pode ocultar a traição, ou sob os traços mais vincados a maior das fraquezas. E pode chegar-se ao requinte de só um molde ser consentido e se criar a maior das monotonias ambientes e a maior das anemias do pensamento. É que à força de não poderem exprimir-se, deixam os homens de pensar.

Anquilosa o pensamento de um homem, de uma nação, ou vai-se diluindo, como anquilosa um organismo e se vão tornando flácidos os músculos sem exercício. A imprensa portuguesa sofre desses males; mas a culpa não é dos jornalistas quase todos os quais não conheceram outra e só hoje se vêem diante de um horizonte vazio, diante da verdadeira responsabilidade que lhe dão os direitos da sua expressão livre. As grades da Censura, do Exame Prévio, parecem ter-se desfeito; procuraremos corresponder à nossa missão de informar com objectividade, de falar com o à-vontade de homem para homem. Só assim se podem criar os verdadeiros laços de cidadania.

Desfizeram-se as grades. É como se tivéssemos acordado para um ambiente largo, onde nunca pudemos viver. Com o nosso esforço procuraremos contribuir para edificar um país que seja de todos. De todos nós e onde todos nos sintamos livres.

O TIRADENTES, A INCONFIDÊNCIA E O SEU SIGNIFICADO NA HISTÓRIA DO BRASIL

por MANUEL RODRIGUES LAPA

«Há precisamente 16 anos, nesta mesma cidade de Ouro Preto, na presença do dr. Clóvis Salgado, então ministro da Educação e Cultura, e do dr. Pedro Calmon, ilustre académico, proferi uma conferência com o título «Tiradentes e Gonzaga». Nela me referi ao papel assumido na conjura por esses dois homens, o herói e o anti-herói, e nela fazia, como era e será sempre inteiramente justo, um rendido louvor à figura máxima da Inconfidência Mineira.

As razões do meu afecto e admiração pelo Proto-Mártir brasileiro são múltiplas e até extravagantes. Primeiro, a pesquisa histórica, realizada com o afã de descobrir a verdade, deu-me dele uma ideia bem diferente da que corria em certos meios, desvirtuada por motivos inconfessáveis. Levei a minha busca até ao copiador de João Roiz de Macedo, e nele apreciei a honestidade insubordinável do militar posto ao serviço do poderoso contratador. Tinha uma concepção inteiriça do dever, e por isso grangeava louvores de todos quantos servia. Depois, um dos seus amigos mais chegados, era o porta-estandarte Francisco Xaxier Machado, natural de Anadia, minha terra natal. Era ele quem lhe traduzia o livro da Constituição da República da América, que o encheu de entusiasmo libertador. Ambos eram vítimas de preterições injustas, o que os aproximava ainda mais. Finalmente dá-se uma coincidência ou quase coincidência: faço amanhã 77 anos, nasci pois no dia seguinte ao da morte de Tiradentes. Foi pena que os meus progenitores não tivessem acertado o relógio. E há mais ainda: um **avô**, que muito amei, chamava-se Joaquim, e um tio, a que fui muito afeiçoado, chamava-se José e andou pelo Brasil. Joaquim José... Não acredito em bruxaria, evidentemente; é tudo obra do acaso, fértil em assombros. O certo é que me sinto ligado pela História, pela Geografia e até pelo Calendário ao grande Alferes; e sobretudo estou-lhe ligado pelas cordas do coração, que estará sempre com os oprimidos, humilhados e ofendidos, sejam quais forem e estejam onde estiverem.

Esse culto levou-me um dia a fazer o que muitos brasileiros não fazem e era natural que fizessem: ir ao sítio do Pombal ver as ruínas da casa onde nasceu Tiradentes. Foi aí, nesse lugar tranquilo, junto ao Rio das Mortes, que, preso de intensa comoção, eu ideei fazer um livro sobre a vida de Joaquim José da Silva Xavier, a que pus logo um título que me pareceu o mais condizente: **Tiradentes, um sonho de grandeza.** Azares da minha vida não permitiram que realizasse a obra, para a qual tenho elementos dispersos, que ainda não pude completar. Há na existência do herói hiatos que ainda não foram suficientemente esclarecidos. Por exemplo, o período que vai de 1775 a 1780, com ele no Rio de Janeiro, por ocasião das guerras do Sul; e o período de pouco mais de ano e meio, que vai de 2 de Março de 1787 a 28 de Agosto de 1788, em que esteve fora de Vila Rica. É lícito supor que tivesse feito uma curta viagem a Portugal, que aliás requereu, para tratar de assuntos particulares. Seria apenas isso? Há ainda mistérios na vida de Tiradentes, que uma investigação metódica, e exaustiva dos manuscritos em arquivos portugueses e brasileiros pode um dia vir a esclarecer. Um desses pontos, e não de menor monta, está no apuramento da verdadeira descendência que teve, para evitar pretensões ridículas e infundadas dos que afirmam ser seus tetranetos: tudo isso redunda em achincalhe de uma das mais nobres figuras da História do Brasil.

Devemos envidar todos os esforços para definir pontos ainda hoje controversos, à luz da verdade histórica e não dos interesses ou paixões pessoais de cada um. Para já, em face do material existente, impresso ou inédito, uma conclusão se impõe acerca da personalidade do Alferes. O que o caracteriza superiormente é uma índole ardentemente apaixonada: pelo bem comum, pela justiça e pela liberdade. Ao serviço destes ideais, uma inteligência muito viva e uma grande imaginação criadora, que augurava já as realizações do porvir. A este tipo de homens chamamos hoje génios, que os contemporâneos infalivelmente costumam ridicularizar e menosprezar, por excederem a medida comum. Há contudo uma excepção notável, que me apraz registar neste momento. O seu confessor, frei Raimundo Penaforte, homem esclarecido e dado às letras, numa das notas ao relato que nos deixou dos últimos momentos dos Inconfidentes, dá-nos a ficha psicológica e moral de Tiradentes nos seguintes termos: «Este homem foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a mesma natureza. Entusiasta, com o aferro de um Ranquer, empreendedor, com o fogo de um D. Quixote, habilidoso, com um desinteresse filosófico, afoito e destemido, sem prudência às vezes, e outras temeroso ao ruído da queda de uma folha; mas o seu coração era bem formado, como se deixará ver no decurso desta narração.» Habituado pelo seu mister a sondar em profundidade o coração humano que, em transe daqueles, depõe qualquer disfarce, frei Raimundo deu-nos o retrato autêntico do homem excepcional que foi levado a confessar. Honra lhe seja.

Senhor Governador do Estado de Minas Gerais, a medalha que recebi de V. Ex.ª, e com a qual me sinto muito honrado, significa para mim, como é natural, uma identificação plena com os ideais de justiça e de liberdade que foram os de Tiradentes. Assumo inteiramente essa responsabilidade, a que a minha condição de português dá, neste momento que atravessa a minha Pátria, particularíssimo relevo. Escreveu com rara lucidez o dr. Tarquínio de Oliveira, aqui presente, no seu livro sobre «As Cartas Chilenas, pág. 299, o seguinte:

«A luta verdadeira não era romper vínculos com Portugal. Lá e cá se iniciava a luta da liberdade. Hoje, que

(Continua na pág. seguinte)

PONTO CRÍTICO

O EXÉRCITO E O POVO

Nove horas da noite, numa transversal à Rua Sampaio Pina, muito perto do Rádio Clube Português. Diálogo de três soldados de Caçadores 5 com um casal de meia idade instalado à janela de um primeiro andar.

A voz feminina: «Subam no elevador e toquem para o primeiro esquerdo. A sopa já está quentinha».

Um dos soldados: «Muito obrigado, minha senhora. Tem que ir um de cada vez porque estamos de serviço».

Este foi apenas um dos muitos episódios do que aconteceu entre o Exército e o Povo em Lisboa. Que o exemplo de ontem frutifique. Hoje e sempre.

ÁLVARO GUERRA

de vez em quando

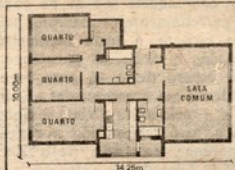
A minha «revolução» durou quase 48 horas. Dois dias inteirinhos, a pé firme, sem sequer «passar pelas brasas», mas com os nervos e a emoção a «adormecerem-me» os sentidos de minuto a minuto. Neste primeiro «de vez em quando» de um período novo da minha vida profissional, que deixa para trás vinte e dois anos de trabalho amarrado a «censura» e «exame prévio», confesso sinceramente que me sinto principiante. Milhares de palavras riscadas pelo lápis azul dos censores querem agora sair da caneta em turbilhão. Haverá, porém, que as disciplinar. Será fundamental. Enquanto não ganho hábitos novos, vou pois limitar-me a contar a história da minha «revolução». Dia 24, ao meio-dia: o Álvaro Guerra chega junto da minha secretária com aquele seu ar de conspirador profissional, perfeitamente enquadrado pela barba farta que lhe esconde o rosto menineiro. Curva-se ao meu ouvido e cicia: «É para logo.» Meses (ou anos?) à espera deste «é para logo» obrigo-o a repetir. Atende-me e acrescenta: «Entre a meia-noite e vinte e a meia-noite e vinte e cinco, na Rádio Renascença, será transmitida a canção «Grândola, terra morena» cantada pelo Zeca Afonso. É o sinal. Meia hora depois entro em contacto convosco.» Os «convosco» sou eu e o Belo Marques. Vamos ficar juntos, algures, na madrugada do movimento. Mas o período que mediou entre o «recado» do Álvaro Guerra e as primeiras notas saídas da garganta do Zeca foi uma eternidade. A segunda eternidade foi depois, até às 4 e 32 da manhã, com os olhos a quererem-se fechar de sono, mas o espírito a recusar-se a perder esta oportunidade de se libertar. Com o transistor agora ligado para o Rádio Clube, de onde sabia vir agora a notícia que confirmaria o sinal da Rádio Renascença. E veio. Que mais hei-de dizer-vos? Estava tudo em ordem. A minha «revolução» começara, começara efectivamente a revolução que espero seja a nossa.

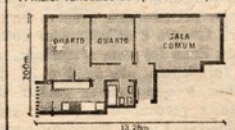
V. D.

RR
REALIMO

Por 1/5
do preço total
e o equivalente
a uma renda de casa
durante 20 anos
já é sua a casa
em

A associação da Realimo com a Companhia de Seguros Império
criou condições de estabilidade e segurança que permitem
o financiamento a 20 anos, garantido por um seguro de vida Império.
Assim, com uma pequena entrada a casa já é sua!
Fica a pagar apenas uma mensalidade, como se fosse uma renda de casa!

QUARTO
QUARTO
QUARTO
SALA COMUM
10,00m
14,25m

Analise! Escolha! Compare!
Habitações de 2, 3, 4 e 5 assoalhadas.
A maior variedade de tipos e condições!

QUARTO
QUARTO
SALA COMUM
7,00m
13,25m

Miratejo é Realimo, a Empresa firmemente orientada no sentido de satisfazer as aspirações de quem se esforça por ter casa própria, garantindo idoneidade, segurança e condições de pagamento ao alcance mesmo das pequenas poupanças. As habitações da 2.ª fase de Miratejo apresentam a maior variedade de modelos e possibilidades. Visite Miratejo; peça esclarecimentos; analise as realidades e forme objectivamente as suas opiniões!

Contacte-nos em Miratejo, telef. 249 0243

Realimo realiza o seu sonho
-pelo seguro!

O TIRADENTES, A INCONFIDÊNCIA E O SEU SIGNIFICADO NA HISTÓRIA DO BRASIL

(Continuação da pág. anterior)

outros vínculos se estabelecem com o pequeno e grande país, certamente cá e lá Tiradentes há-de ser pioneiro de novos horizontes da civilização».

Nada de mais exacto. Efectivamente, a mensagem de Tiradentes está viva ainda no espaço português, onde os seus discípulos desejam modificar novas pátrias. O estilo que adoptámos com o Brasil é esse mesmo: consentir de bom grado que os povos sacudam a tutela e se governem por si mesmos. E se para tanto se põe como condição que os filhos falem a mesma língua e sigam os costumes dos pais, então o povo da Guiné tem direito à sua autonomia. Ainda há pouco por lá andou um professor universitário suíço, Jean Ziegler, e assistiu a um espectáculo emocionante: em plena selva, no internato de Campada, os estudantes, em livros portugueses impressos na Suécia, seguiam curso de cultura e literatura portuguesa e entoavam estrofes do imortal Camões!

Esta velha semente portuguesa, lançada à terra por bons pomareiros, ainda floresce e dá frutos de bom sabor. Criou o Brasil e há-de criar outros Brasis por esse mundo fora. Para glória de todos nós, da língua e da cultura que representamos e defendemos. E glória também a Tiradentes, que nos mostrou, com sacrifício da vida, que assim é que deve ser.»

(Discurso proferido ao receber, em Ouro Preto, a medalha da Inconfidência.)

MANUEL RODRIGUES LAPA

JORNAL DE COIMBRA

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO SOBRE O CANCRO

Com a maioria dos seus membros, reuniu a Direcção do Núcleo Regional do Centro da Liga Portuguesa contra o Cancro, que tomou conhecimento da realização no sábado e no domingo de sessões de esclarecimento em Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, no distrito da Guarda, com as quais se procurará, como em todas as anteriores, constituir grupos de apoio ao Núcleo nas respectivas regiões, ao mesmo tempo que se transmitirão alguns conhecimentos básicos sobre a necessidade do diagnóstico precoce da doença e seus sinais de alerta, o que poderá vir a contribuir para uma diminuição substancial de casos com um certo grau de malignidade.

As referidas localidades deslocar-se-ão o dr. Manuel Antunes da Silva, cirurgião do Centro de Coimbra, do Instituto Português «Francisco Gentil» e dirigente do Núcleo, acompanhado pela assistente social, D. Maria de Lurdes Lourenço, que preparou, antecipadamente, aquelas sessões.

ASSEMBLEIA GERAL DE AMPOR — Amoníaco Português, S. A. R. L.

Sob a presidência do Doutor Cimourdain de Oliveira, em representação do Banco Nacional Ultramarino, realizou-se a Assembleia Geral de AMPOR — Amoníaco Português, S. A. R. L.

O Doutor Lopo Cancella de Abreu, Presidente do Conselho de Administração, fez um relato acerca das perspectivas da empresa, cujo futuro se antevê com bastante optimismo. Em resumo, disse: Além dos conjuntos de unidades chamadas Estarreja I e II, que continuam produzindo em condições competitivas oxigénio, hidrogénio, azoto, amoníaco, ácido sulfúrico e sulfato de amónio, devem entrar em funcionamento no próximo mês de Setembro as fábricas que formam o complexo denominado Estarreja III, com produção de ácido nítrico, nitratos e adubos compostos correspondendo a 410 000 contos de investimento.

Em estreita colaboração com a Sacor e com grandes grupos multinacionais, está em marcha o projecto de Estarreja IV, referente ao vasto campo de petroquímica de aromáticos, para a produção de menómeros e fibras poliester, poliamidas e ftalatos, empreendimentos estes que, só por si, representarão em conjunto um investimento superior aos três milhões de contos.

Sempre no âmbito da petroquímica de aromáticos e além destas linhas de produção, cuja preparação está a cargo do G. E. P. A. (Gabinete de Estudos da Petroquímica de Aromáticos), que é o orgão executivo da associação Amoníaco Português/SACOR, sairão ainda no primeiro semestre do ano corrente as consultas para as novas fábricas de Anilina (Estarreja IV-A) e de T. N. T. (Estarreja IV-T). Por último, vai ser entregue dentro em breve o pedido para a instalação de uma fábrica de corantes (Estarreja-Q), com a qual o Amoníaco Português dará o primeiro passo no campo da química fina.

Já noutro continente foi também atribuído ao Amoníaco Português o empreendimento da construção e exploração de uma grande fábrica de adubos em Angola, próximo de Caála (Robert Williams), Distrito de Huambo, simplesmente porque foi a nossa Empresa, de entre as concorrentes, aquela que, sem quaisquer dúvidas, apresentou a melhor, mais bem estruturada e adequada proposta. Espera-se que a fábrica de Caála entre em funcionamento no final de 1976.

Há, portanto, e como se vê, disse a terminar as suas considerações o Doutor Cancella de Abreu, fortes razões para encarar com a maior confiança o futuro da nossa Empresa.

O Administrador-Delegado, Engenheiro João Paulo Castello Branco esclareceu, seguidamente, algumas perguntas feitas pelos accionistas, referindo a propósito as perspectivas animadoras que se espera venham a concretizar-se, no plano da exploração, já no exercício em curso.

A finalizar, foram aprovados por unanimidade o relatório e as contas referentes a 1973 bem assim como votos de louvor aos Conselhos de Administração e Fiscal, à Mesa que dirigiu os trabalhos e a todo o pessoal.

SESSAO DO CLUBE DE CINEMA

Hoje, às 21.30 h., no salão de festas do Centro de Recreio Popular do Bairro Marechal Carmona, a Direcção do Clube de Cinema de Coimbra leva a efeito mais uma sessão, na qual será apresentado o filme de Buñuel, «Las Hurdes» (Terra sem pão) e, ainda, «Fonte de Mémoire du Monde» e «Gauguin», de Alain Resnais, e «O Salsous, o Châteux», de Agnés Varda.

As sessões de Maio próximo serão dedicadas ao novo cinema alemão.

CINEMAS

Avenida, às 21.30, «Projecção privada» (M/18); Gil Vicente, às 21.30, «Jesus Cristo Superstar» (M/14).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Montes Claros — Rua Dr. António José de Almeida, telef. 25904; Viegas & Coelho — Rua da Sofia, telef. 22089.

Publicações recebidas

- Revista da FOGB.
- A Indústria do Norte de Portugal.
- Revista Mensal de Numismática, de Janeiro
- «A Indústria do Norte de Portugal», de Fevereiro

TVER E CONTAR

TELEVISÃO, DIA 1

Às 18 e 40 de ontem nasceu uma outra R. T. P.. Ou, dizendo melhor: começou, com muitos anos de atraso, o que espera que seja, finalmente, a Televisão portuguesa.

Antes, ontem ainda, haviam sido apenas preliminares. Sinais que ajudaram a esperar. Mas às 18 e 40 apareceram dois locutores que todos conhecíamos de uma outra TV. de uma TV velha, anquilosada persistente. Apareceram dois locutores conhecidos, e um deles leu um texto diferente de tudo o que antes viera ler, ao longo de anos. Eram o mesmo rosto, a mesma voz, mas outras as palavras. Mas outra a televisão.

Depois, foi a «Heróica». Sob a égide de Beethoven estava a começar a televisão em Portugal.

Por isso não pode haver hoje, naturalmente, comentário à emissão. O tempo é de olhos abertos de pasmo, de expectativa, de esperança. Tempo de ver, muito mais que tempo de contar.

Tempo de registar, em todo o caso, que ontem, como nunca antes, os telespectadores portugueses estiveram atentos ao que a TV iria trazer-lhes. Não para descobrir, por detraz do que vissem e ouvissem, os autênticos contornos da realidade. Não para se apoiaram durante algumas horas. Não para evitarem pensar nos problemas. Ontem, os telespectadores estiveram à espera de que a televisão lhes trouxesse a verdade. Que a R. T. P. transmitisse, não a reportagem de secundaríssimas cerimónias convencionais, mas os factos fundamentais em termos de veracidade.

Ontem, os telespectadores, pela primeira vez, acreditaram que a televisão serve para informar.

CORREIA DA FONSECA

A HORA NOVA DA VOZ QUE TEMOS

Gostava que os companheiros José Mário Branco, Sérgio Godinho, Luís Cília, Francisco Fanhais, António Macedo estivessem a meu lado no momento em que redijo esta nota.

Melhor do que eu, qualquer um deles poderia contar o que foi a amargura destes anos de exílio e de silêncio, o desespero destas décadas de terror e de suspeita. Exilados em França, no Canadá, na Suécia, espalhados por esse mundo com os olhos virados para a pátria usurpada, eles vivem neste instante a alegria de uma hora nova.

Aqui, em Lisboa, em Setúbal, em Ovar, José Afonso, Adriano, Manuel Freire, eu e outros sentimos diariamente a mutilação dos nossos textos, a impossibilidade de dizermos claramente aquilo que nos apetecia dizer. Foi o silêncio imposto: as sessões sistematicamente suspensas, a proibição dos discos, a gravação condicional de certas canções. Durante todos estes anos, furando uma vez por outra o bloqueio, a canção portuguesa teve o seu papel transformador.

Centenas de sessões em todo o país, realizadas na exiguidade das colectividades, no calor fraternal das salas de convívio dos sindicatos, mostram que a canção não cruzou os braços e teve boas razões para fazê-lo. Por isso lamento que o Zé Mário, o Sérgio e o resto da malta não estejam aqui neste momento. A força comum da nossa alegria seria agora a forma mais eficiente de usarmos a voz que temos.

J. J. L.

voz Off

Por volta das 3 horas da manhã de ontem militares dos quartéis do Campo Grande e do Lumiar ocuparam os estúdios da R. T. P. em Lisboa. Só algumas horas mais tarde, no entanto, o Movimento das Forças Armadas pôde começar a difundir através das câmaras de Televisão os seus comunicados.

Instrumento essencial da reacção, neste país, desde que foi fundada há 17 anos a R. T. P. decidiu «portar-se mal» até ao último instante fazendo proteger os suas antenas em lugar seguro até ao fim da tarde.

A partir desse momento duas caras conhecidas do famigerado «Telejornal» anunciaram que a RTP também ao serviço do Movimento das Forças Armadas.

Responsável pela alienação de milhares de cidadãos portugueses, com a sua propaganda reaccionária e com os seus mecanismos culturais extremamente obsoletos a R. T. P. fez durant eestes 17 anos impunemente aquuilo que nunca julgámos que fosse possível, fazer, tornando suas e mais que suas as opções do Governo. Foram anos inteiros de «TV 7», de «Telejornal» de inqualificáveis apontamentos assinados por Dutra Faria, Barradas de Oliveira e sequazes. Foram anos inteiros de ultraje, entendendo-se por ultraje o modo como a informação foi ali sistematicamente mutilada e adulterada.

Por isto a R. T. P. nunca poderá «pagar» convenientemente.

Ao princípio da noite, pela boca de Fialho Gouveia, ficámos a saber que a R. T. P. estava incondicionalmente com o Movimento. Nesta altura gostaríamos que Fialho nos informasse de uma coisa: se durante anos a R. T. P. se chamou Ramiro Valadão, Migeul de Araújo, Oliveira Martins, que «televisão» se estarão estes senhores a preparar para fazer agora?

JOSÉ JORGE LETRIA

«FILOPÓPOLUS» NA MARINHA GRANDE

O Grupo de Teatro do Campolide Atético Clube representa amanhã, dia 27, às 21.45, na Marinha Grande, e 28 às 17.30 no Sport Clube de Lavos a peça «Filopopolus» de Virgílio Martinho, com encenação de Joaquim Benite.

Estes espectáculos estão integrados num programa de digressões a que o Grupo se propôs e para o qual está convidado.

Roubaram o «Artur»

LONDRES — A Polícia lançou um apelo especial aos gatunos que roubaram «Artur», o gato da televisão, que pode morrer se não tomar as suas pílulas.

Sexta-feira à noite, alguém raptou o felino, conhecido de milhões de telespectadores britânicos, visto que figura em vários anúncios de alimentos para animais.

Jean Greene, dona de «Artur», diz que ele sofre de uma infecção na boca e não pode comer, a menos que tome antes um medicamento especial. Assim, foi lançado um apelo aos raptores para que entrem em contacto com ela, para receberem o remédio.

«Não se trata de nenhum truque publicitário. É mesmo verdade», declarou o inspector-chefe Robert Storey, que dirige a investigação do caso.

depois de "A NOITE AMERICANA"
o novo sucesso estrondoso de
JACQUELINE BISSET
em
SEGREDOS PROIBIDOS
(SECRETS)

GRUPO D · 18 ANOS
EASTMANCOLOR
TALMA FILMES

CARTAZ DO DIA

ALVALADE

METRO — ALVALADE
Telefone 71 74 80
HOJE — ESTREIA
Grupo D - 18 anos
Color By de Luxe
FORA DE SÉRIE!
Dos homens de «Bullitt» e «The French Connection» nasce...
O ESQUADRÃO INDOMÁVEL
Com Roy Scheider — Tony Lo Bianco — Larry Haines

APOLO 70

Telefone 76 33 19
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA!
«UM DOS 10 MELHORES FILMES DO ANO!»
Technicolor — Grupo D.18 anos
«AMERICAN GRAFFITI»
de GEORGE LUCAS
NOVA GERAÇÃO
HOJE às 24.00 horas — O RISO DA MEIA-NOITE — Grupo D (18 anos) «SUITE EM HOTEL DE LUXO» de ARTHUR MILLER com WALTER MATTHAU

→ RESTAURANTE
→ BAR
→ SNACK
ENTRE EM ÓRBITA NO
APOLO 70
ABERTO ATÉ ÀS 3 HORAS DA MADRUGADA
Avenida Júlio Diniz, 10
LISBOA
(Junto ao Campo Pequeno)

AVIS

Telefone 4 71 63
Às 15.30 e 21.45
Eastmancolor — Grupo D - 18 anos
2.ª SEMANA
MALTESES BURGUESES E ÀS VEZES...
YOLA — ARTUR SEMEDO

BERNA

Telefone 77 60 98
Às 15.15, 18.30 e 21.45
20.ª SEMANA!
Grupo C - 14 anos
Technicolor — Todd-ao 35
O filme de NORMAN JEWISON
JESUS CRISTO SUPERSTAR
HOJE às 00.30 horas — MEIA-NOITE FANTÁSTICA — Grupo D (18 anos) «O HOMEM SINISTRO» de ALFRED VOHRER, com JOACHIM FUCHSBERGER

CASTIL

Telefone 53 01 94
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Eastmancolor — Grupo D - 18 anos
SEGREDOS PROIBIDOS
JAQUELINE BISSET

CONDES

Telefone 32 25 23
HOJE — ESTREIA
Grupo D - 18 anos
Color By de Luxe
FORA DE SÉRIE!
Dos homens de «Bullitt» e «The French Connection» nasce...
O ESQUADRÃO INDOMÁVEL
Com Roy Scheider — Tony Lo Bianco — Larry Haines

OMEGA
APRECIE A NOVA COLECÇÃO nos agentes especializados
TORRES JOALHEIROS
RUA AUREA, 225 - LISBOA.

EDEN

Telefone 32 07 68
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Eastmancolor — Grupo C - 14 anos
CANTINFLAS
ÀS ORDENS DE VOSSELÊNCIA

ESTÚDIO

Telefone 55 51 34
(Metro — Alameda)
3.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
A obra-prima de INGMAR BERGMAN
RITUAL
Com INGRID THULIN

ESTÚDIO 444

Telefone 77 90 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45
27.ª SEMANA
Eastmancolor — Grupo D 18 anos
BERNARD LE COQ
Maureen Kerwin — Michel Galabro
O PORTEIRO

EUROPA

Telefone 66 10 16
Às 15.15
Eastmancolor — Grupo C - 14 anos
SIMONE SIGNORET — ALAIN DELON
3.ª SEMANA
ALMAS A NU
Às 21.30 — «VEM AÍ OS CABELUDOS» — Boni e Michael Galabrou — Grupo D - 18 anos

IMPÉRIO

Telefone 55 51 34
Metro — Alameda
Às 15.15 e 21.30
Technicolor — Grupo D - 18 anos
MALCOLM McDOWELL
UM HOMEM DE SORTE
Um filme de LINDSAY ANDERSON
SESSÃO CLÁSSICA às 18.30 hoje
Raros são filmes tão perturbadores como a obra-prima de Jean Renoir
A REGRA DO JOGO
Com Marcel Da Lio — Nora Gregor — Mila Parely

MUNDIAL

Telefone 53 87 43
Às 15.15, 18.30 e 21.45 horas
Colorido — Grupo D - 18 anos
4.ª SEMANA
O NOSSO AMOR DE ONTEM
BARBRA STREISAND
ROBERT REDFORD

LIDO

Às 21.30 h.
Às 21.30 h. — Grupo C - 14 anos
ÀS ORDENS DE VOSSELÊNCIA
O mais recente filme de Cantinflas

CINESTÚDIO LIDO

Às 15.30 e 21.45 — Grupo C - 14 anos
A BALADA DO SOLDADO OS HERÓIS
O moderno cinema russo que deverá conhecer

LONDRES

Telefone 73 13 13
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D — (18 anos)
5.ª SEMANA
O CONVITE
CANDIDATO AO OSCAR MELHOR FILME 1974

SNACK-BAR LONDRES
PUB "THE FLAG"
O MELHOR ENCONTRO GASTRONÓMICO
AV. DE ROMA, 7-A
ABERTO ATÉ ÀS 2 HORAS DA MANHÃ

MONUMENTAL

Telefone 55 51 31
Às 15.15 e 21.30 h.
3.ª SEMANA
Grupo D - 18 anos
CLINT EASTWOOD em
HARRY, O DETECTIVE EM ACÇÃO
Panavision Tecnicolor
QUINZENA DO BOM CINEMA
QUINZENA O HOMEM NO SEU TEMPO

ODEON

Telefone 32 62 83
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Grupo D - 18 anos
A última expressão das Artes Marciais
CRUEL VINGADOR
Com Chen Kuan-Tai

PATHÉ

Telefone 82 19 33
(Metro Arroios)
2.ª SEMANA!
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Colorido — Grupo D (18 anos)
CONDE YORGA VAMPIRO
Um filme de BOB KELLJAN

POLITEAMA

Telefone 32 63 15
Às 15.15, 18.15 e 21.45
2.ª SEMANA
Eastmancolor — Grupo A - 6 anos
EUSÉBIO A PANTERA NEGRA

ROMA

Telefone 72 77 78
Às 15.30 e 18.30
4.ª SEMANA
Colorido — Grupo D - 18 anos
BARBRA STREISAND — ROBERT REDFORD
O NOSSO AMOR DE ONTEM
Às 21.30 — «OS HERÓIS»
Grupo C - 14 anos

ROXY

Telefone 4 85 60
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Technicolor — Grupo D (18 anos)
RITA TUSHINGHAM em
ATÉ AO AMANHECER
Um filme estranhamente bizarro!

SÃO JORGE

Telefone 5 41 53 5 41 54
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Richard Chamberland — Glenda Jackson
TCHAIKOVSKY, DELÍRIO DE AMOR
O célebre filme de Ken Russell
Grupo D - 18 anos

SATÉLITE

Telefone 56 26 32
6.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Color — Grupo D 18 anos
A obra prima de NAGISA OSHIMA
CERIMÓNIA SOLENE

TIVOLI

Telefone 5 05 95
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Paul Newman — Robert Redford
Robert Shaw
A GOLPADA
THE STING
Premiado com 7 Oscares, incluindo melhor filme, melhor realizador

VOX

Telefone 72 08 08
ENCERRADO TEMPORARIAMENTE PARA BENEFICIAÇÕES

Na nossa secção de informações úteis (página 22) publicamos o complemento ao cartaz de espectáculos com todos os Teatros e Cinemas de Lisboa e arredores

CONCURSO DE VIOLINO NA BÉLGICA

O Curso Internacional de Interpretação para Violinistas, organizado pelo Ministério belga da Educação Nacional e Cultura francesa, em colaboração com a província e a cidade de Namur, realiza-se na referida cidade de 24 de Junho a 12 de Julho de 1974.

O número de alunos deste curso é limitado e por conseguinte os candidatos terão de se submeter a audições de selecção. As inscrições têm que ser feitas até 10 de Junho do ano corrente. Todos os pedidos de informação extra terão de ser dirigidos ao Ministère de la Culture Française, Direction des Arts Musical et Lyrique, 3ème étage, Av. de Cortenbergh, 158, 1040 Bruxelles.

RENÉ CLAIR HOMENAGEADO EM CANNES

CANNES — O Festival de Cannes prestará este ano homenagem ao realizador René Clair, convidado para presidir ao júri do certame.

No espectáculo inaugural, em 9 de Maio, a curta-metragem «Entrance», dirigida por René Clair há precisamente cinquenta anos, antecederá a projecção do filme «Amercord», de Federico Fellini.

No dia 12 será exibida a película «As Grandes Manobras» do académico-cineasta, precedida de uma antologia da sua obra fílmica.

Não há machado que corte...

WORTHING (INGLATERRA) — O actor que desempenha o papel do condenado Thomas Moore na versão teatral de «A Man for all Seasons» quase ia perdendo a cabeça. Quando não a conseguiu retirar a tempo de evitar o machado do executor.

Teve sorte, mesmo assim, David Beale, porque o machado era de madeira.

No último ensaio da peça, Beale, de acordo com o guião, quando o carrasco se preparava para desferir o golpe, devia manejar uma alavanca escondida que afastaria um pouco o bloco de madeira, colocando a sua cabeça fora do alcance do machado, ao mesmo tempo que para o estrado lançaria uma cabeça de boneco.

A alavanca, porém, encravou-se e tudo se passou como numa execução real.

O ferimento com que Beale ficou no pescoço necessitou de seis pontos.

REALIDADES E PERSPECTIVAS DO TEATRO EM PORTUGAL

A Sociedade Portuguesa de Autores, sob os auspícios da Fundação Calouste Gulbenkian, vai promover na sede desta última instituição, uma série de colóquios subordinados ao título «Realidades e Perspectivas do Teatro em Portugal».

Esses colóquios, em número de seis, terão lugar às 18.30 horas na sala 1 da zona dos Congressos da referida Fundação, todas as segundas-feiras, desde 29 de Abril a 3 de Junho. Neles serão abordados problemas respeitantes ao Teatro Profissional, ao Teatro de Amadores, ao Teatro através da Televisão, ao Teatro e a Crítica. Na qualidade de moderadores, estarão presentes Luís Francisco Rebello, Bernardo Santareno, José Pala e Carmo, Miguel Franco, Rogério Bracinha e David Mourão-Ferreira. Entre os intervenientes, conta-se desde já, além de outras, com a presença de destacadas figuras do nosso meio teatral como Armando Cortês, Artur Ramos, Carlos Porto, César de Oliveira, Fernanda Lapa, Francisco Nicholson, Herlander Peyroteo, Joaquim Benite, Mário Barradas, Rogério Paulo e Urbano Tavares Rodrigues.

O primeiro colóquio, sobre o Teatro Profissional, na específica modalidade de Teatro Declamado, realizar-se-á segunda-feira, dia 29, à hora indicada, sob a presidência do dr. Luís Francisco Rebello e com a participação de Armando Cortês e Rogério Paulo.

SATÉLITE
depois de
O ENFORCAMENTO
Animatógrafo apresenta
CERIMONIA SOLENE
(GISHIKI)
A OBRA PRIMA DE
NAGISA OSHIMA
6.A SEMANA
grupo D/18 anos
HORÁRIO DAS SESSÕES:
TODOS OS DIAS: 15.30, 18.30 E 21.45 HORAS
ÀS SEXTAS E SÁBADOS: SESSÃO SUPLEMENTAR ÀS 0.15 HORAS

«EXOTIC BIRDS AND FRUIT»

— PROCOL HARUM EM JEITO «FUNKY»

Aquilo de que com «Grand Hotel» se começou a suspeitar, confirma-se, agora, com «Exotic Birds and Fruit»: os Procol Harum mudam de rumo. Desembaraçado definitivamente de Matthew Fisher e de Robin Trower, Gary Brooker parece ser agora o único e todo poderoso guia do destino dos Procol Harum.

Tendo desaparecido do seio do grupo as três poderosas forças que estes músicos representavam em conjunto, e que se «seguravam» mutuamente, imprimindo-o numa certa direcção, muito rigorosa mas extremamente benéfica, os Procol Harum parecem encontrar-se, neste momento, nas mãos de apenas um deles, que assim se encontra à vontade quanto ao que dêles há-de fazer. Até que ponto isso pode ser benéfico ou prejudicial é o que vamos aqui tentar descortinar.

Em relação ao que dos Procol Harum é legítimo esperar, «Exotic Birds and Fruit» desilude um pouco. Principalmente para quem o ouve pela primeira vez. Trata-se, de facto, de um disco que não «entra» à primeira. Só depois de uma terceira ou quarta audição é possível começar realmente a apreciá-lo. Talvez este facto se deva a uma certa falta de hábito de ouvir os Procol Harum tocar desta música, se bem que em «Grand Hotel» tivéssemos já sido preparados para ela. O facto é que «Grand Hotel», agora pode-se afirmá-lo, é um álbum de transição, e se a faixa «Grand Hotel» propriamente dita nos lembra os Procol Harum que tínhamos ouvido até «Broken Barricadas», «Bringing home the bacon» dá-nos uma visão dos Procol Harum do futuro, precisamente aqueles que já se encontram em «Exotic Birds and Fruit». O que terá contribuído para isto? Em primeiro lugar parece que a perda de Matthew Fisther foi irremediável. A feição «clássica» que o seu órgão dava ao som do grupo perdeu-se com a entrada de Chris Copping, indubitavelmente muito mais dirigido para o rock. Neste disco esse mesmo facto é visível.

Em «As strong as Samson» a sua forma de acompanhar é compatível com o ex-som Procol Harum, mas o seu solo ficaria extremamente bem colocado em qualquer faixa de Dylan, principalmente se considerarmos a época de «Blonde on Blonde» e «Highway 61 revisited». Talvez este facto tenha ajudado Brooker a escolher o futuro rumo do grupo.

Quanto a Mick Abrahams, o substituto de Robin Trower, ele faz precisamente quase só isso: substitui-o. Na maior parte das faixas ele faz apenas o que Trower faria, o som da sua guitarra é o mesmo, a sua maneira de tocar segue de perto a do seu antecessor. Este facto é, em parte, aborrecido, porque prejudica qualquer tentativa de julgamento que se pretenda fazer à sua habilidade. Apenas em «Monsieur R. Monde» ele é posto à vontade, tocando talvez como o faria num grupo onde não tivesse o dedo de Gary Brooker a apontar-lhe o caminho a seguir. Se deste curto solo se puder fazer um juigamento, eu direi então que Abrahams «até» toca.

Bom e inconfundível continua a sê-lo Brian Wilson. O seu trabalho de bateria continua a ser dos melhores, não se limitando a seguir habituais «patterns» rítmicos, mas evoluindo ao máximo dentro do que lhe é possível. A sua entrada em «The Idol» é espantosa, e o seu trabalho nessa faixa é talvez o seu ponto mais alto no decorrer de todo o disco. Notemos, no entanto, que nada disso lhe seria possível se não tivesse a coadjuvá-lo na parte rítmica a precisão de Alen Cartwright, cujo baixo não permite que as evoluções de Wilson deixem espaços em branco.

Procol Harum: um èxito que não pára

De «Exotic Birds and Fruit» aqui fica, portanto, isto. Considerado no Rotral da obra dos Procol Harum é, talvez, o seu álbum mais fraco, embora não seja de modo algum mau.

Os Procol Harum continuam a ser uma unidade muito precisa e em que os músicos se complementam mais do que tentam distinguir-se uns dos outros. Keith Reid, por sua vez, muda também um pouco o estilo das suas letras, embora conservando um estilo muito pessoal. Apenas em «New lamps for old», que talvez seja a faixa mais bonita de todo o disco, se encontra um pouco do «absurdo» a que sempre nos habituou.

Uns Procel Harum mais «funky» é o que aqui se nos depara. Porém, e apesar de bem se desembaraçarem da sua missão, eles não nos conseguem, por agora, fazer esquecer os velhos Procol Harum de «A Salty Dog» ou, porque não os de... «A Whiter shade of pale»!!!

JOÃO FILIPE BARBOSA

FRED HAINES ADAPTA HESSE

BASILEIA, SUIÇA — Fred Haines, mais conhecido como argumentista, estreou-se na realização com o filme «O Lobo das Estepes», extraído do romance homónimo de Hermann Hesse. Os exteriores foram rodados em Basileia com Dominique Sanda, Max Von Sydow, Pierre Clementi e Carla Romanelli como principais intérpretes.

OS CINEMAS QUE HÁ EM NOVA YORK

NOVA IORQUE — Segundo dados divulgados num relatório publicado pela Unesco, era de 248 000 o número de salas de cinema existentes em todo o mundo em 1970, num total de 78 milhões de lugares. Este número corresponde a uma média de 27 lugares por cada mil pessoas.

BF-2/74

notas em ritmo vivo

Você não precisa de saber música
para interpretar esta escala.
Basta reunir as notas da sua poupança
e dar-lhes a melhor aplicação.
O Banco de Fomento Nacional
oferece-lhe um ritmo vivo, isto é, rentável
para a sua poupança em qualquer das duas
modalidades de depósito a prazo de que você pode dispor.

— Depósito a prazo a um ano e um dia
com taxa de juro de 6,5%
— Depósito de poupança, com entregas programadas
(mensais, trimestrais ou semestrais)
e taxa de juro crescente até 7,5%

Visite-nos.
Ajudamo-lo a escolher o «compasso» que mais lhe convém.

BANCO
DE FOMENTO
NACIONAL

EXPLOSÕES NO ESPAÇO

WASHINGTON, 26 (R.) — Uma série misteriosa de explosões tremendas nas profundezas do espaço tem sido registada há vários anos por equipamento destinado a captar possíveis violações do tratado proibindo ensaios nucleares, segundo revelaram cientistas nesta capital.

Informações vindas de uma rede de satélites indicaram 27 explosões, algumas tão potentes que poderiam ter produzido, numa questão de segundos, a mesma quantidade de energia gerada pelo sol numa semana.

AS CREDENCIAIS DE PORTUGAL NA O. N. U. JÁ TINHAM SIDO POSTAS EM DÚVIDA

NAÇÕES UNIDAS, 26 — (R.) — Pôs-se a noite passada em dúvida as credenciais das delegações de Portugal e da África do Sul junto das Nações Unidas durante uma sessão, de duas horas e meia, da Comissão de Credenciais da Assembleia Geral, que não chegou a conclusão.

A organização de nove nações marcou para hoje nova sessão.

Representantes da Tanzânia e do Senegal citaram o sistema eleitoral só para brancos, que vigora na África do Sul, ao pedirem a rejeição das credenciais da delegação daquele país à actual sessão especial da Assembleia sobre problemas económicos.

Alegaram também que a delegação de Portugal deveria ser declarada como representante somente da nação metropolitana, dentro das suas fronteiras europeias, e não os seus territórios africanos.

As credenciais da África do Sul foram rejeitadas na sessão regular da Assembleia do Outono passado e as de Portugal declaradas como sendo limitadas.

Contudo, membros da Comissão de Credenciais não puderam ontem apresentar uma fórmula que fizesse com que as decisões tomadas no ano passado pela Assembleia se aplicasse à actual sessão.

O representante da Tanzânia propôs uma fórmula nos termos da qual as credenciais de todas as delegações seriam

• JAPÃO E ESTADOS-UNIDOS EVITARAM UMA DECISÃO

aceites «sujeitas às decisões e reservas exprimidas» na sessão regular do último Outono.

A comissão adiou a sessão após o delegado japonês afirmar desejar mais tempo para estudar o assunto.

Os Estados Unidos avisaram que, como no ano passado, se oporiam a qualquer rejeição ou limitação de credenciais devido a fundamentos políticos.

Juntamente com o Japão os Estados Unidos declararam que a tarefa da comissão era simplesmente a de assegurar que as credenciais tivessem sido passadas pelas autoridade do governo apropriado. Não deveria condenar os regimes que passassem os documentos.

Seja qual for a decisão a que chegue finalmente a comissão, espera-se que a Assembleia Plenária siga a orientação do ano passado.

Contudo, como a Assembleia deverá terminar a sua sessão especial na próxima segunda ou terça-feira, a sua acção não terá quaisquer efeitos práticos na participação das delegações de Portugal e da África do Sul na actual sessão.

REMODELAÇÃO GOVERNAMENTAL NO EGIPTO

CAIRO, 26 (R.) — Sadat procedeu a uma remodelação ministerial destinada a apressar a reconstrução da economia egípcia, arruinada pelas guerras com Israel.

O homem encarregado da tarefa de sanar a economia foi o dr. Abdel Aziz Hegazi, nomeado para o novo cargo de primeiro vice-primeiro-ministro.

O dr. Hegazi, de 50 anos, é um perito económico e professor universitário. Como vice-primeiro-ministro e titular da pasta da Economia no gabinete cessante introduziu muitas reformas nos campos do Comércio Externo e dos Investimentos.

O presidente Sadat continua a ser o chefe do Governo e Ismail Fahmi a ser o titular da pasta dos Negócios Estrangeiros. Espera-se que o novo gabinete preste juramento dentro dos próximos dias.

BREVE

● KENNEDY REGRESSOU AOS E.U.A. — O senador democrático norte-americano Edward Kennedy regressou ontem aos E.U.A. de uma visita de seis dias à Rússia e declarou não haver alteração quanto à política soviética referente à emigração judaica.

● *LUTA NO GOLA — Tropas sírias tiveram um reconiro com uma patrulha israelita na zona do Monte Hermon tendo a luta alastrado a outros sectores da frente dos Montes de Golan — afirma-se num comunicado militar sírio. Acrescentando-se que foram infligidas pesadas baixas ao inimigo.*

● ORÇAMENTO ESPACIAL AMERICANO — A Câmara dos Representantes dos E.U.A. aprovou para o Senado um novo orçamento espacial no montante de 3.26 biliões de dólares, uma verba que excede em treze milhões a soma pedida pelo governo.

A quantia indicada inclui 820 milhões de dólares para o aperfeiçoamento de lançadeira espacial que a NASA espera ter pronta para um voo experimental orbital no verão de 1979.

● *SUSPENSA A AJUDA DA LIBIA AO EGIPTO — O governo líbio resolveu suspender o seu apoio financeiro ao Egipto, decidido durante a cimeira árabe de Cartum em 1967 — anunciou o jornal «Al Akhbar».*

COLAPSO DO DOMÍNIO BRANCO NA RODÉSIA E MOÇAMBIQUE

— afirmou-se em editorial em «The Guardian»

LONDRES, 24 (R.) — O domínio branco tanto na Rodésia como em Moçambique começa a abrir fendas visíveis, segundo afirma em editorial «The Guardian».

O jornal comenta o artigo que publicou na primeira página sobre a existência de um relatório secreto que teria sido elaborado por oficiais portugueses dissidentes.

Esse relatório, segundo «The Guardian», alegaria que tropas rodesianas actuam em vastas zonas de Moçambique e confirmaria anteriores acusações sobre chacinas cometidas por tropas portuguesas.

Este documento é mais um sintoma do descontentamento que actualmente se verifica abertamente em Portugal devido ao autoritarismo do regime, comenta o editorial.

«O fardo que pesa sobre os portugueses em consequência de três guerras impopulares e que no podem ser ganhas é suficiente para abalar até mesmo a mais severa ditadura» — escreve.

«O colapso do domínio branco em Moçambique e, portanto, na Rodésia pode não se verificar muito depressa, mas fendas que durante muito tempo estiveram escondidas começam agora a ser visíveis.

«O facto do regime de Smith ter de permitir penetrações cada vez mais profundas das suas forças através da fronteira de Moçambique, em missões de desespero, a julgar pelo relatório dos oficiais portugueses, poderá criar na Rodésia o mesmo fatalismo que Portugal já começa a sofrer».

N. R. — Este foi uma das muitas centenas de telegramas que a «comissão de exame prévio» do derrubado governo proibira.

COMÍCIO GIGANTESCO COM MITTERRAND APOIADO POR MARCHAIS

PARIS, 26 (R.-UPI) — A campanha presidencial do socialista François Mitterrand ganhou hoje extraordinário calor e animação quando o candidato da esquerda unida foi delirantemente aplaudido num gigantesco comício político.

Mitterrand — que disse sentir que a presidência está cada vez mais ao seu alcance—foi apoteoticamente aclamado na noite passada nos arredores de Paris por uma multidão que os organizadores computaram em cerca de 100 000 pessoas que se aglomeraram num vasto salão de exposições da Porte de Versailles com o tamanho de cinco campos de futebol.

O comício constituiu um dos principais programas da sua campanha e Mitterrand discursou com o apoio de George Marchais líder do partido comunista francês.

Mitterrand prometeu levar a cabo os aspectos básicos do programa conjunto das esquerdas, que estabelece várias nacionalizações em diversos sectores da indústria e inclui uma longa lista de medidas de carácter social.

O «ponto-chave» de Smith

SALISBURIA, 26 (UPI) — «Não temos quaisquer pormenores e não sabemos quem é que está por detrás do movimento» — declarou um informador militar português na cidade da Beira, contactado telefonicamente pela UPI, a partir da Rodésia.

O mesmo informador acrescentou que a situação naquela cidade moçambicana está normal e salientou que tanto as tropas como os comandos não tinham ainda conhecimento de quem são os dirigentes do movimento das forças armadas de Lisboa.

Entretanto, o primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, declarou em entrevista à televisão, que a segurança de Moçambique era o ponto-chave do êxito da Rodésia na sua luta contra os terroristas africanos.

Reforço da política de Vorster pelo seu restrito eleitorado

JOANESBURGO, 26 (R.) — O Partido Nacional, que governa a África do Sul e que introduziu o «apartheid» no mundo, «ganhou» mais três lugares na eleição de quarta-feira, dispondo agora de um total de 122 e de uma maioria de 75. O Partido Unido, o vencido na consulta às urnas, obteve 41 lugares, ou seja cinco menos do que na última eleição. Entretanto, aumentou o apoio ao pequeno Partido Progressivo.

A grande maioria do eleitorado e a completa falta de êxito do Partido Nacional Herstigte, ultra-conservador, cujo chefe fez a campanha com a plataforma de «O homem para o homem branco», deram a Vorster o que os seus críticos classificaram como um «cheque em branco» para os próximos cinco anos.

O sucesso poderá encorajar Vorster a prosseguir rapidamente com a edificação do pilar principal na sua política denominada «apartheid positivo», a independência de zonas delimitadas onde são obrigados a viver africanos.

Estando agora desacreditados os avisos do partido unido acerca dos perigos de criar estados negros na África do Sul, as primeiras diligências de Vorster poderiam muito bem ser na direcção do Transkei, o maior, mais antigo e mais desenvolvido daquelas áreas, que pretendem a independência dentro de cinco anos.

Em vez de se arriscar ter de vigiar um estado recém-nascido, embora sujeito a restrições, quando participar na próxima eleição, alguns observadores desta cidade suspeitam que Vorster poderá ir para a frente para completar os seus planos nesse campo dentro de tão pouco tempo como três anos.

Preocupação dos bispos chilenos com a actuação dos reaccionários

SANTIAGO DO CHILE, 26 (R.) — Bispos católicos romanos chilenos manifestaram publicamente a sua preocupação por causa da falta de garantias legais no Chile desde o golpe de estado militar de Setembro último.

Na primeira declaração conjunta desde o golpe de estado, os 28 bispos criticaram detenções arbitrárias, técnicas de interrogatório e a falta de protecção legal para pessoas presas.

A declaração foi divulgada numa conferência de imprensa pelo cardeal Raul Silva Henriquez, arcebispo de Santiago do Chile e primaz católico do Chile, que tem sido o crítico mais franco do regime.

O documento exprimia a preocupação dos bispos pelo emprego de interrogatórios em que era exercida pressão física, por prisões arbitrárias e pela falta de garantias jurídicas eficazes a pessoas detidas.

A declaração foi publicada quando se regista o primeiro de uma série de julgamentos marciais maciços para punir membros das forças armadas chilenas, que, alegadamente, colaboraram com o falecido presidente Allende e o seu governo de unidade popular, das esquerdas.

ACERCA DO SIGNIFICADO POLÍTICO DO «25 DE ABRRIL DE 1974»

Comentário de **MÁRIO MESQUITA**

«Os colonialistas portugueses pela voz do seu representante máximo na Guiné, o general Spínola, afirmam agora que vão fazer uma revolução social na nossa terra. Claro que nós achamos que isso tem imensa piada, e gostaríamos de ver o general Spínola e os outros chefes colonialistas fazerem uma revolução social em Portugal» — assim falava Amílcar Cabral, numa entrevista publicada em 1971 numa revista de exilados políticos portugueses, residentes na Suíça e na França. E, efectivamente, o general Spínola não fez nenhuma «revolução social», mas as Forças Armadas — actuando, em certa medida, em seu nome — conseguiram derrubar, através de um golpe de Estado, o governo de Caetano — ser-nos-á dado, por fim, tratá-lo desta maneira? — pondo fim ao mito da invulnerabilidade dos governos fascistas neste país. Ao menos isso acabou nesta manhã do tão celebrado «Abril em Portugal», no ano da graça de 1974.

Exceptuando a recente intentona das Caldas da Raínha, o último movimento armado visando o derrube do regime salazarista efectuou-se em Beja, em 1 de Janeiro de 1962, movimento civil e militar, chefiado pelo militante socialista católico Manuel Serra e pelo capitão Varela Gomes. A tentativa de 1962 surgiu na sequência da campanha presidencial de Humberto Delgado, em 1958, e o próprio general esteve presente na cidade de Beja, depois de ter entrado clandestinamente no país para encabeçar o golpe. Os revolucionários de 1962 contavam com grande apoio popular e (supõe-se) com o de várias correntes de oposição — republicanas, social-democráticas, socialistas e católicas. Ao que parece, no sector oposicionista, só os órgãos dirigentes do Partido Comunista se mostraram reticentes, o que não impediria a adesão de alguns militantes de base.

Anteriormente a Beja, já houvera o movimento de 12 de Março de 1959, também conhecido por «revolta da Sé» e que não chegou a eclodir porque parte do comando militar não o considerou oportuno. Apesar de existir uma organização militar à escala nacional, o comando era formado também por elementos civis, sobre quem recaia a menor parte das responsabilidades da decisão política. Esta revolta demarca o início do empenhamento sério contra o regime dos sectores católicos.

«Beja-1962», primeira manifestação armada contra a política colonial do Governo, contou com apoios no Exército, mas com apoios que se confinavam a uma minoria de oficiais, fortemente politizada e simpatizante das correntes de oposição. Pelo contrário, o **«25 de Abril de 1974** — embora também não se tenha penetrado no Exército para além dos quadros médios e superiores — nasceu por razões directamente ligadas à própria instituição militar — designadamente o profundo desalento causado por uma guerra colonial com treze anos de duração em militares que fizeram três e quatro campanhas nas colónias...

Mas a outra diferença — e essa joga em desfavor das correntes democráticas — respeita à própria direcção política do movimento. Para além das (supostas) diferenças entre o programa do «movimento dos oficiais» e o projecto de Spínola — diferenças que a leitura dos textos deixa adivinhar — o facto é que este movimento nasce essencialmente entre forças até há bem pouco afectas ao regime. Spínola é o antigo chefe do Exército português na Guiné, era ainda há poucos meses o vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas portuguesas. Ninguém lhe ouviu nenhuma proclamação de fé democrática, nem nunca deu mostras de conversão anticolonial. O «movimento dos oficiais» cuja origem remonta a reivindicações de carácter salarial e corporativo, constitui de certa maneira uma incógnita para todos nós, apesar do sinal positivo revelado em alguns dos comunicados que lhe são atribuídos.

Enquanto no movimento de Beja, eram as forças democráticas que dirigiam as operações no caso presente foram elementos militares que chefiaram as manobras. Mas convém, contudo, não esquecer que num comunicado distribuído pelo Exército se considera **«que o dever das Forças Armadas é a defesa civil do País, como tal se entendendo também a liberdade cívica dos seus cidadãos»**. Anuncia-se ainda realização de **«eleições gerais de uma Assembleia Nacional Constituinte, cujos poderes, por sua representatividade e liberdade na eleição, permitam ao País escolher livremente a sua forma de vida social e política»**. Esperemos que o futuro permita o cumprimento de tais promessas e que manobras políticas não venham transformar uma possível democratização do país em mais uma «liberalização» onde só o adjectivo «spínolista» substitua o adjectivo «marcelista», de triste memória.

Em relação ao problema da guerra colonial, promete-se, o que é importante, a realização de um amplo debate nacional, mas não se fala (por enquanto?) na legitimidade de negociações com os movimentos africanos.

Entretanto, a nossa atitude é de expectativa e a expectativa é a única posição posição possível, para as forças democráticas e oposicionistas — republicanas, social-democráticos, socialistas, comunistas e católicas — enquanto a situação se não define com maior clareza.

Importa salientar que, para as forças da Oposição, a vitória do movimento militar de hoje mais não significa do que o início de uma nova «etape» de luta. A luta democrática não acabou hoje — começa amanhã.

(Lisboa, 25/4/74, 18 horas)

À memória de Fernando da Silva Araújo

por **V. MARQUES MIRAGAIA**

A morte recente de um dos últimos combatentes do 5 de Outubro, o comandante Silva Araújo, trouxe-me à mente a recordação do malogrado dr. Fernando da Silva Araújo, desaparecido na pujança duma vida prodigiosa e cheia de perspectivas, que suponho ter pertencido ao mesmo tronco comum.

Conheci o prof. Silva Araújo em S. Vicente de Cabo Verde, quando há 31 anos aí estivemos, durante a guerra, como oficiais milicianos: ele nos serviços de Saúde e eu nos serviços de Justiça.

Tinha então já dele a imagem que fixara, na minha recente juventude coimbrã, através duma conhecida fotografia dos pioneiros da «Seara Nova»: era aquele moço desempenado, de olhar agudo e inteligente, ao lado de Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, Câmara Reis, Raul Proença e outros mestres da cidadania.

Viemos depois a encontrar-nos, lado a lado, de ouvidos atentos, encostados ao receptor da «messe» do Mindelo, quase metidos dentro do velho aparelho, perscrutando todas as noites, à mesma hora, a voz longínqua da B.B.C., com as inervantes interferências, naquela ilha inóspita do Atlântico, onde nessa altura ainda rondavam os submarinos alemães, que era a última ameaça no mar da desmantelada esquadra nazi, em ataques de surpresa aos navios aliados na sua rota para a América do Sul.

Aí nos conhecemos e criámos laços de sólida camaradagem e de esperanças comuns no futuro do mundo. Pouco tempo depois havia eu de ser um dos seus doentes em noites de febre delirantes, na superlotada clínica da «Igreijinha», onde o prof. Silva Araújo fazia prodígios de trabalho arrasante, arrancando-nos aos tentáculos do tifo, das amebianas e da malária, que nos marcou para sempre e que viria a matá-lo traiçoeiramente, quando alguns meses depois já regressava, pela Guiné, à sua Escola de Lisboa, após uma última estadia na ilha do Sal.

A notícia da sua morte caíu-nos de chofre há precisamente 30 anos, quando as dúvidas sobre a sorte final da guerra começavam a desvanecer-se e as esperanças no futuro da Democracia mais se arreigavam em nossas almas moças.

Nesse domingo pesado e morno dos trópicos olhávamo-nos atónitos, na rotina sem fim do «picadeiro» do Mindelo, perante a brutalidade da inesperada mensagem recebida da Guiné, logo transmitida pelo Consulado inglês, que dias antes tinha levado Silva Araújo a bordo, como preito especial e único à sua dedicação pela causa das democracias que então se batiam para a sobrevivência da liberdade no mundo.

Tinha sido há uns quatro dias que uma multidão de amigos, de todas as classes e raças, lhe haviam prestado a última homenagem, levando-lhe o abraço de despedida ao cais do Porto Grande.

E agora a população de S. Vicente associava-se ao nosso luto pelo Amigo desaparecido, pelo médico sabedor e consciente, que a todos atendia com a mesma competência e dedicação, pelo companheiro íntegro e exemplar, que acabava de cair a meio da jornada.

Soubemos depois que Silva Araújo até na morte se havia mantido com a mesma rijeza de têmpera que na vida o impunha: morreu de pé como sempre vivera. Não consentiu que lhe aplicassem a terapêutica que ele considerava errada, enquanto teve forças para lutar contra a mortal perniciosa que o atacara. Até que foi traiçoeiramente vencido aquele arcaboiço de gigante, orientado por uma inteligência firme e esclarecida, que a muitos de nós salvou a vida ao mesmo tempo que nos reforçava a esperança e a razão de viver para um futuro que todos esperávamos.

A trinta anos de distância recordamos a memória do Homem, do cientista e do cidadão que foi Fernando da Silva Araújo, com a certeza de que a vida e o exemplo de homens desta estirpe nunca se perdem.

Mortágua, Abril de 1974

PORTUGAL NA EUROPA DO SEU TEMPO (Séculos XII a XV)
Armando Castro
Preço: 64$00
Seara Nova

PORTUGAL NA ESPANHA ÁRABE (2 vols.)
Selecção, tradução, prefácio e notas de António Borges Coelho.
Preço: 60$00
Seara Nova

ITINERÁRIO EM QUE SE CONTÉM COMO DA ÍNDIA VEIO POR TERRA A ESTES REINOS DE PORTUGAL
António Tenreiro
Preço: 30$00
Estampa

O PROCESSO DE DAMIÃO DE GOES NA INQUISIÇÃO
Introdução, actualização ortográfica pontuação e notas de Raul Rego
Preço: 90$00
Edição do Autor

O ÚLTIMO REGIMENTO DA INQUISIÇÃO PORTUGUESA
Introdução e actualização de Raul Rêgo
Preço: 60$00
Edição do Autor

CRONICA DE D. JOÃO I
Preço: 25$00
Seara Nova

TRATADO DA CIÊNCIA CABALA
D. Francisco Manuel de Melo
Preço: 30$00
Estampa

NOTÍCIAS LITERÁRIAS DE PORTUGAL/1780
José Anastácio da Cunha
Prefácio e notas de Joel Serrão
Preço: 36$00
Seara Nova

CRISE DO LIBERALISMO E AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DAS IDEIAS SOCIALISTAS EM PORTUGAL (1820-1852)
Vítor de Sá
Preço: 64$00
Seara Nova

AS IDEIAS POLÍTICAS E SOCIAIS DE ALEXANDRE HERCULANO
J. Barradas Carvalho
Preço: 64$00
Seara Nova

OS CRIMES DA MONARQUIA
Alexandre Cabral
Preço: 40$00
Seara Nova

PARA A HISTÓRIA DO SINDICALISMO EM PORTUGAL
Alexandre Vieira
Preço: 60$00
Seara Nova

PORTUGAL E A COMUNA DE PARIS
Ana Maria Alves
Preço: 50$00
Estampa

a venda nas livrarias

distribuidora O SECULO Rua de "O SECULO", 41 a 63 LISBOA 2

O ESTREBUCHAR DA G. N. R.

Na nossa redacção foram ontem interceptadas várias mensagens transmitidas pelos vários comandos da G.N.R., nas quais se comenta o avanço do Movimento das Forças Armadas.

Apresentadas por ordem cronológica estas mensagens dão-nos conta do lento «estrebuchar» daquela força militarizada, que após a rendição dos efectivos concentrados no quartel do Carmo acabou por se colocar sob as ordens do comando do Movimento. Aqui fica o estranho diálogo.

12.30 — Agora o «jeep» está na porta da auto-estrada (Duarte Pacheco). Segue Calçada da Ajuda. Cherlie Pape segue ao encontro de Oscar Papamicke.

Romio (Regimento): atenuar controlo.

12.33 — Cherlie Pape, aqui Oscar Papamicke, Calçada da Ajuda, Cavalaria 7 — formação de esquadrão.

12.35 — Oscar Papamicke — aguarde um momento que o nosso governador quer falar. Romio 60, chamada impedida de fazer.

Duas cenas de rua, espontâneas e alegres, fixadas ontem pelo nosso repórter. Há quanto tempo se não via isto!

No Terreiro do Paço forma-se manifestação. Manifestantes em cima de um carro blindado. Receamos envolvimento. É prudente sair deste sítio.

Charlie Pappe e Oscar Papamicke, Ajuda, tomou providências imediatas recolher de forças.

12.50 — Charlie Alfa e Charlie Pape. Quartel-Mestre General completamente cercado na Artilharia 1. Posições Parque Eduardo VII.

Isolados dois quarteirões. Tropas dentro do Liceu Maria Amália.

12.55 — Quartel-Mestre General. Liceu. Francisco Manuel de Mello. Eles estão a receber rações de combate e apoio militar do Hospital Militar. Neste momento há muitas viaturas civis atravessadas na Artilharia 1 e noutras artérias.

12.58 — Ambulâncias do Hospital Militar seguem em direcção desconhecida. Várias viaturas seguem para a auto-estrada.

O Chiado encontra-se fechado a todas as viaturas procedentes do Terreiro do Paço. No Largo de Camões há canhões apontados para o nosso quartel. Só disponho de 2 poletões. A Companhia da G.N.R. que se encontrava segue para baixo, direcção Rossio.

13 horas — As forças da G.N.R. da Artilharia 1 sobe já o Rossio aguardamos a todo o momento ligações com ele.

13.03 — Pedimos mais forças para esta zona. Elementos disponíveis: contactar capitão Martins.

13.10 — Há forças motorizadas na Rua do Alecrim. O trânsito está engarrafado no Chiado. Chegou neste momento uma coluna de blindados do exército.

13.17 — O nosso general deve seguir para a Rua do Alecrim, não sendo possível determinar o destino que o brigadeiro indicou há bocado.

Forças devem seguir para o Largo de Camões.

13.25 — Neste momento estamos totalmente cercados junto do Ministério do Exército. Em frente do portão encontra-se uma unidade de blindados.

13.35 — As nossas forças estão a ser apupadas pela população que canta o hino nacional. A 4.ª companhia da G.N.R. tem de seguir para a Rua da Trindade. Mais não se pode avançar.

13.38 — A Rua Nova da Trindade é um caminho possível. O Largo do Carmo, Misericórdia, Camões, tudo cheio de blindados.

13.40 — OK. Vou avançar. A 4.ª Companhia não consegue avançar. Comandante da 4.ª Companhia: resolvida a situação: regressamos ao quartel.

Charlie Alfa e Charlie Papa encontram-se na rua em posição defensiva. Uma viatura pessoal militar, sem escolta.

Agora tudo relativamente calmo, sem problemas. Há diminuição de trânsito nos sítios do costume. A Companhia quer saber o que há-de fazer. Entretanto estão cortados os telefones particulares de algumas entidades, em especial comandantes de ROMEOS (Regimentos).

Estudantes e rapazes estão a atingir à pedrada as nossas forças. Resposta: segue a caminho do local o nosso coronel Romeiras. Segue uma viatura blindada da G.N.R. As forças vão tentar infiltrar-se no Largo do Carmo.

13.45 — Temos urgentemente de tomar previdências.

Vamos seguir em direcção a São Pedro de Alcântara. Estamos dentro de um carro de combate. Temos ajudado no que podemos. Vamos fazer reconhecimento no Largo de Camões.

Há muita população que julga que estamos «do outro lado».

NOTA: Em todas as mensagens a G.N.R. utilizou a expressão «outro lado» para designar o Movimento das Forças Armadas.

14.30 — Não se vê polícia nenhuma por aqui. Gostaria de saber por onde é que andam.

Estamos agora na esquina da João de Deus. É impossível o acesso das nossas forças ao Largo do Carmo e lugares circundantes. O exército está servido por armas pesadas nessa zona.

14.45 — L 2 B defrontam-se com R. Infantaria 1 e Escola Prática. Um capitão dos revoltosos entra em contacto com a G.N.R. dizendo que estão senhores da situação e aconselham rendição.

Estou no Largo de Camões e tudo OK. Estava na zona o brigadeiro Reis das Forças Armadas.

15.05 — Aquele «rapaz nosso vizinho» sugere junção das suas às forças do comunicado. Pergunta se obedece a esse ou a comando.

Resposta: aguardo ordens para responder.

15.15 — Chamo reforços da G.N.R. ao Largo do Carmo. Tem algum blindado disponível neste momento?

Resposta: Tenho duas, mas há uma coisa a definir-se, é que não sei ao certo o que é que se passa.

15.20 — Chegou o «nosso vizinho» para junção de forças à G.N.R. Houve agora uma explosão acidental na fábrica de explosivos do Pinheiro da Cruz — Corroios às 14 horas. Houve um morto e um ferido grave. Eram ambos operários da fábrica.

12.55 — Entra no Largo da Misericórdia uma força de Cavalaria 3 com três auto-metralhadoras.

15.27 — A coluna encontra-se em contacto com o major Teotonio Pereira.

15.35 — Estamos completamente cercados por forças de Cavalaria 3.

15.36 — Chamem urgentemente o comandante.

15.38 — O Carmo está completamente cercado. Deram-nos 10 minutos de Ultimato. Continuam a chegar forças e neste momento já há tiros.

15.40 — Patrão Maior: há um movimento de fogo horrível.

15.45 — Recebemos ordens para fazer esforço. Temos de reforçar os efectivos a todo o custo.

As forças do B2. As outras pedem também ordens para recolher aos quartéis.

15.55 — Comandante da G.N.R. retirei para o Largo da Misericórdia. A Cavalaria 3 tomou posição no lugar onde eu estava. O capitão de Cavalaria aconselhou-nos a recolher aos quartéis.

15.57 — O pessoal por enquanto deve manter-se no seu posto comandado pelo major Ferreira. Houve tiros no Largo de S. Pedro de Alcântara.

16 — Estamos desligados do resto das forças. Eu acabei por ordem superior. Disseram-me no entanto para aguardar.

16.07 — O homem dos óculos não tem aparelho para comunicar connosco.

16.10 — Continuamos a aguardar esta posição. Há cada vez mais auto-metralhadoras. Só nos resta uma saída. Estamos numa situação um tanto ridícula.

16.15 — Não estamos em condições de sair do Largo do Rato. Entrámos a negociar a rendição.

16.45 — Um momento: vou tentar contactar o Patrão Maior. Tentaremos a execução das ordens. Os miltares aconselham a Guarda a abandonar o local. Aconselham-na a deixar.

16.47 — Não contactarei comandante porque não posso. O comandante está perto duma peça e vem na nossa direcção.

17 — Não há nada a fazer. Os «mickes» aqui estacionados não têm outra alternativa senão render-se. As viaturas que foram requisitadas devem deixar-se estar onde estão.

17.30 — Veja Jornal «República» já saíram alguns...

17.45 — Elementos da G.N.R. e G. F. da Cova da Piedade foram raptados, deixando as portas abertas. Elementos militares detidos na Trafaria estão a tomar conta da situação na Cova da Piedade.

17.50 — A G.N.R. da Cova da Piedade cortou o trânsito para Lisboa. Apesar disso passou uma ambulância de Cav. 3 com 2 feridos.

18 — Trafaria Posto da G.N.R. foi detido o comandante. Houve rusga no posto. Os miltares ocuparam-se do armamento e do pessoal.

O ISOLAMENTO

Toda a política salazarista e toda a política salazarenta de Marcelo Caetano orientou-se, no plano externo no sentido de isolar Portugal da convivência internacional, em nome dum nacionalismo de tipo fascista para o qual só interessava a sobrevivência interna.

Qualquer pessoa de mediana inteligência, face à necessidade imperiosa de estabelecer relações com todo o mundo, o Portugal autoritário tudo sacrificou ao princípio de que só ele existia, «orgulhosamente só». Situação tanto mais grave que as guerras coloniais mais uma vez aconselhavam um entendimento com as forças em presença, sem descurar os contactos internacionais que se impunham.

Ultimamente, no descontrole completo da governação o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros Rui Patrício propôs-se «mendigar o patrocínio impossível dos países africanos da própria O. U. A. (Organização da Unidade Africana). Mais uma prova da incompetência e da clarividência dum sistema com o qual seriam impossíveis os proclamados contactos, ainda com a agravante de se tratar de países com relações diplomáticas cortadas com o ex-governo.

Todo o mundo civilizado, mesmo com as subtilezas de certa diplomacia oportunista voltara as costas a Portugal colocando-nos numa subalternidade temerosa.

Talleyrand disse um dia que certos erros políticos eram autênticos crimes.

E estes erros da política externa foram desses erros, pelo que a política do futuro tem que alargar a sua esfera internacional a todos os quadrantes do Universo, nesta época dos grandes espaços em que não são possíveis isolamentos e segregações. Assim o esperamos confiadamente.

VASCO DA GAMA FERNANDES

Entusiasmo popular no Largo do Carmo, a dois passos da última e renitente trincheira do prof. Marcelo Caetano, que era o quartel da G. N. R.: num pequeno automóvel acaba de chegar o general Spínola

PROGRAMA DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS

(Continuado da 1.ª pág.)

e de que a sua acção se justifica, plenamente, em nome da salvação da Pátria e, fazendo uso da força que lhe é conferida pela Nação através dos seus soldados, proclama e compromete-se a garantir a adopção das seguintes medidas, plataforma que entendem necessária para a resolução da grande crise Nacional que Portugal atravessa:

A — MEDIDAS IMEDIATAS

1. Exercício do poder político por uma Junta de Salvação Nacional, até à formação, a curto prazo, de um Governo Provisório civil. A escolha do Presidente e Vice-Presidente será feita pela Própria Junta.

2. A Junta de Salvação Nacional decretará:

a) A destituição imediata do Presidente da República e do actual Governo, a dissolução da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Conselho de Estado, medidas que serão acompanhadas do anúncio público da convocação, no prazo de doze meses, de uma Assembleia Nacional Constituinte, eleita por sufrágio universal, directo e secreto, segundo Lei eleitoral a elaborar pelo futuro Governo Provisório;

b) A destituição de todos os governadores civis na Metrópole e governadores-gerais nas Províncias Ultramarinas, bem como a extinção imediata da Acção Nacional Popular;

(1) Os governos-gerais das Províncias Ultramarinas serão imediatamente assumidos pelos Comandantes-Chefes das Forças Armadas, até nomeação do novo Governador-Geral pelo Governo Provisório;

(2) Os assuntos decorrentes dos Governos Civis, serão despachados pelos respectivos governadores civis substitutos, enquanto não forem nomeados novos governadores pelo Governo Provisório;

c) A extinção imediata da DGS, Legião Portuguesa e Organizações políticas de juventude;

d) A entrega às Forças Armadas dos indivíduos culpados de crimes contra a ordem política instaurada, enquanto durar o período de vigência da Junta de Salvação Nacional, para instrução de processo e julgamento;

e) Medidas que permitam uma vigilância e um controlo rigorosos de todas as operações económicas e financeiras com o estrangeiro;

f) A amnistia imediata de todos os presos políticos e reintegração voluntária dos servidores do Estado destituídos por motivos políticos;

g) A abolição da Censura e Exame Prévio;

(1) Reconhecendo-se a necessidade de salvaguardar o segredo dos aspectos Militares e evitar perturbações na opinião pública, causadas por agressões ideológicas dos meios mais reaccionários, será criada uma comissão «ad-hoc» para controlo da Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema, de carácter transitório, directamente dependente da Junta de Salvação Nacional, a qual manterá em funções até à publicação de novas Leis de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro, e Cinema, pelo futuro Governo provisório;

h) Medidas para a reorganização e saneamento das Forças Armadas e Militarizadas (GNR, PSP, etc.).

i) O controlo de fronteiras será das atribuições das Forças Armadas, enquanto não for criado um serviço próprio.

j) Medidas que conduzam ao combate eficaz contra a corrupção.

B — MEDIDAS A CURTO PRAZO

1. No prazo máximo de três semanas, após a conquista do poder, a Junta de Salvação Nacional, escolherá de entre os seus membros, o que exercerá as funções de Presidente da República Portuguesa, que manterá poderes semelhantes aos previstos na actual Constituição;

a) Os restantes membros da Junta de Salvação Nacional assumirão as funções de Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Estado-Maior da Armada, Chefe do Estado-Maior da Força Aérea e Chefe do Estado-Maior do Exército e farão parte do Conselho de Estado.

2. Após assumir as suas funções, o Presidente da República nomeará o Governo Provisório civil, que será composto por personalidades representativas de grupos e correntes políticas e, personalidades independentes, que se identifiquem com o presente programa.

3. Durante o período de excepção do Governo Provisório, imposto pela necessidade histórica de transformação política, manter-se-á a Junta de Salvação Nacional para salvaguarda dos objectivos aqui proclamados;

a) O período de excepção terminará logo que, de acordo com a nova Constituição Política, estejam eleitos o Presidente da República e a Assembleia Legislativa.

4. O Governo Provisório governará por Decretos-Lei que obedecerão obrigatoriamente ao espírito da presente proclamação.

5. O Governo Provisório, tendo em atenção que as grandes reformas de fundo só poderão ser ser adoptadas no âmbito da futura Assembleia Nacional Constituinte, obrigar-se-á a promover imediatamente:

a) A aplicação de medidas que garantam o exercício formal da acção do Governo e o estudo e aplicação de medidas preparatórias de carácter material, económico, social e cultural que garantam o futuro exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos;

b) A liberdade de reunião e de associação. Em aplicação deste princípio será permitida a formação de «associações políticas», possíveis embriões de futuros partidos políticos e garantida a liberdade sindical, de acordo com lei especial que regulará o seu exercício;

c) A liberdade de expressão e pensamento sob qualquer forma;

d) A promulgação de uma nova Lei de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema;

e) Meddias e disposições tendentes a assegurar, a curto prazo, a independência e dignificação do poder judicial.

(1) A extinção dos «tribunais especiais» e dignificação do processo penal em todas as suas fases.

(2) Os crimes cometidos contra o Estado no novo regime, serão instruídos por juízes de direito e julgados em tribunais ordinários, sendo dadas todas as garantias aos arguidos.

As averiguações serão cometidas à Polícia Juliciária.

6. O Governo Provisório lançará os fundamentos de:

a) Uma nova política económica, posta ao serviço do Povo Português, em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista;

b) Uma nova política social que em todos os domínios terá fundamentalmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e o aumento progressivo, mas acelerado, da qualidade de vida de todos os Portugueses.

7. O Governo Provisório orientar-se-á em matéria de política externa pelos princípios da independência e da igualdade entre os Estados, da não ingerência nos assuntos internos dos outros países e da defesa da paz, alargando e diversificando relações internacionais com base na amizade e cooperação.

a) O Governo Provisório respeitará os compromissos internacionais decorrentes dos tratados em vigor.

8. A política ultramarina do Governo Provisório, tendo em atenção que a sua definição competirá à Nação, orientar-se-á pelos seguintes princípios:

a) Reconhecimento de que a solução das guerras no Ultramar é política e não Militar;

b) Criação de condições para um debate franco e aberto, a nível nacional, do problema ultramarino;

c) Claro reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação e adopção acelerada de medidas tendentes à autonomia administrativa e política dos territórios ultramarinos, com efectiva e larga participação das populações autóctones;

d) Lançamento dos fundamentos de uma política ultramarina que conduza à paz.

C — CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Logo que eleitos pela Nação, a Assembleia Nacional Constituinte e o novo Presidente da República, será dissolvida a Junta de Salvação Nacional e a acção das Forças Armadas será restringida à sua missão específica de defesa externa da soberania nacional.

2. O Movimento das Forças Armadas, convicto de que os princípios e os objectivos aqui proclamados traduzem um compromisso assumido perante o País e são imperativos para servir os superiores interesses da Nação, dirige a todos os Portugueses um veemente apelo à participação sincera, esclarecida e decidida na vida pública nacional e exorta-os a garantirem, pelo seu trabalho e convivência pacífica, qualquer que seja a posição social que ocupem, as condições necessárias à definição, em curto prazo, de uma política que conduza à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social, indispensáveis ao saneamento da nossa vida pública e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as Nações.

SUBSTITUIÇÃO DE ALGUMAS UNIDADES POR PÁRA-QUEDISTAS

Um comunicado da Junta de Salvação Pública informa:

«Como é do conhecimento geral foi há pouco transmitido na Rádio Televisão Portuguesa e por todas as estações emissoras a proclamação da Junta de Salvação Nacional dirigida ao País onde são defendidos os objectivos gerais das Forças Armadas, interpretando o sentimento da Nação que acaba de derrubar o Governo.

Entretanto, informa-se que a situação se encontra totalmente controlada, tendo-se rendido o Regimento de Lanceiros 2 e o Grupo de Detecção e Alerta em Monsanto, encontrando-se os ex-membros do Governo sob custódia do Movimento.

Continua a recomendar-se à população o acatamento estrito das indicações da Polícia Militar, da Polícia de Segurança Pública e das Brigadas de Trânsito contribuindo assim para a manutenção da ordem que todos desejamos se mantenha inalterável.

Avisam-se as unidades que algumas delas serão rendidas na ocupação dos objectivos por forças dos regimentos de pára-quedistas.

em Paço de Arcos
o restaurante HABITURISMO
sugere-lhe:

2.ª feira — Mirotão à portuguesa
3.ª feira — Ensopado de Lulas à Pescador
4.ª feira — Coelho à Caçadora
5.ª feira — Caril de Frango à Indiana
6.ª feira — Bacalhau à Conde da Guarda
Sábado — Garoupa à Marisqueira
Domingo — Cabrito assado à Habiturismo

PAÇO DE ARCOS ● B. Com. Joaquim Matias
Telefone 243 40 74

O DIA MAIS LONGO DOS ÚLTIMOS 50 ANOS DA VIDA PORTUGUESA

Às cinco da tarde do dia 25 de Abril de 1974, treze horas depois de iniciado o movimento militar vitorioso, Marcelo Caetano e o seu Governo capitulavam, no interior do Quartel do Carmo, sede do comando da única força militar que, como se esperava, se manteve fiel aos princípios didatoriais iniciados a 28 de Maio de 1926.

Após mais de 47 anos de opressão, o Largo do Carmo, no Chiado, foi o palco de uma gigantesca manifestação de incontida raiva e de exuberante alegria. Ninguém duvidava da rendição das forças da Guarda Republicana. Por outro lado, os efectivos do Exército que, desde antes das 13 horas cercavam completamente o quartel e que eram constituídos por elementos do R. I. 1 (Amadora) e da Escola Prática de Cavalaria (Santarém), mostravam-se, pela voz dos oficiais que os comandavam, firmemente decididos a vencer, pelos meios a que os obrigassem, a resistência que as tropas fiéis ao regime pudessem vir a erguer.

Milhares de pessoas foram, entretanto, convergindo para o largo. A sensação de vitória, apesar do silêncio que se mantinha no interior do quartel, era a nota dominante. «Se for preciso vamos lá nós buscá-los à mão», dizia-se na multidão, que já era mal contida por cordões militares nas ruas que desembocam na praça.

A evolução dos acontecimentos levou a que fosse no Carmo, frente ao quartel, que o Movimento desencadeado pelas Forças Armadas tivesse o seu ponto culminante. O País estava dominado pelo Movimento, o mesmo sucedendo a praticamente todas as posições estratégicas da capital. Apenas faltava a capitulação do antigo Governo, bem como o silenciamento das forças militares e para-militares mais repressivas do regime — para além da G.N.R., a PIDE-DGS e alguns sectores da P.S.P., nomeadamente, as suas forças especiais, a Polícia de Choque.

O Quartel do Carmo significava, simultaneamente, a resistência da G.N.R. e a última tentativa do agonizante Governo salazarista evolucionado na continuidade por Marcelo Caetano.

O capitão Maia fala à multidão que se comprimia no Largo do Carmo

CAPITULAÇÃO INCONDICIONAL

Pouco depois das 13 horas, com todos os acessos ao Largo do Carmo dominados por blindados das Forças Armadas e com cordões de soldados de armas apontadas ao quartel, a multidão — que não cessava de engrossar, mau grado os repetidos avisos para que se afastassem do local — atemorizou-se ao saber da chegada de vários pelotões da G. N. R. Estes, no entanto, nada poderiam fazer. As comunicações trocadas pela rádio entre os seus comandos eram a prova formal da sua incapacidade de acção.

Cerca das 15 horas, entraram no Chiado forças do Regimento de Infantaria 3, de Estremoz. Pouco depois, a G. N. R. começava a capitular.

Mesmo assim, várias vezes, enquanto se encontrava estacionada nas ruas limítrofes do Largo do Carmo, e sobretudo após ser apedrejada pela população, receou-se que viesse a reagir. De facto, nos rostos de muitos dos elementos e oficiais da G. N. R. via-se, claramente, a impotente raiva de não poder proceder como lhes era habitual em idênticas circunstâncias.

Entretanto, perante o cada vez maior entusiasmo da população foi enviado um ultimatum para a rendição dos elementos do agonizante governo refugiados no quartel. Expirou um primeiro prazo, surgindo depois o dr. Feytor Pinto, ex-alto funcionário da Secretaria de Estado da Informação, que serviu de medianeiro entre o sucessor de Salazar e as forças do Movimento.

Cerca das 17 horas era conhecda a capitulação, incondicional, de Marcelo Caetano, que estava acompanhado, no Carmo, pelos antigos ministros do Interior, Moreira Baptista, e dos Negócios Estrangeiros, Rui Patrício. Porém, a rendição não se deu sem que as Forças Armadas não tivessem sido obrigadas a disparar algumas rajadas de metralhadora sobre o edifício. As marcas das balas estão bem visíveis no muro e algumas delas penetraram no edifício, partinod os vitrais das janelas.

O MOMENTO MAIS DESEJADO

Às 17 e 30, o capitão Maia, que desempenhou um papel importante durante todo o cerco ao quartel da G. N. R. e foi da maior amabilidade em relação ao povo que se concentrava na praça e ainda em relação aos magotes de jornalistas e repórteres presentes, anunciava, através de um megafone, do alto de um dos blindados, que iria chegar em breve ao aquartelamento o general António de Spínola.

Entretanto, já nem eram visíveis os blindados nem os outros veículos militares que pejavam o Largo do Carmo, de tal modo ficaram submersos pelos largos milhares de manifestantes.

Os soldados de Santarém que haviam começado o dia, às 4 da madrugada, hora a que saíram da sua unidade, recebiam mantimentos de populares. Vinho era distribuído gratuitamente, também entre os manifestantes. Estes, gritavam, no chão, nas varandas, no topo das árvores, onde quer que pudessem ver o mais desejado momento dos últimos 47 anos: a rendição do governo repressivo de há quase cinco décadas.

A impaciência, já perto das 17 horas, provocava gritos como «está na hora», «prendam os assassinos». Ao mesmo tempo, cantavam-se estrofes do hino nacional.

Perto das 18 horas, chegou ao local o general presidente da Junta de Salvação Nacional, que recebeu do ex-presidente do Conselho o governo e o comando das Forças Armadas do País. Apenas às 19 e 30 um blindado entrou no quartel, cujas portas se encontravam abertas e ladeadas por numerosos grupos de soldados desde cerca das 17 horas, e dali saiu com os ex-governantes no interior. Depois de ter saudado entusiasticamente a presença do general vitorioso, foi a vez dos milhares de manifestantes gritarem a sua raiva contida durante anos.

Cerca de oito horas demorou o Cerco do Carmo, o ponto culminante da acção do Movimento das Forças Armadas. O golpe saía vitorioso, mas no Chiado a luta contra a reacção ainda não terminara. Numa rua pouco distante, a Rua António Maria Cardoso, agentes da PIDE-DGS iriam criminosamente disparar sobre a população indefesa.

FRANQUEADAS AS ENTRADAS DE LISBOA

O Movimento das Forças Armadas fez-se ouvir pelo País às 4 e 32 do dia 25 de Abril, através das ondas do Rádio Clube Português, que foi ocupado e tornado Posto de Comando das Forças Armadas.

Conforme a «República» noticiou, em três edições ontem publicadas e imediatamente esgotadas, a cronologia dos acontecimentos foi a seguinte:

A primeira comunicação do Movimento, pedia (o que foi uma constante durante todo o dia) a máxima serenidade à população. Eram cerca de 3 horas quando as Forças Armadas se puseram em movimento.

Após a palavra de ordem, transmitida através da Rádio Renascença, com a transmissão, às 0 horas e 21 minutos, de «Grândola Vila Morena» de José Afonso, os portões do quartel de Caçadores 5, em Campolide, abriram-se e colunas militares saíram ocupando rapidamente o Rádio Clube Português, o Comando da Região Militar de Lisboa e, simultaneamente, o Quartel General. Não houve qualquer resistência.

Ao mesmo tempo, efectivos da Escola Prática de Administração Militar tomavam os estúdios da R. T. P., no Lumiar. Bastaram alguns tiros para o ar para pôr em fuga uma patrulha da P. S. P.

Às quatro horas, chegavam ao aeroporto tropas de Mafra. Todas as instalações foram dominadas e o tráfego aéreo interrompido. Cerca das 6 e 30, jactos da Força Aérea começaram a sobrevoar a cidade.

Entretanto, o Terreiro do Paço e outras ruas limítrofes eram ocupadas por tropas com blindados, começando a ocupação de Ministérios.

O R. C. P. continuava a informar a população do que se passava «as Forças Armadas desencadearam na madrugada de hoje uma série de acções com vista à libertação do país do regime que há longo tempo o domina».

As entradas de Lisboa estavam totalmente franqueadas para o avanço de tropas de Santarém, Vendas Novas e Santa Margarida. A partir das 8 e 30, a Emissora Nacional, entretanto dominada pelo Movimento, também começava a difundir os seus comunicados. Estes apelavam para todas as forças militares e para-militares, no sentido de não oporem qualquer resistência às Forças Armadas. Uma preocupação constante foi a de se evitar, a todo o custo, o derramamento de sangue. Aliás, desnecessário, pois a situação cedo estava visivelmente controlada pelo Movimento.

POPULARES EXTRAVASAVAM DE REGOZIJO

Cerca das 12 horas, como se disse, começou o cerco do quartel do Carmo, onde se supunha estar refugiado o responsável político pela situação do País nos últimos cinco anos. Foi esse o grande acontecimento de toda a vasta acção do Movimento.

Entretanto, em Lanceiros 2, o almirante Américo Tomás, ex-presidente da República no seu terceiro mandato consecutivo imposto à Nação, e outros membros do ex-governo sofriam o cerco de outros efectivos do movimento. O aquartelamento rendeu-se içando um lençol branco, mas o almirante Tomás já lá não se encontrava: tinha saído de helicóptero para Monsanto segundo se supõe.

Já à noite, o expoente máximo do salazarismo também capitulou, bem como os ex-ministros que o acompanharam. Segundo as últimas informações do Movimento, encontram-se algures sob custó

Esta é uma imagem para que HOJE se pode fazer esta lege
na última etapa do regime que há quase 50

1 SEMANA em LONDRES

PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS
ABRIL 21 e 28
MAIO 5, 12, 19 e 26
JUNHO 2, 9, 16, 23 e 30

Preços excepcionais desde 3 250$

INCLUINDO:
- Viagem em avião a jacto TRIDENT
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística de Londres
- Taxas Hoteleiras
- Assistência de Guia abreu

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2

ENSINO LICEAL
LIÇÕES
CEPE
Rua Tomás Ribeiro, 47
Rua D. Estefânia, 48
Telef. 4 29 59 – Lisboa
LABORATÓRIOS DI
E CIÊ

Aspecto da multidão que ontem à tarde ocupou o Largo do Carmo

dia. Marcelo Caetano e outros membros do Governo que foi deposto viram-se deportados para as ilhas adjacentes.

Entretanto, em todo o País a situação estava perfeitamen-

nda: o Povo Português participa
anos o oprimia

te dominada pelo Movimento das Forças Armadas. No Porto, o quartel-general foi ocupado, bem como estações de rádio, televisão e o aeroporto. Mesmo assim, durante manifestações populares, a extravasar o regozijo pela queda do regime ditatorial salazarista, registaram-se cerca de duas dezenas de feridos, como derradeiro extertor da criminosa repressão da P. S. P.

Durante todo o dia de ontem chegaram à nossa redacção frequentes telefonemas de cidades da província. Eram porta-vozes da população que pediam informações e manifestavam sempre o seu desejo de marcharem sobre Lisboa para se associarem à alegria geral pela queda do fascismo.

A LEGIÃO NÃO OFERECEU RESISTÊNCIA

Depois de dominada a G. N. R. — completamente impossibilitada de exercer a sua brutal acção repressiva — e uma vez que a Legião, outro bastião do regime, não ofereceu resistência ao Movimento, apenas a PIDE-DGS foi o problema.

Já de noite, agentes da sinistra instituição todo-poderosa e fiel vigilante da mais brutal e selvática das repressões sobre o povo português, dispararam sobre manifestantes das janelas da sua sede, na Rua António Maria Cardoso.

Aliás, milhares de populares reuniram-se nas imediações daquela rua, sendo bem patente no grupo o ódio acumulado contra aquela polícia política. Disparando rajadas de metralhadora sobre a população civil, e depois saindo num «raid» para a rua, semearam cinco mortos e numerosos feridos nas imediações do Largo de Camões.

A notícia foi transmitida telefonicamente para o Posto de Comando do Movimento, no R. C. P. Pouco tempo depois, cerca das 22 horas, a mesma emissora revelava que efectivos militares se dirigiam ao local para dominar a situação. A PIDE-DGS foi cercada. Um agente, que tentava fugir, foi abatido imediatamente e outros enregaram-se voluntariamente, sendo presos. A luta continuou toda a noite, acabando, já esta manhã, com a rendição dos focos de resistência da PIDE-DGS: a sede e a prisão política de Caxias.

A «OUTRA BANDA» APOIOU O DERRUBE DO FASCISMO

«Vivemos momentos de grande importância política no país! O regime fascista que há cerca de 48 anos nos oprime, chegou ao fim derrubado pelo corajoso Movimento das Forças Armadas!» — assim começa o cmunicado que o Movimento Democrático do Distrito de Setúbal, com sede no Barreiro, distribuiu ontem à população da «Outra Banda». O comunicado prossegue: *«O Movimento Democrático do Distrito de Setúbal não pode deixar de manifestar a sua adesão ao derrube do regime contra o qual tem vindo a lutar desde sempre, e que se caracterizava por defesa intransigente dos interesses dos monopólios com o consequente agravamento das condições de vida do Povo Português, traduzido pelo aumento galopante dos preços e pelo congelamento dos salários; manutenção de uma guerra contra os povos das colónias, onde milhares de jovens deixaram a sua vida e para cuja continuação a nação é obrigada a dispender perto de 50 % das receitas do Estado em único e exclusivo interesse dos monopólios nacionais e estrangeiros; impedimento das mais elementares liberdades políticas e sindicais que se traduziram ao longo destes 48 anos em prisões, torturas e assassinatos de milhões de portugueses empenhados na luta pelas liberdades democráticas; e servil submissão ao imperialismo estrangeiro, explorador das riquezas da Nação».*

O Comunicado, destacando os objectivos do Movimento das Forças Armadas, solidarizando-se com eles, termina pedindo à população que se mantenha atenta ao desenrolar dos acontecimentos e que reforce a organização do Movimento Democrático.

NO BARREIRO

No Barreiro, cerca de uma centena de democratas assinou um telegrama de felicitações que enviou ontem à Junta de Salvação Nacional, cujo texto transcrevemos na íntegra:

«Noventa e sete democratas do Barreiro reunidos data histórica 25 Abril 1974 manifestando seu contentamento pelo derrube do regime que durante 48 anos nos oprimiu reclamam da Junta de Salvação Nacional sejam decretadas as seguintes medidas imediatas: 1. Libertação de todos os presos políticos e regresso exilados; 2. Fim da guerra colonial com o reconhecimento dos Movimentos de Libertação e do Governo da Guiné-Bissau e regresso soldados; 3. Restabelecimento de todas as liberdades democráticas; 4. Extinção da DGS». Seguem-se as assinaturas dos democratas.

SITUAÇÃO PERFEITAMENTE NORMALIZADA

Em comunicado difundido às 7.30 horas de hoje o comando do Movimento das Forças Armadas informava: «estando perfeitamente normalizada a situação, a população pode retomar as suas actividades»

Um aspecto apenas da manifestação no Porto

A MULTIDÃO VITORIOU OS MILITARES NA BAIXA DO PORTO

•FERIDAS 17 PESSOAS

PORTO, 26 — Ontem à tarde, na Avenida dos Aliados, quando grupos, constituídos sobretudo por estudantes e operários, vitoriavam o golpe militar gritando: «Amnistia, amnistia» e «O povo unido jamais será vencido» surgiram súbita e inesperadamente forças policiais que carregando sobre os manifestantes deram orgem a que estes respondessem arremessando pedras sobre os polícias.

Os recontros prosseguiram ao longo da Avenida dos Aliados com manifestantes afluindo agora de várias artérias confluentes e ripostando à acção dos guardas da P. S. P. com pedras da calçada.

Eram pouco mais das 17 horas, quando apareceram então elementos do Exército comandados por um tenente e que, seguidos por manifestantes, obrigaram parte dos polícias a correrem para as carrinhas que foram apedrejadas à partida.

A multidão vitoriava os militares à sua passagem enquanto estes acenavam significativamente para os manifestantes.

Entretanto, alguns elementos da P. S. P. que tinham ficado ao cimo da Avenida e junto ao Palácio dos Correios foram avistados pelos manifestantes que entoando «slogans» e cantando começaram a subir a Avenida em direcção à Câmara.

Foi nesta altura que os polícias, postados junto aos Correios, puxaram dos revólveres e começaram a disparar sobre a mulitdão ferindo várias pessoas. A multidão dispersou para voltar a reaparecer pelas várias artérias que desembocam na praça do Município.

Foi então que cerca das 19 e 30 horas o Exército voltou a aparecer vindo do lado dos Clérigos em quatro viaturas e um «jeep».

A multidão rodeou-os, ovacionando-os e uma massa de gente começou á subir a Avenida. Pouco depois apareceram mais viaturas militares que atravessaram a Avenida sempre vitoriadas pela multidão. A polícia tinha desaparecido e o povo, então, cantou e manifestou-se vibrantemente, sem mais incidentes.

FERIDAS 17 PESSOAS

Entretanto, durante os recontros anteriores manifestantes apedrejaram as instalações do consulado da África do Sul, Fiat, Ford, Agência Abreu e um departamento do Ministério das Finanças situados na Avenida dos Aliados.

Durante a noite, sempre na mesma Avenida, grande multidão confraternizou com os militares que nas suas viaturas eram seguidos por automóveis, buzinando ritmadamente, enquanto, nalguns camiões misturados com soldados se viam miúdos dos bairros pobres que, como autêntios «gracamionetas, entravam nelas e voches», se penduravam nas abraçados a militares respondiam também às celebrações do povo.

A multidão foi dispersando depois disciplinadamente correspondendo assim ao apelo feito pelo Exército para recolherem a suas casas.

Durante a acção repressiva da P. S. P. na baixa do Porto ficaram feridas 17 pessoas tendo sido internados no Hospital de Santo António: Adelino Freitas Ribeiro, de 39 anos, guarda da P. S. P. de Gondomar; Francisco Seabra do Amaral, de 18 anos, estudante; José Luís Martins Almeida, 18, técnico de telefones; Augusto Afonso Pinheiro, 39, ajudante de motorista e José Maria Silva Azevedo, 16.

Receberam ainda tratamentos ligeiros no mesmo estabelecimento hospitalar Aristides Meireles Aguiar, de 14 anos; António Araújo de Jesus, de 19; Isaura Pereira de Almeida, de 66, doméstica; Rosa Armanda Magalhães, de 19, operária; António Francisco Moutinho, de 38, padeiro e Sérgio Valente, de 32, fotógrafo.

No Hospital de S. João ficou internado, em estado grave, Sebastião José de Sousa, de 61 anos, empregado comercial, atingido no tórax. Ficaram ainda feridos os seguintes elementos da P. S. P.:

Comissário Ilídio Queirós Mota, de 42 anos; subchefe Augusto Martins Lobo, de 40 anos; guardas Joaquim Pinto de 52; Serafim Ribeiro Pinto, de 34; e Adelino Freitas Ribeiro, de 39, que ficou internado no Hospital de Santo António.

Três manifestantes mortos por elementos da PIDE-DGS

Felizmente não há a registar grande número de feridos em consequência dos movimentos das tropas da Junta de Salvação Nacional que, nos seus comunicados, repetiu insistentemente que seria evitado todo o derramamento de sangue que não fosse estritamente necessário para o completo domínio das forças da reacção.

No entanto, elementos da PIDE-DGS, último reduto de resistência às tropas do Movimento, dispararam rajadas de metralhadora sobre um numeroso grupo de populares que desfilou junto à sede daquela corporação, na Rua António Maria Cardoso, quando percorria, ao princípio da noite de ontem, toda a «baixa» da cidade, manifestando o seu apoio às forças triunfantes.

Do incidente resultou a morte de três manifestantes. Destes apenas se conhece a identidade de Francisco Carvalho Gesteiro, de 18 anos, empregado de escritório.

Ainda não foi apurada a identidade dos outros dois jovens que aparentam as idades de 18 e 20 anos.

É a seguinte a identificação dos manifestantes feridos, que recolheram ao Hospital de S. José: Maria dos Anjos Afonso Santos Martins, de 21 anos, residente na Rua Padre José de Almeida, 132, na Póvoa de Santo Adrião; Francisco José da Silva Ramos, morador na Rua Bernardim Oliveira, 9, r/c; Rui Eduardo Alves Morais, de 19 anos, residente na Rua Artur Lamas, 40-1.º, dt.º; Aarão de Almeida, de 44 anos, morador na Travessa do Calado, 30-2.º; Maria da Conceição Neto, de 20 anos, moradora na Estrada da Luz, lote n.º 1; Armando de Jesus Lopes Afonso, de 17 anos, da Rua dos Fanqueiros, 39-4.º; António Maria da Cruz, de 18 anos, da Rua Presidente Arriaga, 112-2.º; Joaquim Inácio Ruivães Cristo, de 19; Maria Manuela Cortes Flores, de 23; António Ribeiro, de 20, António José Santos Lima, de 17; José Luís Gutierres, de 19; Jorge Salgueiro Costa, de 24; Fernando Simão Martins, de 16; Armindo Fernandes de Oliveira, de 16; Camélia Ferreira Pimenta, de 23, residente no Barreiro; José Luís Bernardes Fernandes, de 19, morador na Alameda Conde de Oeiras, 4, Nova Oeiras; António Pereira Esteves, de 35, residente na Rua José Falcão, 31-3.º, esq.; Rogério Paulo Osório, de 18; Luís de Oliveira, de 20; Manuel Pereira Alves, de 24; José Dinis Pereira, de 26, morador na Rua Manuel Soares Guedes, 98-1.º; Agostinho Manuel Soares, de 18.

Seis outros feridos, que também deram entrada no Banco do Hospital de S. José não foram ainda identificados.

Ainda durante os acontecimentos da Rua António Maria Cardoso foi morto um agente da PIDE-DGS quando tentava pôr-se em fuga. Chamava-se António Lage, e contava 32 anos de idade.

Entretanto, na manhã de ontem ficaram feridos respectivamente nas zonas do Cais do Sodré e da Praça do Comércio: Carlos Alberto Carvalh.is Parreira, de 35 anos, empregado no comércio, residente na Calçada do Tijolo, 58, porta 6 e Maria Emília Estronca Marques, de 32 anos, também empregado no comércio, morador na Praça Gil Vicente, 12-2.º, em Almada.

Também feridos, em consequência de acontecimentos verificados nas imediações da Rua Garrett, recolheram ao Hospital de S. José: Joaquim Silva Guerra, de 20 anos, escriturário, morador na Rua Filipe da Mata, 27-3.º; Fernando José Venâncio Pereira, de 15 anos, residente na Avenida dos Combatentes, 127-1.º, esq., em Algés; Maria Fernanda de Jesus, de 18 anos, moradora na Azinhaga do Vale de Cavalos, 3; Arnaldo João Marques, de 16 anos, serralheiro, residente no Pragal, Almada; e José Morgado Rodrigues, de 21 anos, escriturário, morador na Estrada das Barrocas, 61, frente, em Almada.

Mais de uma centena de pessoal médico e de enfermagem correspondeu aos apelos feitos pelo Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, apresentando-se, durante a noite, para prestar serviço no Hospital de S. José, no que foram orientados pelo respectivo director, dr. Ramos Dias.

Um jovem ferido ontem em Lisboa

NO PORTO ESPERA-SE A TODO O MOMENTO A RENDIÇÃO DA D.G.S.

PORTO, 26 — Uma força do Regimento de Artilharia Pesada 2 ocupou, ao princípio da madrugada de ontem, as proximidades do edifício da D.G.S., na Rua do Heroísmo, para obrigar os elementos daquela corporação a renderem-se. Aquela força do R.A.P., bem como centenas de pessoas, mantiveram-se durante toda a noite no local, tendo aqueles militares sido só esta madrugada substituídos por uma força da Polícia Militar.

Centenas de pessoas continuavam esta manhã concentradas nas ruas das imediações do edifício da D.G.S. proferindo «slogans» acusatórios contra aquela corporação.

Entretanto, na madrugada de ontem, dois agentes saíram do edifício e tentaram ir para as suas residências. Foram perseguidos e espancados pela multidão que lhes tirou as armas e as entregou, bem como os próprios aos soldados, tendo aqueles agentes regressado à corporação.

Esta manhã não houve fornecimento de pão e leite para a D.G.S., aguardando a todo o momento, tanto o Exército como a multidão, a rendição dos elementos daquela corporação.

ENCARREGADO DE NEGÓCIOS DE CUBA EM «REPÚBLICA»

Na nossa redacção recebemos esta manhã a visita do diplomata Astray Rodrigues, encarregado de negócios de Cuba em Lisboa. Deste nosso amigo recebemos cordiais felicitações pela hora histórica que vivemos.

A ASSEMBLEIA NACIONAL DESCOBRIU ONTEM À TARDE QUE NÃO TINHA «QUORUM»...

O inesperado aconteceu ontem à tarde na Assembleia Nacional: 39 membros da A. N. P., nomeados há meses para funções de deputado, responderam à chamada do 40.º, eng.º Amaral Neto, verificando-se assim que não havia «quorum» para a sessão plenária... (Usamos aqui de reticências porque a ex-Assembleia já então estava cercada por elas, embora não por forças do Movimento das Forças Armadas, ocupadas, como se sabe, com outros acontecimentos menos formais.)

Ao eng.º Amaral Neto juntaram-se entretanto dois secretários. As chamadas foram duas — garante o nosso prezado colega «O Século». Pouco depois, quando o quase ex-presidente usava da palavra, alguns outros quase ex-deputados fizeram a sua entrada no hemiciclo: eram os retardatários do costume.

Palavras do eng.º Amaral Neto na ocasião:

«Responderam à chamada 39 senhores deputados. Não há número para a Assembleia funcionar em período de antes da ordem do dia. Antes de encerrar a sessão, nada acho de melhor para dizer a Vossas Excelências do que recordar-lhes uma frase eterna — tal como noutra terra e noutras circunstâncias, muita gente espera de nós que cumpramos o nosso dever. *Nesta confiança, nesta certeza e na esperança que me dita, marco sessão para amanhã, à hora regimental, tendo como ordem do dia a ordem do dia da sessão de hoje. Está encerrada a sessão.»*

Tudo isto, chamadas inclusive, demorou um quarto de hora. Já agora uma precisão: o «quorum» necessário era de um terço e mais um do total dos deputados nomeados. E outra ainda: a sessão de hoje, logicamente, não se realizou.

OS QUE NÃO VIRAM O DIA 25

(Continuado da 1.ª pág.)

gos Pereira e José Domingues dos Santos, António Maria da Silva e Sá Cardoso e às figuras venerandas de Bernardino Machado e António Luiz Gomes, no ostracismo acabaram quase todos Há semanas desapareceu Pedro Pita e aos homens que tiveram a responsabilidade do Poder, podemos saudá-los apenas na figura do dr. Nuno Simões, o único ministro da República que viu o termo à ditadura Quase todos eles todavia se continuam em seus filhos numa luta que não teve tréguas até agora e citemos apenas o grande lutador, sacrificado como poucos, que foi João Soares e continuar-se em seu filho o dr. Mário Soares.

Demitidos, aposentados compulsivamente, presos foram tantos e tantos professores, educadores, escritores, que realmente a grande amputação imposta pelo regime à Nação se pode dizer ter sido a da inteligência. Desde Abel Salazar a Pulido Valente, Bento de Jesus Caraça, António Sérgio e Aquilino Ribeiro, quantos e quantos reduzidos ao silêncio ou atirados para fora das Escolas e do País. Aí está ainda firme como sempre, Manuel Rodrigues Lapa, há quatro dias homenageado no Brasil e de que o artigo foi cortado nas páginas da «República», e no Brasil está Rui Luiz Gomes.

Com os homens públicos os militares, os intelectuais, o povo simples, até homens de Igreja souberam o amargo da perseguição, quando remaram contra a subserviência que anos e anos caracterizou a atitude da hierarquia. E nas figuras dos srs. bispos do Porto e de Nampula não deixamos de ver os herdeiros da mensagem dos padres Abel Varzim e J. Alves Correia.

Açaimada a Imprensa, também esta foi vítima e teve as suas vítimas de tantos e tantos profissionais. Uns que a abandonaram para se sentirem livres, como Ferreira de Castro, outros que resistiram e insofridamente suportaram o jugo que lhes era imposto.

Lembramo-nos todos no homem vertical que gostearíamos de ver ainda à cabeça deste jornal e se chamou Jaime Carvalhão Duarte.

O rol dos perseguidos deste último meio século pode bem ombrear com o dos tempos do Absolutismo; e autêntico Absolutismo foi o que ora findou.

O PESSOAL DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DO AEROPORTO FOI CONVIDADO A REGRESSAR AO TRABALHO

O pessoal dos serviços de escritório e dos serviços administrativos foi convidado a regressar ao aeroporto no mais curto espaço de tempo ao serviço.

O pessoal das diversas companhias de aviação da aerogare será avisado da hora em que deverá apresentar-se ao trabalho.

A CENSURA SAQUEADA POR POPULARES

Instalações da ultimamente chamada Comissão de Exame Prévio (Censura), à Rua da Misericórdia, foram saqueadas por populares cerca das 13 horas. A investida durou breves minutos, até entrarem em acção elementos do Exército, os quais impediram que continuasse a depredação dos preciosos arquivos da «comissão».

Reaberta a Associação de estudantes do I.S.T.

Da direcção da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico recebemos o seguinte comunicado: «Os estudantes do Instituto Superior Técnico informam a população do País de que, ao abrigo da restauração das liberdades públicas proclamada pela Junta de Salvação Nacional, reabriram por sua própria iniciativa as instalações da Associação de Estudantes, encerrada pelo antigo regime em 25 de Julho de 1973, contra os interesses das massas estudantis de todo o País e de todo o povo português.

Foi também abolido pelos estudantes o «contrôle» de entradas no Instituto e ficou convocada uma reunião de estudantes para amanhã, às 12 horas.

TRÊS AGENTES DA D. G. S. APANHADOS À MÃO AO PÉ DO NOSSO JORNAL

Cerca das 12.15, foram localizados por populares, perto do nosso jornal, três agentes da D. G. S.

Perseguidos por soldados comandados pelo cap. Maia e por alguns transeuntes, foram capturados no Largo Trindade Coelho.

Os elementos do Exército despojaram-nos das armas — pistolas de guerra — e tiveram grande dificuldade em dominar a multidão, tendo de reforço de carros blindados disparar tiros para o ar e pediu o reforço de carros blindados para o transporte dos presos, o que se fez com grande dificuldade, devido à reacção da multidão enfurecida que gritava «Mata! Mata! Mata!» e «Assassinos! Assassinos! Assassinos!»

ESTUDANTES ESPANHÓIS CHEGAM A LISBOA

De comboio chegaram esta manhã a Lisboa, procedentes de Madrid, algumas dezenas de estudantes, na sua maioria galegos que vêm assistir entre nós à evolução dos acontecimentos e acompanhar-nos nesta hora. Eles têm consciência da importância que o momento que vivemos pode ter para a Península Ibérica.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIA DE ESTADO
DA INFORMAÇÃO E TURISMO
COMISSÃO DE EXAME PRÉVIO

N.º 110-C.E.P.
Pº Nº 91

Ex.mo Sr
Director do Jornal "REPÚBLICA"
Rua da Misericórdia Nº 110
LISBOA

Tenho a honra de solicitar a V.Exª se digne informar o que tiver por conveniente àcerca do não cumprimento do corte ordenado por esta Comissão no artigo "TRIBUNAL PLENÁRIO", publicado na página 24 do dia 18 do corrente, do Jornal que V.Exª dirige, e do qual junto envio fotocópia.

Com os meus cumprimentos.

A bem da Nação

Lisboa, 24 de Abril de 1974

O PRESIDENTE DA COMISSÃO CENTRAL

O ÚLTIMO DOCUMENTO

Durante décadas submetidos ao regime férreo de uma repressão censória que só cujos prejuízos a História poderá avaliar, em toda a sua extensão, para Portugal e a sua cultura. Porém, não se limitava a censura a corte prévio de textos, de resto já escritos a pensar no terrível lápis azul dos censores: depois, ainda se podiam verificar consequências de vária ordem e outras medidas repressivas contra os jornais.

Como documentos (e tantos outros, muito piores, foram recebidos nesta casa ao longo dos últimos 48 anos) para uma história que se venha a fazer, aqui deixamos a reprodução do último ofício chegado a este jornal e proveniente da Censura (desde há anos eufemisticamente designado por «exame prévio») e recebido já depois de estar em curso o triunfante Movimento das Forças Armadas. Depois, poderia ser, na melhor das hipóteses, uma multa. Mas, além dela, havia as retaliações de toda a ordem que a Censura, totalmente arbitrária e descricionária nas suas decisões, nos podia impor. E nem o que se dizia nos tribunais escapava à sua sanha...

TRIBUNAL PLENÁRIO

Recomeçou, após as férias da Páscoa, o julgamento no Tribunal Plenário dos cidadãos acusados de pertencerem à Acção Revolucionária Armada (A.R.A.).

Estava marcada para hoje a audição de alguns elementos da D.G.S. que deveriam elucidar o tribunal sobre certos aspectos da instrução preparatória. Todavia, verificou-se a ausência destes declarantes o que levou o agente do Ministério Público a formular um requerimento ao tribunal.

A intervenção do agente do M. P. foi seguida de vários requerimentos apresentados pelos advogados dos réus. Foi requerida a instauração de procedimento criminal aos funcionários da D. G. S. faltosos, «porquanto o seu procedimento é manifestamente ofensivo do respeito devido à Justiça e à Magistratura». Foi pedido à D.G.S. algumas informações sobre um tal Landolfo e requereu-se ainda à Polícia Judiciária certidão comprovativa do texto integral das declarações prestadas àquela polícia pelo réu Coutinho.

O dr. Salgado Zenha afirmou, a dado passo do seu requerimento: «O problema posto pelo digno agente do Ministério Público é extremamente simples. Numa entrevista concedida a um jornal de Lisboa, em 1969, o prof. Marcelo Caetano, referindo-se claramente à Polícia Internacional e de Defesa do Estado, disse que esta constituía «um estado dentro do Estado». Alguns espíritos ingénuos pensaram que, depois de ter sido substituída a designação da polícia política, esta passaria a ser uma instituição subordinada às leis do Estado. No entanto, a simples constatação dos factos, mostra que a D.G.S. continua a ser «um estado dentro do Estado», como o mostra o seu comportamento em apreço. Por termos do artigo 116 da Constituição os tribunais constituem um poder independente, ao qual, no exercício das suas funções, todos devem obediência».

RUSGA DA P. S. P.

Seis homens e seis mulheres com idades compreendidas entre os 19 e 40 anos foram, ontem à noite, detidos por uma rusga da P. S. P. no Cais do Sodré, Praça do Comércio e Bairro Alto.

República

Aqui ficam, pois, estes documentos, como os últimos do que se tem como o fim de uma época dramática do País e da sua Imprensa — que, agora livre, poderá, enfim, começar a cumprir como se impõe a sua missão de verdadeiro interesse público.

MEDALHA COMEMORATIVA DA TOMADA DO PODER

«Ainda dominado pelas lágrimas de imensa alegria vividas intensamente neste histórico dia», escreve-nos o nosso leitor José Silvestre sugerindo a abertura de uma subscrição para cunhagem de uma medalha comemorativa da tomada do poder, a oferecer a todos os militares que participaram neste **«levantamento da liberdade e consciencialização patriótica»**. E especifica: **«A referida medalha deveria ter num lado a efígie da República com a data de 25 de Abril de 1974 e a frase DIA DA LIBERDADE. No outro lado da medalha deve dizer: O POVO REPUBLICANO DE PORTUGAL AGRADECIDO.»**

O nosso leitor envia com a sua carta a quantia de 500$00, para abertura da subscrição.

Atendendo à dignidade da iniciativa de José Silvestre, abrimos desde já inscrições para os leitores e amigos que queiram contribuir para esta simples mas significativa homenagem aos militares que puseram fim ao regime que nos dominou durante décadas.

«A IMPRENSA TEM UM ALTO DEVER DE ESCLARECIMENTO DO POVO»

— afirmou o general António de Spínola a jornalistas portugueses e estrangeiros

A Junta de Salvação Nacional deu esta manhã a sua primeira conferência de Imprensa. Foi no Regimento de Infantaria 1, à Pontinha, perante muitos jornalistas portugueses e estrangeiros.

A conferência foi iniciada com a seguinte breve declaração do general António Spínola:

«É a primeira vez que a Junta de Salvação Nacional entra em contacto com a Imprensa. Antes de mais desejo agradecer a forma patriótica como ela acompanhou o Movimento das Forças Armadas. E, para além deste agradecimento, eu formulo votos para que, dentro de uma liberdade de expressão que vai passar a ter, saiba efectivamente cumprir o alto dever que lhe compete no esclarecimento do nosso bom povo português e que o Movimento das Forças Armadas e a sua Junta de Salvação Nacional agradecem.»

O general Spínola respondeu depois a uma série de perguntas dos jornalistas.

— Qual a posição do Movimento em relação à Resistência anormal que foi oferecida pela D. G. S.?

— Ainda não estão esclarecidos os pontos a que se refere. Já foi chamada de forma a que não mereça mais quaisquer reparos do Povo português.

Um jornalista espanhol (TVE) indagou:

— Podemos saber, senhor Presidente, quais os objectivos desta Junta?

— O programa das Forças Armadas foi neste momento distribuído à Imprensa.

— Qual é a política que Portugal vai seguir de agora em diante em relação às colónias do Ultramar?

— É a política que for definida pelo consenso do País.

— Que foi feito do ex-presidente Américo Tomás e Marcelo Caetano?

— Seguiram de avião para o Funchal.

— Qual será a linha da política exterior de Portugal?

— Vai ser uma linha de abertura a soluções de evolução para um futuro de progresso de Portugal no seu todo pluricontinental.

— Qual foi a reacção do Povo português a este golpe militar?

— Magnífica! Ultrapassou largamente todas as expectativas.

— Houve vítimas?

— Creio que não.

— Houve algum foco de resistência às Forças Armadas?

— Creio que não. Se houve alguns tiros foram esporádicos. Acções de fogo não houve.

— Quer o presidente dizer algo para Espanha que vive neste momento em grande expectativa, ante os acontecimentos que se estão desenrolando em Portugal?

— Creio bem que a nova orientação que foi imprimida à política portuguesa muito facilitará as relações de Portugal com a Espanha.

— Obrigado, sr. Presidente.

Algumas perguntas de jornalistas portugueses e correspondentes estrangeiros.

— Está a ser dada alguma directriz aos governos do Ultramar?

— Neste momento ainda não.

— V. Ex.ª falou no problema da Imprensa e da liberdade de expressão. Independentemente do que V. Ex.ª tem formulado no comunicado a apresentar à Nação, poderá acrescentar-nos alguma coisa em relação à extinção do exame prévio e de outros organismos que têm dificultado as comunicações com o público?

— O programa do Movimento das Forças Armadas que vai ser distribuído responde cabalmente à pergunta que me faz, pois contém a extinção da censura e do exame prévio. Apenas tem as restrições devidas a segredos militares nesta fase que ainda atravessamos no nosso Ultramar.

— Sr. general ainda em relação à lei de Imprensa que é o decreto-lei de 5 de Maio de 1972, a lei de Imprensa será revista?

— Está prevista a sua revisão.

— Fala-se no comunicado na perspectiva de um pluralismo político. Será que vamos ver reaparecer partidos políticos como o partido socialista e a C. D. E. e nesse caso justificar-se-á a aparição de comunicados da C. D. E. nos jornais?

— Tudo leva a crer que sim.

— Nos termos em que se referiu, na sua resposta, sobre a pergunta, relativa à resistência obsessiva pela D. G. S., leva-me a crer, que a D. G. S. não desapareceu...

— Este programa que vai ser distribuído, também responde cabalmente à sua pergunta. Está prevista a extinção da Direcção-Geral de Segurança apenas com restrições ao Ultramar, enquanto as operações militares o exigirem.

— Podemos saber o nome do «leader» do movimento?

— Aí está uma pergunta de resposta muito difícil. Não sei. É o movimento colectivo das Forças Armadas.

— V. Ex.ª referiu-se ao problema da extinção do exame prévio. Quando é que se verificará?

— A resposta está no programa distribuído.

— As notícias relativas ao próprio movimento, que está a decorrer, terão que ser submetidas ao exame prévio ou ficarão à responsabilidade dos jornais e dos seus directores?

— Ficarão sumetidas à responsabilidade dos jornais.

— E as notícias relativas aos outros acontecimentos que sucedem neste momento?

— Dentro de muito pouco tempo, serão dadas instruções a esse respeito.

— V. Ex.ª pensa estabelecer algum contacto, neste momento, com os movimentos de guerrilha?

— Neste momento, não.

— Qual é a situação dos presos políticos neste momento?

— Também vão ser soltos.

— Todos os presos políticos, sr. General?

— Não. A ideia é todos os presos políticos, excepção feita àqueles que para além de problemas ligados a ideologias políticas tenham também cometido crimes classificados pelo Código Penal.

— Qual é a sua posição relativamente ao problema da da emigração?

— Por enquanto o problema está em auscultação.

— E em relação aos refugiados políticos, à vinda de refugiados políticos para Portugal?

— Serão abrangidos, evidentemente, pelas medidas a que há pouco me referi.

— Desde a vinda do capitão Sarmento Pimentel e outros...

— Sim.

— Mais uma pergunta sr. General: qual a sua posição em relação às companhias multinacionais?

— Serão problemas sobre os quais nos iremos debruçar.

COMUNICADO DE MÉDICOS DEMOCRATAS

A direcção livremente eleita da Ordem dos Médicos foi suspensa por deliberação arbitrária do governo fascista e a substituí-la foi designado pelo Ministério das Corporações e Saúde um Administrador, o Curador, que de modo algum representa os médicos nem pode interpretar os seus interesses.

Hoje, alguns médicos já se deslocaram à sede da Ordem com o propósito de dar início ao movimento de reorganização da vida associativa.

Fazem apelo a todos os médicos para que participem no movimento renovador da vida sindical, numa altura histórica em que toda a Nação se movimenta pelo Progresso e pela Liberdade.

Manuel Souto Teixeira, Francisco George, Serafim Rosas, Victor Hugo Soares, José Manuel Jara, António Machado Saraiva, Ivo Loio, Eduardo Barroso, António Guilhermino de Sousa, Carlos Veiga, Ludgero Pinto Basto, Horácio Bastos, Jorge Varela, Ana Maria Santos Silva, Liliana Guerreiro, Maria da Conceição Barbas, Daniel Bonhorts, António Filipe Coutinho, Vasco Urpina, Lacerda Nobre, Santos Resende, Carlos H. George, Vitor Santos, Carlos Afonso, José Carlos Botelhéiro, J. Rodrigues Pena, António Jorge Jara, Tércio Rodrigues, Leote Nobre, José A. Antunes, João Moreira, José Luís de Brito, Magalhães Faria.

LIBERTADOS OITO DOS NOVE PRESOS POLÍTICOS DETIDOS NA EX-D. G. S. DO PORTO

PORTO — Às 13 e 46 de hoje foram libertados oito dos nove presos políticos detidos na antiga D. G. S. desta cidade. O nono preso foi entregue às Forças Armadas por aquela antiga polícia lhe ter movido um processo em que o acusava de pretensos delitos comuns.

A libertação dos presos deu origem a grande regozijo da multidão que se apinhava no Largo Soares dos Reis e na Rua do Heroísmo e mais afluentes, limitando-se as forças militares a conter o avanço da multidão provocado pela comoção e alegria.

Antes da libertação daqueles nove detidos, entraram nas instalações da D. G. S. a eng.ª Virgínia Moura, dr. Óscar Lopes, Strech Monteiro, médico, e dr. Arnaldo Mesquita, advogado de alguns presos.

Os detidos, depois de saírem das prisões da antiga Pide, subiram para um camião, tendo depois um oficial do Exército comunicado da varanda do edifício, por um megafone, que eles se encontravam livres.

Os libertados, brancos, lívidos, alguns a cambalear, devido aos maus tratos, foram comovidamente abraçados por parentes e amigos que romperam o cerco militar, e aclamados pela multidão.

Às 13 e 45 a antiga D. G. S. já só tinha dentro dos seus portões os seus cerca de 100 elementos e que o Exército se comprometeu a levar incólumes para o Quartel General.

Foi pedida à multidão, que gritou durante todo o momento «assassinos-criminosos-pides», para dispersar em nome dos princípios que enformam o golpe militar das forças revolucionárias. E a multidão retirou. Pouco depois os antigos elementos daquela corporação foram transportados para o Quartel General pela Polícia Militar.

Os presos são: Manuel Duarte Sousa Pacheco, Mário da Costa Nogueira, Arnaldo Rosa, osé Manuel Ramos Penafarjs Campos, António Augusto Moreira Campos, António José Mendes Carvalho, António Pereira Soares e Hernâni Manuel Sousa Martelo.

LIBERTADOS ALGUNS DOS PRESOS DE CAXIAS

Ao fim da manhã de hoje, a grande maioria dos oitenta e um prisioneiros de Caxias foram libertados por duas companhias, — paraquedistas e fuzileiros navais — das Forças Armadas. Estranhamente, a Junta de Salvação considerou delitos comuns as acções políticas de alguns dos prisioneiros (Paulo Inácio, entre outros) e decidiu mantê-los nas respectivas celas.

A acção foi decidida às primeiras horas da manhã após sistemáticas pressões de alguns dos mais jovens oficiais do Movimento que reclamavam a imediata libertação de todos os presos políticos.

Assim às 7 e 50 da manhã uma companhia de pára-quedistas, vindo de Monsanto, comandado pelo capitão Braz chegou às imediações do forte de Caxias. Vinte minutos depois, e sem qualquer resistência da companhia da GNR acordo com o comando pára-quedista, as forças navais ções do chamado reduto norte do Forte de Caxias, onde se localizavam as celas prisionais.

Às 8 e 30 chegava uma companhia de fuzileiros navais chefiada pelo capitão da Marinha, Abrantes Serra. De acordo com o comando paraquedista, as forças navais montaram novo dispositivo de segurança, exterior ao forte.

A acção deste destacamento da Armada tinha com objectivo garantir a segurança dos presos políticos, permitindo assim o ataque às forças da PIDE acantonadas na sede da Rua António Maria Cardoso, que mais tarde viriam a render-se.

As duas forças foram aclamadas à chegada ao forte por dezenas de familiares dos presos que (com lágrimas de alegria) esperavam desde ontem a libertação.

Às 9 e 15 os dois comandantes das forças destacadas subiram a escadaria que conduz às celas e ordenaram aos guardas prisionais presentes a abertura das primeiras celas. Poucos minutos depois saíam os primeiros detidos entre os quais os nossos camaradas Figueiredo Filipe, Fernando Correia, Albano Lima, Sérgio Ribeiro e Mário Ventura Henriques. Saíram também Saldanha Sanches, José Tengarrinha, Helena Neves, Vítor Dias, Nuno Teotónio Pereira, Gorjão Duarte, Mário Sena Lopes, Pedro Fernandes, e outros.

Sucederam-se os abraços e cenas de grande emoção com as equipas de jornalistas presentes na libertação. De algumas janelas das celas alguns dos detidos aguardando a saída, acenavam com lenços vermelhos e de punho bem erguido.

Entretanto uma ordem vinda da Junta de Salvação determinava que fossem libertados apenas os «prisioneiros políticos». Aqueles que estivessem a cumprir, também, penas de delito comum permaneceriam detidos.

Perante o espanto dos jornalistas presentes — que não podiam compreender a distinção feita entre os prisioneiros de Caxias, todos detidos por razão de ordem política, pois os chamados crimes de direito comum tinham um carácter notoriamente político — os detidos voltaram às respectivas celas até que se apurassem quais os que permaneceriam e quais os que sairiam.

Assim Palma Inácio, que no primeiro momento da sua saída declarava *que isto não signifique apenas a liberdade para nós, mas para todos os portugueses*, voltava à cela n.º 3 onde se encontrava há seis meses.

No Hospital-Prisão de Caxias os heróicos militantes José Magro (20 anos nas prisões fascistas), António Dias Lourenço, Rogério Rodrigues Carvalho e Miguel Camilo (ainda em estado grave), eram informados da libertação pelos familiares que desde a tarde de ontem não arredaram pé do portão principal.

FIGURAS DO ANTIGO REGIME DFTIDAS EM INFANTARIA 1

Soube-se, ao fim da manhã, que estavam detidas no edifício do Comando do Regimento de Infantaria 1, à Pontinha, algumas individualidades do regime deposto.

Os nomes recolhidos (sem confirmação) pelo repórter da «República» eram os dos ex-ministros dos Negócios Estrangeiros e Exército, ex-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, ex-segundo comandante do Regimento de Cavalaria 7 e ex-deputado Casal Ribeiro, entre outros.

Cerca do meio-dia terminava, no mesmo R. I. 1, uma reunião da Junta de Salvação Nacional. Assediado por jornalistas portugueses e estrangeiros, o general António de Spínola limitou-se a dizer:

«Tudo vai bem.»

Na mesma ocasião, o tenente-coronel Almeida Bruno, que se sabe próximo do presidente da Junta e foi elemento preponderande do «Movimento de Oficiais», afirmava que uma das preocupações dominantes, neste momento, era evitar os excessos da população. O motivo era a PIDE-DGS que, embora finalmente dominada pelas Forças Armadas, estava, com os seus agentes, **«sob a nossa protecção»**, segundo afirmou aquele oficial. Na realidade, na zona da «Baixa», milhares de manifestantes extravasavam largamente a sua repulsa pelo referido corpo policial.

Por esse motivo, e porque havia chegado ao R. I. 1 uma informação segundo a qual havia tiros isolados na «Baixa», o que se relacionaria, ainda com a PIDE-DGS, saiu às 11 e 30 uma companhia em direcção ao Chiado. Tratava-se da mesma que, na véspera, ocupara o Aeroporto, vinda de Mafra.

Entretanto, ao meio-dia, terminada a reunião dos elementos da Junta de Salvação Nacional, o general António de Spínola, acompanhado pelo general Costa Gomes abandonou, de automóvel, o aquartelamento. A escolta era formada por um destacamento de Cavalaria 7, com quatro blindados e outros tantos «jeeps», cheios de militares armados.

TOMADA A LEGIÃO PORTUGUESA NO PORTO

PORTO, 26 — Cerca das 12 horas de hoje era tomado de assalto o quartel da Legião Portuguesa.

Foi apreendido todo o material de guerra existente ali.

MANIFESTAÇÃO DE ESTUDANTES DE APOIO AO MOVIMENTO

Na Cidade Universitária verificaram-se durante toda a manhã manifestações de apoio ao movimento.

Também os trabalhadores de Paris enviaram à Junta de Salvação Pública um telegrama de inteira concordância e regozijo.

ÁFRICA DO SUL

— atenção com os imigrantes...

O último número do boletim intitulado «Notícias da Africa do Sul», edição e propriedade da Embaixada da República da África do Sul, em Lisboa, reproduz na página 17 um cartaz de assistência à imigração afixado em Nelspruit, no Transval Oriental. Como não podia deixar de ser, prevê-se que lá cheguem portugueses, razão pela qual existe também um texto em português que diz o seguinte:

«Bem vindos sejamos emigrantes a Nelspruit. Querem encontram portugueses? Se assim desejarem à telefonarem para o clube dos Rotárians telefones abaixo mencionados» (sic).

Os serviços de recepção de Nelspruit podem não primar pelo português, mas adivinha-se a eficácia...

Trabalhadores da Associação de Estudantes do I. S. E.

Os trabalhadores da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia, impossibilitados de voltarem ao trabalho desde o dia 26 de Março, continuam a aguardar uma solução do seu problema, manifestando-se preocupados relativamente ao futuro.

Aqueles trabalhadores, num total de 57, receberam já os vencimentos do mês de Março, como noticiámos. Acontece, porém, que não têm garantias algumas de que lhes seja facultado o acesso ao local de trabalho, assim como o pagamento dos meses enquanto a situação se mantiver.

Entretanto, prosseguem os contactos junto das autoridades competentes no sentido de que o problema seja resolvido. No âmbito dessas diligências, os sindicatos representativos dos trabalhadores pediram uma audiência ao director do Instituto, prof. Gonçalves Proença.

Recorda-se que os trabalhadores da Associação de Estudantes do I.S.E. ficaram impedidos de voltar ao local de trabalho em consequência dos acontecimentos ocorridos naquele Instituto no dia 26 de Março. Estes acontecimentos (em que os referidos trabalhadores não tiveram qualquer responsabilidade) levaram as autoridades académicas ao encerramento do Instituto, em cujas instalações está a Associação.

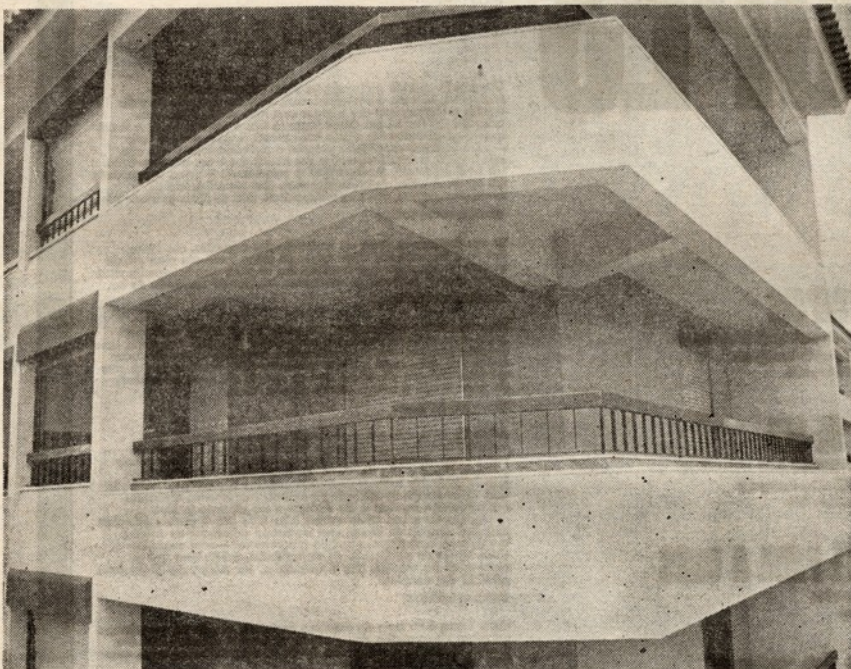
BEBA CAFÉ PURO

A EMPRESA COMO OBJECTO DE INVESTIGAÇÃO

Promovido pelo Centro de Estudos de Gestão, inicia-se no próximo mês de Maio, na Associação Comercial de Lisboa — Câmara de Comércio Portuguesa — um ciclo de conferências sobre «A Empresa como objecto de investigação», no qual serão analisados problemas do maior interesse nos temas que vão ser tratados pelo eng. Alfredo Jorge Nobre da Costa, «A produção como objectivo empresarial»; dr. António Amaro de Matos, «A Empresa perante os mercados»; dr. António da Silva Leal, «A Empresa e a Política Social»; dr. Luís Brito Correia, «Novos quadros jurídicos da Empresa»; prof. dr. Diogo Freitas do Amaral, «Empresas públicas e Empresas de interesse colectivo»; dr. Fernando Cruz, «Perspectivas da colaboração Empresa-Universidade», e prof. dr. Antunes Varela, «Papel da Empresa no Contexto Económico Social Português».

Automóveis antigos em carteiras de fósforos

A Sociedade Nacional de Fósforos, seguindo a norma ultimamente adoptada de tornar as caixas e carteiras de fósforos divulgadoras de arte ou curiosidades, lançou agora uma série de quinze carteiras com automóveis antigos.

SALDOS DE ANDARES — NA PAREDE

BAIRRO JANITA (Alto da Parede)

Devido à feliz propaganda, inédita em Portugal, de saldos de andares efectuados em Cascais, o construtor Reinaldo Lapinha informa que os referidos andares já se encontram totalmente vendidos.

Comunica que tem novamente em saldo três prédios acabados de construir e prontos a habitar, também para vender por andares, compostos de 3 e 2 assoalhadas, com grandes terraços e marquises e espaçosas arrecadações na cave.

E já se encontra em fase de acabamento a construção de mais 500 fogos.

PARA MAIS INFORMAÇÕES, VISITE A

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES REINALDO LAPINHA & FILHOS, LDA.

NA RUA IRACY DOYLE, N.º 11-D, EM CASCAIS • TELEFS.: 28 40 26, 28 44 25 E 28 31 52

A ACÇÃO DESENVOLVIDA PELA INSPECÇÃO DE TRABALHO

O mau conceito em que é tida pelos trabalhadores a acção desenvolvida pela Inspecção do Trabalho foi objecto de um ofício dirigido, no passado dia 13 de Março, pelo Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Santarém ao subsecretário de Estado do Trabalho.

O documento, que refere a experiência daquele Sindicato como representante de 5000 trabalhadores, cita os pedidos constantes de intervenção, por parte dos seus associados, «no sentido de oficiar à Inspecção do Trabalho, para que esta actue eficazmente junto das empresas, o que não acontece.»

Após uma breve exposição da legislação que regulou a criação da Inspecção de Trabalho (Decretos-Lei 37 244 e 37 245 de 1948) e das recentes alterações estabelecidas pelo Decreto-Lei 130/73, o documento lembra a competência da referida Inspecção, entidade criada para actuar como fiscalizadora do funcionamento das empresas, «não só quanto ao cumprimento das leis de trabalho (disposições de origem administrativa — Decretos-lei, portarias, despachos, etc. — e resultantes de convenções colectivas), mas também como fiscalizadora das normas respeitantes à medicina, higiene e segurança nos locais de trabalho.»

O documento conclui destas nomas **«que os trabalhadores devem ser os únicos beneficiários da existência e funcionamento da Inspecção de Trabalho»**, devendo, por isso, **«os funcionários da I. T. ser acompanhados nas suas visitas de serviço por representantes dos trabalhadores.»**

Acrescenta que a lei não consigna a obrigatoriedade dos funcionários da I. T. se fazerem acompanhar nas visitas por representantes dos trabalhadores, embora nada obste a que isso venha a acontecer, **«prática que de resto já alguns delegados do I. N. T. P. têm vindo a possibilitar.»**

Debruça-se, a seguir, o documento sobre **«o descrédito da Inspecção de Trabalho, na opinião generalizada dos trabalhadores»** que será motivado por alguns dos seus delegados **«avisarem as empresas da visita que vai ser efectuada; durante a visita à empresa não contactarem, normalmente, com os trabalhadores, atendendo, na maioria dos casos, às versões patronais; sobrevalorizarem as declarações dos patrões em detrimento dos trabalhadores; denunciarem, por vezes, à empresa, os trabalhadores que originaram a inspecção, provocando desta forma represálias, que levam até ao despedimento dos mesmos, e elaborarem, por vezes, relatórios que não correspondem à verdade dos factos.»**

Tudo isto, e ainda segundo o documento, tem **«levado a afirmações de que existe corrupção.»**

«Continuando a Inspecção de Trabalho a actuar de forma deficiente», refere, por fim, o documento, é difícil acautelar os interesses dos trabalhadores, reclamando, por isso, **«legislação que obrigue as Inspecções de trabalho a serem acompanhadas por representantes dos trabalhadores»**, pois **«só assim poderá a I. T. ganhar o prestígio de que necessita e os trabalhadores verão melhor salvaguardados os seus direitos.»**

O documento veio a ser subscrito por outros sindicatos.

NOTARIADO PORTUGUÊS

1.º Cartório Notarial de Lisboa.

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura de vinte e seis do corrente mês, exarada desde folhas vinte e sete, a vinte e nove, do livro número F-dezanome, de escrituras diversas deste Cartório, a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma «José Augusto Leal, Limitada», com sede nesta cidade, na Rua Palmira, número catorze, aumentou o seu capital com cento e trinta e cinco mil escudos, em dinheiro, ficando, assim elevado a cento e cinquenta mil escudos, tendo o reforço sido subscrito em partes iguais pelos sócios Dr. Serafim Ferreira de Oliveira, Dr. António de Sousa e Dr. Joaquim Lourenço Gago, tendo contribuído cada um com quarenta e cinco mil escudos, cujas importâncias já deram entrada na caixa social.

Que, em consequência do aumento, a sociedade alterou o artigo quarto do pacto social, que passou a ter a seguinte redacção:
Artigo quarto — O capital social é de cento e cinquenta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro e noutros valores que constam da respectiva escrita e corresponde à soma de três quotas iguais de cinquenta mil esculos, uma de cada sócio.

Está conforme ao original, e declara-se que na parte omitida nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Lisboa, 28 de Março de 1974.

O Ajudante

Alberto Vila Rodrigues

Óleos de Estêvão Soares no Ateneu Comercial

Integrada nas comemorações do 21.º aniversário do Núcleo dos Antigos Alunos da Escola do Ateneu comercial de Lisboa, foi ali inaugurada uma exposição de óleos do pintor Estêvão Soares.

A exposição estará patente ao público até ao próximo dia 27, das 18.30 às 20.30.

Wanya — Escala em Orongo na Galeria Assírio & Alvim

A Galeria Assírio & Alvim foi inaugurada com a exposição das pranchas originais da banda desenhada «Wanya— Escala em Orongo», com desenhos de Nelson Dias e texto de Augusto Mota.

A galeria funciona de segunda a sexta-feira, das 9 às 13 e das 15 às 19 horas.

Zé Penicheiro em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO — O artista José Penicheiro tem patente na Galeria Picasso, Rua da Altamiva, 65-67, uma exposição de trabalhos seus.

«Acredito numa espécie de justiça histórica imanente, a favor das melhores estruturas de relação social humana, com uma activa esperança que transcenda todos os mitos e todos os novíssimos do homem que as religiões nos têm proposto até hoje. Acredito numa democracia directa, permanentemente plebiscitária, em que a automação e a informática desempenharão o papel reservado aos escravos da democracia directa das cidades gregas antigas.»

ÓSCAR LOPES
Vida Mundial 11/7/69

Um grande ensaísta português, uma das personalidades mais fascinantes, humana e intelectualmente, uma das inteligências mais agudas e lúcidas, uma das pessoas com mais sólida informação cultural (...) Não há em Óscar Lopes (e isso é tanto mais de o louvar quanto quase todos nós somos inteiramente incapazes de o fazer — sei-o bem por experiência própria) a mais leve alusão que não seja límpida, a mais leve crítica que não tenha o seu endereço certo. Há uma espantosa, incomparável e enternecedora quase ingenuidade em aparecer assim, desprotegidamente, num meio literário de constantes conflitos, com uma transparência total de palavras e intenções.

EDUARDO PRADO COELHO

Se nós pudéssemos fazer um inventário das sugestões, das ideias, das teses lançadas por Óscar Lopes ao longo desta sua obra *(Modo de Ler)*, teríamos aí um processo de dar ao leitor uma imagem do vasto poder criador deste crítico, da riqueza invulgar do seu modo de ler.

JOFRE AMARAL NOGUEIRA

Uma larguíssima compreensão, um poder de abarcar a mais vasta gama de movimentos, verdades, contradições fecundas, é uma das mais salientes características do pensamento e actividade crítica de Óscar Lopes, que reúne assim a tensão unificante duma teoria dialéctica com a serena visão do pluralismo de vias através das quais a realidade do nosso tempo e cultura avança para o futuro.

NUNO TEIXEIRA NEVES

Acima de tudo, esta preocupação de se tornar inteligível. Esta saudável humildade do desapego de manifestações de eruditismo — em favor de um propósito de comunicação clara, onde a cultura serve de esteio e não de pluma. Ao individualismo deprimente de grande parte dos intelectuais contemporâneos Óscar Lopes contrapõe uma vívida noção de utilidade de massas, coordenando elementos e conclusões, com vista a um diálogo, a um contacto (a uma divulgação de saber, se se quiser). Mas tudo isto é prosseguido com inflexível domínio da forma, com inexorável orientação de sistema e, repete-se, com rigoroso sentido programático — aqui entendido como desejo de clarificação de mentalidades, desejo esse que se desenvolve na máxima das simplicidades, na mais pura e na mais preciosa das doações.

DIARIO DE NOTICIAS

Óscar Lopes é no meio do ensaísmo português, cingido na maioria aos esquemas ultrapassados do «pensamento sobre si próprio», uma das poucas excepções à regra: ele funda as suas reflexões sobre uma base concreta, histórica, real.

VIDA MUNDIAL

LER E DEPOIS
CRITICA E INTERPRETAÇÃO LITERARIA/1
Colecção Civilização Portuguesa
408 páginas/80$00/3.ª edição

MODO DE LER
CRITICA E INTERPRETAÇÃO LITERARIA/2
Colecção Civilização Portuguesa
466 páginas/95$00/2.ª edição

CONVITE PARA A URSS
Colecção Situações
318 páginas/40$00

CIFRAS DO TEMPO
CRITICA E INTERPRETAÇÃO LITERARIA/3
Colecção Civilização Portuguesa
A publicar brevemente

Editorial Inova/Porto

A SELECÇÃO DE JUNIORES TREINOU NO JAMOR

A selecção nacional de juniores voltou a treinar, no Jamor com vista à participação no Torneio Internacional da U.E.F.A., de 22 a 31 de Maio, na Suécia. O treino foi integralmente ocupado com um jogo com a equipa principal do Atlético, ao longo de uma hora, sem intervalo. A formação do Atlético venceu por 4-3, afirmando algumas pessoas ligadas à selecção que isso pode equivaler a uma quebra de «forma» por parte do jovens futebolistas seleccionados.

No Atlético de Madrid não podem ser vendidos álcool e almofadas

MADRID (L.) — O Atlético de Madrid proibiu a venda de bebidas alcoólicas no seu estádio durante o jogo de futebol contra o Glasgow Celtic, correspondente à 2.ª mão das meias-finais da Taça Europeia, que se realiza na quarta-feira à noite — revelaram hoje círculos geralmente bem informados.

Outras medidas destinadas a evitar quaisquer incidentes durante o desafio — após o acidentado jogo da 1.ª mão na semana passada em Glasgow — incluem o não aluguer de almofadas no estádio, que tem 65 000 lugares.

Tais medidas, segundo pensam os funcionários do clube, privarão os espectadores de terem qualquer coisa à sua mercê para atirar para o rectângulo de jogo.

As 2 primeira filas das bancadas não serão ocupadas numa medida para que os espectadores fiquem o mais afastado possível do relvado.

Tais precauções foram tomadas após a União Europeia do Futebol (U. E. F. A.) avisar que as autoridades do futebol seriam responsáveis por qualquer incidente violento no estádio durante o encontro.

Os dirigentes dos «colchoneros» pediram aos adeptos do clube para continuarem calmos e manterem a paz durante o jogo, enquanto o Celtic tomou uma decisão sem precedentes de avisar os seus adeptos para não se deslocarem a Espanha.

relógios para jovens
grande sortido – últimos modelos sensacionais
OURIVESARIA PIMENTA
253, Rua Augusta, 257 – Lisboa

Rua Rodrigo da Fonseca, 76-3.º Telefones 530161 - 563351 LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 706-5.º Telefones 20061 - 28841 PORTO

«NÃO ACREDITO QUE O MEU MARIDO TENHA MORRIDO COM UMA DOENÇA DE CORAÇÃO»

— esclarecimento do Sindicato dos Profissionais de Futebol acerca da entrevista da viúva de Pavão

Do Sindicato Nacional dos Jogadores Profissionais de Futebol recebemos, assinada pelo seu presidente, e com pedido de publicação, a seguinte carta:

1. Na «República» de 10 do corrente, a pgs. 18, veio publicada uma entrevista da sr.ª D. Guilhermina Santos Neves, viúva do nosso colega Fernando Pascoal Neves (Pavão), falecido em Dezembro do ano passado.

2. A certo passo da entrevista lê-se o seguinte: (os sublinhados são nossos):

«Qual foi a posição do Sindicato dos jogadores de futebol?

— Não foi o Sindicato que me veio dizer, eu escrevi para lá a perguntar quais eram os meus direitos perante uma situação desta forma. O que especialmente desejava saber era esses assuntos das reformas e por o meu marido ter morrido em trabalho. **Mas não me disseram nada de concreto.**

Mas que resposta recebeu da direcção do Sindicato?

— Escreveram-me uma carta **a explicar ser o Sindicato recente, portanto ainda mal estruturado, devido a isso não sabiam o que se podia fazer.** Acrescentavam que o contrato ia ser estudado. Eu compreendo só porque este caso era inédito.

No seu entender que pensa que o Sindicato devia fazer?

— Na minha opinião acho **que um sindicato devia tomar providências e fazer com que nos dessem um subsídio qualquer** uma vez que os jogadores descontam muito dinheiro para o Fundo de Desemprego e para outras instituições do género.»

3. — Porque as afirmações transcritas não correspondem à verdade e prejudicam o bom nome deste Sindicato, vimos esclarecer o que efectivamente se passou.

Em 27 de Dezembro de 1973, recebemos uma carta da referida senhora, datada do dia anterior, pedindo-nos que a esclarecessemos das regalias a que tinha direito e que lhe indicássemos um advogado, adstrito ao Sindicato no Porto, que lhe pudesse tratar do assunto.

Em 7 de Janeiro p.p. respondemos a esta carta com um ofício do seguinte teor:

«Exma Senhora,

1. — Acuso a recepção da sua carta de 26 de Dezembro último, à qual me apresso a responder.

2. — Embora com as reservas resultantes do facto de os Tribunais do Trabalho nunca terem sido chamados a pronunciar-se sobre os casos semelhantes, entende o Sindicato que o acidente que vitimou o marido de V. Exa. deve, até prova em contrário, configurar-se como um acidente de trabalho e, como tal, regular-se pelo disposto na Lei 2127, de 3 de Agosto de 1965 e pelo Dec. 360/71, de 21 de Agosto de 1971.

3. — De acordo com estes diplomas, quando do acidente resulta a morte, a indemnização compreende o seguinte:

a) — a viúva tem direito a uma pensão anual correspondente a 30% da retribuição-base da vítima até perfazer 65 anos; a partir desta idade a pensão é de 40% daquela retribuição-base (Base XIX, n.º 1, al. a) da Lei 2127);

b) — Os filhos legítimos ou perfilhados (ignoro se V. Exa. e seu marido tinham filhos) têm direito às seguintes pensões anuais, até perfazerem 18 anos de idade, ou 21 e 24 enquanto frequentarem, com aproveitamento, respectivamente o ensino médio ou superior: 20% da retribuição-base da vítima, se fôr apenas um; 40% se forem dois e 50% se forem três ou mais (Base XIX, n.º 1, al. d) da Lei 2127).

c) — Reparação das despesas de funeral, que é igual a 30 dias de retribuição, elevada para o dobro se houver transladação. (Base XXI da Lei 2127).

4. — Responsável pelo pagamento das indemnizações acima referidas é a entidade patronal (isto é, o Futebol Clube do Porto), e a companhia de seguros para a qual era obrigada a transferir essa responsabilidade (Base XLIII da Lei 2127); se o clube não fez este seguro é só ele o responsável, além de estar sujeito a multa.

5. — Para garantir o recebimento das indemnizações, a entidade patronal que tenha feito seguro deve participar o acidente à seguradora, nos termos da respectiva apólice; se não tiver feito seguro, deve fazer essa participação ao Tribunal do Trabalho no prazo de 8 dias a contar da data em que teve conhecimento do mesmo acidente (arts. 15.º e 16.º, n.ºs 1 e 2 do Dec. 360/71).

6. — Se a entidade patronal não fez a participação nos prazos acima indicados, esta pode ser feita directamente por V. Exa. (art. 21.º do Dec. 360//71).

7. — É preciso ter em atenção que **o direito de exigir as reparações previstas na Lei caduca no prazo de 1 ano a contar da morte** (Base XXXVIII da Lei 2127).

8. — Estes são a traços largos, os direitos legalmente reconhecidos a V. Ex.ª e seus filhos (se os tiver). E, na verdade, para os garantir é indispensável que V. Exa. assegure os serviços de um advogado.

Infelizmente, o Sindicato não dispõe de nenhum na área do Porto e, como decerto compreenderá, não lhe compete aconselhar um ou outro. V. Exa. deverá, pois, escolher o que melhor entender.

Esperando ter prestado todos os esclarecimentos que solicitou, resta-me assegurar a V. Exa. todo o apoio que o Sindicato esteja em condições de lhe conceder e expressar-lhe os sentimentos da minha maior simpatia e consideração.

O Presidente da Direcção,

Artur Jorge Braga de Melo Teixeira»

Posteriormente, a viúva do nosso colega nunca mais contactou connosco.

4. — A simples comparação do nosso ofício com as afirmações contidas na entrevista a que nos referimos evidencia a falsidade destas.

Não é verdade que não tenhamos dito «nada de concreto», nem que «não sabiamos o que se podia fazer».

Quanto à afirmação, também feita pela entrevistada, de que «um sindicato devia tomar providências» estamos de acordo, mas com uma pequena ressalva: é que a lei vigente não confere ao Sindicato legitimidade para actuar por si num caso destes. Somos os primeiros a lamentá-lo, mas não temos poder para alterar a lei.

5. — Solicitamos a V. Exa. a publicação do presente ofício, nos termos da Base XIX, n.ºs 1 e 2 da Lei 5/71, prontificando-nos a pagar a parte do respectivo texto que exceda o espaço da publicação gratuita.

PEELMAN VENCEU ONTEM UMA ETAPA DA «VUELTA»

• Agostinho em 43.º

O ciclista Peelman, da Bic, venceu ontem a etapa da Volta à Espanha em Bicicleta, que se disputou entre Almeria e Almeria, numa extensão de 98 quilómetros. Peelman fez o percurso em 2 horas, 39 minutos e 21 segundos, com 20 segundos de bonificação.

Seguiram-se-lhe: 2.º, Perurena (Kas), m. t. (com 10 segundos de bonificação); 3.º, Eric Leman (Mico-hudo), m. t. (com 4 segundos de bonificação); 4.º, Kaistens (Bic), m. t.; 5.º, Roger Loiser (Mico-hudo), m. t.; 6.º, Swerts (Colner), m. t.; 7.º, Andrés Oliva (La Casera), m. t.; 8.º, Grey Sibile (Peugeot), m. t.; 9.º, Libouton (Mico-hudo), m. t.; 10.º, Elorriaga (Kas), m. t.; 21.º, José Martins (Benfica), m. t.; 22.º, Venceslau Fernandes (Benfica), m. t.; 28.º, Augustin Tamames (Benfica), m. t.; 29.º, Fernando Mendes (Benfica), m. t.; 30.º, José Madeira (Benfica), m. t.; 34.º, Joaquim Andrade (Mico-hudo)). m. t.; 35.º, António Martins (Benfica), m. t.; 43.º, Joaquim Agostinho (Bic), m. t.; 45.º, Joaquim Leite (Benfica), m. t.; 78.º, Jorge Fernandes (Benfica), 2.41,29; 83.º, José Maria Nunes (Benfica), 2.42,35; 86.º, César Aires (Benfica), m. t.

Disputa-se hoje uma etapa entre Granada e Fuengirola e Sevilha (208 quilómetros).

No domingo, os ciclistas correrão 139 quilómetros entre Sevilha e Córdova.

NOVOS DIRIGENTES NO SALGUEIROS

Elídio Peixoto, Manuel Queirós e Augusto Paranhos serão os novos presidentes da assembleia geral, direcção e conselho fiscal do Sport Comércio e Salgueiros. Parece assim solucionada a crise directiva que afectava aquele clube.

O SPORTING REGRESSOU

A equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal regressou esta manhã a Lisboa, depois de ter ficado retida em Espanha, por não se terem realizado carreiras aéreas para Portugal. A comitiva sportinguista regressou de camioneta à capital do país.

O NOVO FORD CAPRI II

No Hotel Ritz realiza-se no próximo dia 2 de Maio, às 9 e 30, uma recepção de apresentação à Imprensa do novo Ford Capri II, que será seguida de almoço de convívio.

O SALÃO DE ANTIGUIDADES NA F.I.L.

Na Feira Internacional de Lisboa continua patente o 7.º Salão de Antiguidades que tem registado grande interesse do público.

O Salão conseguiu reunir um valiosíssimo espólio artístico, com o aliciante de trazer até Lisboa alguns dos tesouros de arte que se encontram dispersos pelos Museus do Norte, com especial relevo para os da cidade do Porto.

O visitante pode, assim, observar as pinturas da Escola de Viseu (Museu Grão Vasco), os trabalhos de António Carneiro (Casa-Oficina de António Carneiro), um busto assinado por Aureliano Lima (Museu Albano Sardoeira), uma pintura de Sousa-Cardozo (Casa-Museu de Almeida Moreira), pratas, (Casa-Museu de Guerra Junqueiro), «bibelots» (Museu Romântico da Quinta da Macieirinha) antigos objectos cirúrgicos (Museu de Maximiano Lemos) um Cristo (Casa-Museu de Fernando de Castro), uma paisagem assinada por Henrique Pousão (Museu Soares dos Reis), etc.

CURSO DE PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS

O Centro de Prevenção e Segurança realiza nos próximos dias 29 e 30 e 1 e 2 de Maio, um curso de prevenção de incêncios e segurança nos edifícios, com sessões na sede do Centro das 14 às 18 horas. Durante o curso serão desenvolvidos os seguintes temas:

Condição de segurança; condição física da edificação; condição morfológica da edificação como organismo integrado; as disposições construtivas como factores de limitação da extensão do incêndio; determinantes da evolução do incêndio; caracterização da reacção ao fogo dos materiais; caracterização da resistência ao fogo dos elementos construtivos.

o prato do dia

RESTAURANTE
S. LOURENÇO
...A 15 MINUTOS DE LISBOA
RECOMENDAMOS:
—PATO NO FORNO À PORTUGUESA
—DOÇARIA DE AZEITÃO (TORTAS)
VILA NOGUEIRA DE AZEITÃO ● T. 2080164

GOSTARIA DE COMER BOA CARNE?
ENTÃO VENHA AO NOSSO RESTAURANTE E PEÇA O DELICIOSO
FONDUE
Cova da Moura
Av. Infante Santo, 13-15
Telef. 67 60 07 — LISBOA
ALÉM DESTA NOSSA ESPECIALIDADE TODOS OS DIAS PRATOS ESPECIAIS

RESTAURANTE
SNACK-BAR
BOWLING
APOLO 70
AV. JÚLIO DINIS, 10-A — LISBOA
(Ao Campo Pequeno)

CAFÉ «ÍMPAR»
DOÇARIA REGIONAL CASEIRA
NO
BAR RIBATEJO
ABRE ÀS 7 HORAS
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D — TEL. 72 82 96

SABOREIE A FONDUE DESTE RESTAURANTE EM AMBIENTE APRAZÍVEL
TEL. 223 13 40 — SANTANA — SESIMBRA

restaurante
FIDALGO
AMBIENTE SELECCIONADO
COZINHA TÍPICA PORTUGUESA
(Aberto ao Domingo)
Rua da Barroca, 27 ● Telef. 32 29 00
BAIRO ALTO — LISBOA

SNACK-RESTAURANTE
a Fateixa
RESTELO
—NÃO QUEREMOS AFIRMAR QUE SOMOS OS MELHORES DO MUNDO, POR ISSO SUGERIMOS QUE VENHA VER COM OS SEUS PRÓPRIOS OLHOS!...
(ENCERRA AO SÁBADO)
Rua João de Paiva, 7-A ✧ RESTELO ✧ Telef. 61 39 00
(Traseiras do Ministério do Ultramar)

RESTAURANTE AHAMAD
ÚNICO NO GÉNERO
RUA DA ATALAIA, 5 ✧ TELEF. 32 78 93
BAIRO ALTO — LISBOA
— COMIDA PAQUISTANESA —
—CARIL DE FRANGO, CARNES E MARISCO
—DAL DE GRÃO COM OVO, E DE FRANGO
—KHIMO, LULAS E CHOQUINHOS À PAQUISTANESA
Aperitivos: SAMOSSAS, BAJIAS, KABAB, PAPARIS, ETC.

亞洲餐廳
RESTAURANTE «ÁSIA»
A MELHOR COZINHA CHINESA
SABOROSA E APETITOSA A PREÇOS NORMAIS
Rua da Ribeira Nova, 18 (ao C. Sodré) — Tel. 36 68 28
SERVEM-SE BANQUETES

RESTAURANTE
antónio
O MAIS COPIADO
Cozinha Típica Portuguesa
Algumas especialidades:
Petingas com açorda — Jaquinzinhos — Pastéis de bacalhau — Chispalhada à António
RUA TOMAZ RIBEIRO, 63 ● (Junto ao Metro)
Telefone 53 87 30 — LISBOA

MORDOMO
RESTAURANTE — SNACK

● COZINHA PORTUGUESA
● ESPECIALIDADES NO CHURRASCO
Ar Condicionado
RUA DR. GAMA BARROS, 27-A — Telef. 73 04 76
(Metro: Roma — Junto Teatro Maria Matos) — LISBOA

RESTAURANTE
CANECÃO
Tem o segredo da melhor refeição num grande salão!...
Serviços de Banquetes
Casamentos e Baptizados
Cervejaria e Mariscos
Esmerado Serviço de Cozinha Portuguesa
Oferta carro aos noivos
SÁBADO — Arroz de Entrecosto
TODOS OS DIAS
Açorda de Marisco
Av. Frederico Ulrich, 3/D — ALMADA ● Telef. 2765753

RESTAURANTE

MINABELA
RUA D. DINIS, 15 — REBOLEIRA
1.ª CATEGORIA
SECÇÕES DE: SNACK — SELF SERVICE
PASTELARIA E SALA DE JOGOS
AO SERVIÇO DO TURISMO EM PORTUGAL
Ambiente requintado — Decoração século XVII
TELEFONE 93 08 15

RESTAURANTE — SNACK-BAR

● JUNTE-SE AOS BACANOS!
● VENHA ATÉ CÁ!...
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES AO NÍVEL DE ADMINISTRAÇÃO
com ar condicionado
AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 47-C — LISBOA
TELEF. 53 38 59

VÁ ALMOÇAR OU JANTAR AO RESTAURANTE

Remodelado e Ampliado
Cozinha Típica Portuguesa
TODOS OS DIAS:
AÇORDA DE MARISCO E DIVERSAS ESPECIALIDADES
Rua Gomes Freire, 146-A — Telef. 53 30 69 — LISBOA

Colina
RESTAURANTE
SNACK-BAR
6.ª-FEIRA — Bacalhau à Minhota
— Arroz de Frango Colina
SÁBADO — Dobrada à Colina
— Ensopado de Vitela à Alentejana
RUA FILIPE FOLQUE, 46 A — LISBOA
(Esquina da Av. Duque d'Ávila) / Telef. 56 02 09

A LAREIRA
Restaurante onde pode dançar
Salão para Banquetes, Casamentos e Baptizados
A LAREIRA fica na Praça das Águas Livres às Amoreiras, com os telefones 68 96 27 e 68 95 30
GRUPO D — 18 ANOS

● Restaurante da Trindade
Rua Nova da Trindade, 10
Telefone 32 33 56 — LISBOA
6.ª-FEIRA
— Bacalhau à Trindade
SÁBADO
— VÁRIAS ESPECIALIDADES

● Churrascaria BOTAFOGO
Rua Eng.º Vieira da Silva, 22-A
(ao Saldanha)
Telefone 4 84 32 — LISBOA
— ESPECIALIDADES NO CHURRASCO

● Café-Restaurante
TRINDADE (Anarquistas)
SE TEM AMOR À SUA SAÚDE, ALMOCE E JANTE nos «ANARQUISTAS»
Largo da Trindade, 14 — LISBOA
Telefone 32 35 10
(Encerra às 22 horas)

● Restaurante TOLEDO
Rua Alexandre Ferreira, 34-A-B
(ao Lumiar) — Telefone 79 37 60
6.ª-FEIRA
— Bacalhau à Toledo
SÁBADO
— Açorda de Marisco

OS BONS RESTAURANTES TÊM AR CONDICIONADO

EM ALHOS VEDROS
Um lar modelo para pessoas idosas

Na antiga Vila de Alhos Vedros existe há muitos anos um estabelecimento assistencial, a Santa Casa da Misericórdia, fundada por Fernando Pero Vicente, Cavaleiro Fidalgo da Casa do Infante D. Fernando, Juiz de Fora neste concelho, tendo em princípio ficado instalada numa Ermida que existia no actul Largo da Graça, sob invocação de Santa Maria da Vitória, sendo em 1601 transferida para o local onde hoje ainda se mantem.

[illegible]omposto pelo Hospital de S. Lourenço, (elevado à categoria de Sub-Regional em 1960) e Asilo para pessoas idosas, o referido estabelecimento de assistência é mantido por quotização de uns quantos benfeitores, (poucos, se atendermos que serve as freguesias da Moita, Alhos Vedros e Baixa da Banheira, de grande densidade demográfica) e umas quantas reduzidas dádivas (de vez em quanto por um ou outro particular) e por um rendimento irrisório, além dos subsídios concedidos pela administração pública (Câmara Municipal da Moita, Ministério da Saúde e Assistência, etc.) Tem pois vivido assim, com inúmeras dificuldades, este estabelecimento de assistência, e continua vivendo com dificuldades, que mais se avolumam dada a carestia crescente da vida.

Não obstante, todas as carências de disponibilidades de meios económicos para a sua subsistência no dia a dia, a Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros é um facto saliente e frisante, tendo-se mostrado sempre digna da sua existência, procurando sempre na melhor governação das suas Mesas Administrativas, que se sucedem, o engrandecimento do secular património, nunca descurando o campo assistencial.

Como Hospital Sub-Regional, cumpre o melhor que lhe é possível, tendo até servido já de exemplo a outros congéneres — A qualquer hora do dia ou da noite há sempre um médico de serviço para dar assistência a quem necessitar — além de possuir, também, Serviço de Banco, Serviço de Consulta Externa e Clínica Geral, Serviço de Enfermarias para internamento de doentes, Serviços Especializados de Ginecologia, Obstetricia e Otorrinolaringologia, Cirurgia Geral, Pediatria, Cardiologia, consulta Materno Infantil segundo acordo entre a Santa Casa da Misericórdia e o Instituto Maternal, e Serviço de Radiologia e Análises Clínicas.

No respeitante à assistência, o Asilo para pessoas idosas, até há pouco poderíamos afirmar que era deficiente, embora a Santa Casa fizesse o melhor que era possível nos seus reduzidos recursos.

Hoje já não há razão para existirem asilos, os tempos são outros, e o termo até é pouco dignificante!

A DÁDIVA

E alguém bem o entendeu. Um lar, sim, é que é próprio e justo! Pois um Lar já hoje existe, em pleno, anexo às instalações hospitalares da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros! Um Lar, onde desde há poucos dias já vivem 30 pessoas idosas, que não tinham lar próprio ou família.

Ocupando um edifício de 4 pisos, recentemente construído, tem o indispensável para quem pretende passar em tranquilidade, sem preocupações, o resto dos seus dias. Desde o acesso a todos os pisos, feito por ascensor, além de uma escada de serviço normal, todos os quartos, para um mínimo de duas camas, com os móveis acessórios, até às convenientes e necessárias instalações sanitárias, tendo também em cada piso uma cozinha, tipo doméstica, para confecção de ligeiras refeições, e salas de convívio e refeições em complemento, tudo mobilado sobriamente. Ainda para casais existem apartamentos íntimos, a que se procurou dar o aspecto do ambiente recatado de qualquer lar.

Tudo isto está agora feito, e não diga que foi a Santa Casa da Misericórdia que teve meios para o conseguir, isso seria impossível!

Contudo não há nada que não tenha a sua história. Este novo Lar de Alhos Vedros, também tem a sua, e que ela frutifique são os nossos votos, e sirva de meditação, de exemplo, do muito quanto podemos e quando queremos!

UM LAR MODELO

Em 21 de Maio de 1870, nasceu em Alhos Vedros, Pedro Rodrigues Costa, e lá viveu até aos 12 anos, idade em que foi viver para Lisboa, onde começaria a sua carreira profissional no ramo do comércio. À sua terra, que nunca esqueceu, dedicou sempre grande afecto, e, já homem, com recursos, sempre à velha Sociedade Filarmónica Alhosvedrense deu o seu generoso auxílio e foi seu sócio de mérito. Pessoa de vasta cultura, era um grande coleccionador e apreciador de obras de arte, possuindo variedades de elevado valor. Aos artistas dispensou especial carinho, possuindo hoje a sua família um seu retrato a óleo executado pelo pintor Eduardo Malta.

Falecido em Lisboa, em 5 de Setembro de 1959, Pedro Rodrigues Costa deixou em Lisboa a Loja das Meias para seus filhos Horácio Rodrigues Costa, já falecido, D. Amélia Rodrigues Costa, D. Fernanda Costa Meneres e sr. Pedro Rodrigues Costa.

Em memória de seu pai, D. Amélia Rodrigues Costa, em representação da família, em 1967, doou a importância de 250 contos, para fundo de manutenção de uma cantina escolar anexa às escolas do núcleo de Alhos Vedros, além de contribuir integralmente para a compra de todos os móveis e utensílios para equipamento da referida cantina, cujo custo ascendeu a mais uns milhares de escudos.

E também movida da mesma intenção, honrando o nome de seu pai, a benemérita senhora fez uma doação de 180 contos ao Jardim Infantil Paroquial de Alhos Vedros.

Mais tarde, D. Amélia Rodrigues Costa, observando a necessidade de novas instalações, (pois as existentes do velho asilo, que ocupavam uma boa parte que fazia falta ao Hospital da Misericórdia, eram precárias) resolveu que se erguesse um novo edifício, a suas expensas, que reunisse as condições necessárias para a instalação de pessoas idosas, que seria um Lar, dotado das condições indispensáveis, contribuindo com 880 contos, e sua irmã D. Fernanda, com 140 contos (para montagem do ascensor) importando a obra na sua totalidade em cerca 1200 contos.

A memória de Pedro Rodrigues Costa ficará agora, com a construção deste Lar, para pessoas idosas, mais do que nunca ligada à Vila de Alhos Vedros, por intermédio de sua filha, D. Amélia Rodrigues Costa, em representação de toda a família.

FERNANDO ROSA

ALMADA

CONCERTO DA PRÓ-ARTE NO CONVENTO DOS CAPUCHOS

Com o patrocínio da Câmara Municipal de Almada, a Pro-Arte realiza amanhã, às 21.45, no Convento dos Capuchos, um concerto que será preenchido com a sonata n.º 1, de Beethoven, recitações de poemas de António Nobre, Fernando Pessoa, José Régio, Bocage e Sebastião da Gama e execução de obras de Schubert (piano), Fauré, Lopes Graça e Ravel (violoncelo e piano).

Os recitativos estão a cargo de Catarina Avelar. Maria José Falcão (violoncelo) e Olga Prats (piano) são as solistas do concerto.

ELECTRO-SÓNIA

REPARAÇÕES GARANTIDAS
VENDAS A PRONTO
E A PRESIAÇÕES

REPRESENTANTES DAS MELHORES MARCAS DE TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS — E MATERIAL ELÉCTRICO —

Av. da Fundação 1-B (Junto ao Mercado) Telef 278896

COVA DA PIFDADE

FABRICO PRÓPRIO DE PASTELARIA
RESTAURANTE — CERVEJARIA — SNACK-BAR
PERFUMARIA
SALÃO PRIVATIVO PARA BANQUETES
TELEF. 240 02 64 COSTA DE CAPARICA

informações úteis

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

ALCOCHETE
Gameiro — Telefone 234100.

ALMADA
Magalhães.

B. DA BANHEIRA
Fátima — Telefone 204141

BARREIRO
Pimenta — Rua Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 289 — Telef. 207312.

COVA DA PIEDADE
Louro.

LARANJEIRO
Moderna

MOITA
União Moitense — Telefone 239025.

MONTIJO
S. Pedro — Telef 231133.

SEIXAL
Soromenho — Telefone 2218560.

SESIMBRA
Leão — Telefone 229025.

SETÚBAL
Rosado Pinto — Praça do Bocage — Telef. 22484.
Nova — Rua General Gomes Freire — Telef. 22052.

TELEFONES URGENTES

ALMADA
Bombeiros Voluntários de Almada 270063 e 271653
Bombeiros Voluntários de Cacilhas, 270078 e 2763434
Serviços Médicos
Hospital (Rua D. José de Mascarenhas) 270162, 271118 e 271119
Policlínica (Praça D. Pedro I, 5, 1.º esq.º) 2760409
Caixa de Previdência
Posto n.º 3 270267 e 270055
Posto n.º 8 2762121
Água — Secret e secção técn dos Serviços Municipalizados — Serviço de piquete (avarias e roturas) 2767098
Electricidade — U.E.P. Geral (Rua Francisco de Andrade, 22) 271121
Avarias (de noite) 271125
Enfermagem
Centro de Enfermag. Cristo-Rei 2765250 e 2767002
Centro de Enfermag. Permanente — Central de Almada 2760723
Centro de Enfermag Sul do Tejo 2764545
Táxis
Praça de Almada 2765401
Praça de Cacilhas 270129
Central de Cacilhas 271922 e 2766217
P. S. P. 270871
G. N. R. 270015
Brig Trâns.-Cacilhas 270124
Câmara Municipal de Almada 270931 e 270556
Finanças 270883
Tribunal 270049
Transportes Colectivos Transul 270064 e 2492877

BARREIRO
ÁGUAS
Serviço de avarias: horário normal 2073831
depois das 19 h 2073832
BOMBEIROS
Sul e Sueste 2073032
Da CUF 2073811
Salvação Pública 2073062
ELECTRICIDADE
Bonfim (Expediente) 2073039
» (falta de corrente) 2073030
U. E. P. 2073062
ENFERMEIROS
Estadão 2073600
Fouto 2074002
D. Adelaide Leal 2073344
Comando Militar 2073133
Posto Urbano 2073954
SERVIÇOS MÉDICOS
Hospital 2073666
Serv. Médicos da Cuf 2073282
Fed. Caixas Previdênc. 2073282
Clínica dr. Seixas 2074040
TÁXIS
Praça de Automóveis 2072882
Praça de Táxis 2072764
DIVERSOS
Câmara Municipal 2073831
PBX da CUF 2073811

COVA DA PIEDADE
Táxis 270696, 270767 e 2766035
Bombeiros Voluntários 270145
G. N. R. 2760807

CASA DE SAÚDE DR. RESENDE ELVAS
Telef. 27 01 15 - 27 04 29

C. DA CAPARICA
Bombeiros Voluntários de Cacilhas 2400036
P. S. P. 2401461
Turismo 2400071
Serv. Municipalizados 2401042

FEIJÓ
Posto Clínico, Caixa de Previdênc., 2491463 e 2491488

SETÚBAL
Bombeiros Municipais 0422122
Bombeiros Voluntários 0423223
P. S. P. 0422022
G. N. R. 0422018
Hospital 0422133 e 0422294
(Brigada de Trâns.) 0422908
Cruz Vermelha 0422578
As. Soc. Mút. Setub. 0422226
As. de Benef. Familiar 0422601
Serv. Municipalizados (depois das 17.30 h) 26101
Serviço de Emergência 115

SEIXAL
Bombeiros (Mundet) 2218565
Táxis 2218810
Centro de Saúde — Misericórdia, c. serviço de ambulância 2218824
Caixa de Prev. — Serviços Médico-Sociais 2218718
Policlínica 2218754
Câmara Municipal 2218522
P. S. P. 2218409
G. N. R. 2218948
G. F. 2218640

TRAFARIA
Bombeiros Voluntários 2458993
Táxis 2458177

ESPECTÁCULOS

ALMADA
Academia Almadense 270127
Cine Incrível 270929

AMORA
Cine-Teatro Sociedade Amorense

BARREIRO
Ferroviários 2073335
Teatro-Cine Barreiren. 2073208

C. DA CAPARICA
Cine Copacabana

COVA DA PIEDADE
Recreativa Piedense 2400087
S. F. U. A. Piedense 2700216

LARANJEIRO
C. Instrução e Recreio 2490296
«O Dragão Ataca» (18 anos)

PALMELA
Cine-Teatro S. João 235047

PORTO BRANDÃO
Cine Porto Brandão 2454693

SETÚBAL
Casino Setubalense 0422498
Cine-Teatro Luísa Todi 0422127
Salão Recreio do Povo 0422598

A MARGEM SUL

A cultura de todos é possível porque ela deve ser acessível às massas. O ser humano é indefinidamente aperfeiçoável e a cultura é exactamente a condição indispensável desses aperfeiçoamento progressivo e constante.

Com a sua formidável massa associativa, com o desejo, sempre expresso, que a sua gente mostrou em aprender, a margem-sul, formigueiro laborioso deste país, mostrou sempre que pode ser (e será) das mais profícuas zonas para o engrandecimento da pátria que todos desejamos livre e grande.

BOITE
ISADORA
A COQUELUCHE DA MARGEM SUL DO TEJO
SHOW INTERNACIONAL
ABERTO ATÉ ÀS 4 DA MANHÃ
R. Bernardo Francisco da Costa, 68A — ALMADA

HOSPITAIS DE LISBOA

HORÁRIO DAS VISITAS

S. JOSÉ DESTERRO, ESTEFANIA, ARROIOS, CAPUCHOS E CURRY CABRAL — Todos os dias, das 15 às 15.30 (grátis); das 15.45 às 17 (5$00 cada período de meia hora); das 14 às 15 e das 17 às 18.30 (10$00); aos domingos, das 11.30 às 12.30 (5$00)

SANTA MARIA — OBSTETRICIA: domingos e feriados, 2.as, 4.as e 6.as-feiras, das 15 às 18 horas (grátis); das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 18 às 19 (5$00//hora) — DOENÇAS PULMONARES: domingos e feriados, 3.as, 5.as e sábados, das 16 às 17 horas (grátis) e das 17 às 18 (10$00); 2.as 4.as e 6.as, das 16 às 18 (5$00) — PATOLOGIA MEDICA domingos e feriados, das 11.30 às 12.30 horas (grátis), das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00) — PROPEDEUTICA MEDICA: domingos e feriados, das 11.30 às 12.30 (grátis), das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 14.30 às 15.30 (grátis), das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — CLÍNICA MEDICA: domingos e feriados, das 11.30 às 12.30 (grátis), das 16 às 17 (10$00); às 5.as e sábados, das 14.30 às 15.30 (grátis), das 16 às 17 (10$00); 2.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — TERAPEUTICA MEDICA: domingos e feriados, das 11.30 às 12.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 14.30 às 15.30 (grátis); 2.as, 4.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — CARDIOLOGIA: domingos e feriados, 2.as, 4.as e 6.as, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 horas (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00) — PEDIATRIA: domingos e feriados, 2.as, 4.as e 6.as das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00) — UROLOGIA: domingos e feriados, 2.as, 4.as e 6.as, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00) — OTORRINOLARINGOLOGIA: domingos e feriados, 2.as, 4.as e 6.as das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00) — GINECOLOGIA: domingos e feriados, 2.as, 4.as e 6.as das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00) — CIRURGIA MAXILO-FACIAL: domingos e feriados, 2.as, 4.as e 6.as, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.a, 5.as e sábados, das 17 às 18 (5$00) — PATOLOGIA CIRÚRGICA: domingos e feriados, das 11.30 às 12.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00) — MEDICINA OPERATÓRIA: domingos e feriados, das 11.30 às 12.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00) — PROPEDEUTICA CIRURGICA, domingos e feriados, das 11.30 às 12.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — CLINICA CIRURGICA. domingos e feriados das 11.30 às 12.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as das 16 às 17 (10$00); 2.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — ORTOPEDIA. domingos e feriados, 3.as, 5.as e sábados, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — DERMATOLOGIA: domingos e feriados, 3.as, 5.as e sábados, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — INFECTO-CONTAGIOSAS: domingos e feriados, 3.as, 5.as e sábados, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — NEUROLOGIA: domingos e feriados, 3.as 5.as e sábados, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 2.as, 4.as e 6.as, das 15 às 18 (5$00) — OFTALMOLOGIA: domingos e feriados, 2.as 4.as e 6.as, das 14.30 às 15.30 (grátis) e das 16 às 17 (10$00); 3.as, 5.as e sábados, das 15 às 18 (5$00)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO B

ATÉ AS 22 HORAS
SUB-TURNO 1

Zira — Pr.a Casas Novas, lote 66 (B.o Encarnação) — Telefone 310172.
Romana — Rua Actor Augusto de Melo, 7-A — Tel. 383800.
São Tomé — Estr. do Desvio, lote 12-C — Tel. 790704.
Neoterápia — Campo Grande, 138 — Tel. 774682.
Paris — R. Reinaldo Ferreira, 5-A/B (ao Pote de Água) — Tel. 710131.
Ideal — Aven. Almirante Gago Coutinho, 49-A — Tel. 712803.
Benfica — Estr. de Benfica, 678-E — Tel. 702532.
Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35 (Carnide) — Telefone 780181.
Ocidental — R. D. Jerónimo Osório, JMP, 3—Tel. 610256.
Boa-Hora — R. Quartéis, 25-27 — Tel. 637777.
Porfírio — R. Francisco Metrass, 59-B — Tel. 663349.
Central de Campolide — R. General Taborda, 17 — Telefone 680304.
Sagres — Av. Luís Bivar, 69-71 — Tel. 47213.
Dávi — R. Conde de Redondo, 68-72 — Tel. 54342.
Vera Cruz — P.a Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) — Tel. 724941.
Oriental de Lisboa—R. Arroios, 215 — Tel. 45079.
Góis, Ld.a, Suc. — R. Anjos, 12-C-D (antiga R. Registo Civil) — Tel. 840101.
Morão — L.o Graça, 63 — Tel. 860700.
Martins, Ld.a — R. Fernão de Magalhães, 33 — Tel. 849448.
Soares — Av. Alvares Cabral, 1 — Tel. 684282.
Fontoura de Carvalho — R. Santos-o-Velho, 12 — Telefone 662075.
Labor — R. Diário de Notícias, 81 — Tel. 323428.
Estácio — P.a D Pedro IV, 60-63 (Rossio) — Telefones 327067-324224.

TODA A NOITE
SUB-TURNO 2

Higiene — R. Cidade Vila Cabral, lote 43 (ex-R B, 4 — Zona Poente - Olivais Sul) — Tel. 310026.
Marvila (de) — R. Direita de Marvila, 25 — Tel. 381612.
Alameda — Alam. Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942.
Alvalade — Av. Igreja, 18-A — Tel. 712070.
Gasparinho — R. Dr. Gama Barros, 54-A — Tel. 710465.
Sousa — Est. Benfica, 429-A — Tels. 780027-789985.
Prates & Mota — R. Beneficência, 91 (ao Rego) — Tel. 773728.
Tanara — R. Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo — próximo dos Moinhos) — Tel. 611814.
Lopes Ribeiro — R. Cruzeiro, 117 — Tel. 633288.
Lisbonense — R. Leão de Oliveira, 2-B — Tel. 637020.
Paivas & Parente — R. de St.o António, à Estrela, 96-98 — Tel. 665196.
Miranda — Campo Pequeno, 36-B/C (à Av. Sacadura Cabral) — Tel. 770776.
Cosmos — Av. João Crisóstomo, 44-C — Tel. 40592.
Universal — R. Actor Taborda, da, 5-7 — Tel. 44158.
Onilda — Av. João XXI, 13-A — Tel. 726848.
Marluz — Calç. da Picheleira, 140-B/C — Tel.s 720703-728395.
Nova Luz — Rua D Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) — Tel 843439.
Nobel — Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental, lado sul) — Tel. 842152
Colonial — R Forno do Tijolo, 40 — Tel. 841122.
Arnall — Rua das Escolas Gerais, 88-A — Tel 863940
Ivone, Ld.a — Rua Silva Carvalho, 232-C — Tel. 650760.
Central — R. de S. Paulo, 108 — Tel. 320389
Morão — R da Assunção, 17-19 — Tel 321289.

NOS ARREDORES

ALENQUER — **Catarino** (telefone 72393)
ALGÉS — **Miraflores**, Rua Dr. António Granjo, 2-B (telef. 213161)
ALGUEIRÃO — **Quimia**, Estrada Mem Martins, 385 (telef. 2910012)
ALHANDRA — **Boto** (telef. 25 00 25)
ALHOS VEDROS — **Portugal** (telef. 22 45 50)
ALVERCA DO RIBATEJO — **Central** (telef 25 86 39)
AMADORA — **Central**, Avenida Cardoso Lopes, 25 (telef. 932210); **Jardim**, Reboleira (telef. 938424). (Esta só até às 0 horas)
BENAVENTE — **União** (telefone 522176)
CACÉM — **Garcia** (tel. 2942181
CAMARATE — **Nova** (telefone 2518726)
CARREGADO — **Moderna** (telefone 91117)
CASCAIS — **Misericórdia**, Rua Regimento 19, 41, (telefone 280141; **Cascais**, R. Conde de Monte Real (Bairro Caixas), telefone 282407)
CAXIAS — **Nova** Caxias telefone 4420839
DAMAIA — **D. João V**, Avenida Gorgel do Amaral, 2-A (telef. 970461); **Nova**, Rua Elias Garcia, 10 (tel. 972530)
ESTORIL — **Parque**, Arcadas do Parque (telef 260191)
LOURES — **Salvia** (telefone 2531240)
MAFRA — **Rolim** (telef 52315)
MOSCAVIDE — **Banha**, Av. Joaquim Ribeiro 22 (telef. 2518518)
ODIVELAS — **Central**, Aven. Infante D. Henrique, 1 (telef. 911203)
OEIRAS — **Alcântara**, Parque Residencial Dr Augusto de Castro lote 10 (tel 2430691)
PAÇO DE ARCOS — **Pargana**, (telef 2435147)
PAREDE — **Grincho**, Aven. da República, 87 (tel. 2471204)
PONTINHA — **Pontinha**, Rua St.o Eloi, lote 4 (tel. 990220)
QUELUZ — **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (telefone 951841) **André**, Av. Elias Garcia, 151 (telef. 950043). Esta só até às 0 horas.
SACAVÉM — **Lourenço** (telefone 2518151)
SÃO PEDRO DO ESTORIL — **São Pedro**, Rua 9 de Abril, 24 (telef. 263052).
SINTRA — **Simões**, Estefânia (telefone 980832)
VILA FRANCA DE XIRA — **Moderna**, Rua Palha Blanco (telefone 22606); **Roldão**, Estrada da Arruda, 12-A (Serviço permanente) (tel. 22596)

SEMANÁRIO DE PORTALEGRE

a Rabeca

UMA VOZ DO ALENTEJO QUE CONVÉM ASSINAR

semestral — 65$00 ☐

anual — 130$00 ☐

Nome ....

Morada ....

Localidade ....

O TEMPO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e chovia em alguns locais.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 13; Penhas Douradas, 4; Coimbra, 14; Portalegre, 10; Lisboa, 11; Faro, 13; e Funchal, 13.

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado, vento fraco, aguaceiros e nevoeiros nalguns locais pela madrugada. Temperaturas sem alteração apreciável.

MARÉS PAR AAMANHÃ — Preia-mar, às 7 e 31 e às 19 e 51; Baixa-mar, às 0 e 47 e às 13 e 05.

BOLSA

ÚLTIMAS COTAÇÕES REGISTADAS

VALORES	Efec.	Comp.	Venda
OBRIGAÇÕES DE ESTADO			
Cons. 2 ¾	—	—	430$
Cons. 3 %	—	445$	—
Cons. 3 ½	—	—	—
Centenários	1320$	1310$	1330$
Tes. 5 % — 57	1010$	1000$	—
Tes. 5 % — 59	—	—	—
Exter. 1.a s.	—	—	—
Exter. 1.a c.	—	—	—
Exter. 3.a s.	—	—	—
Exter. 3.a c.	—	730$	—
Caut. 3.a s.	—	—	160$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	—	850$	—
C. M. L. 5 ¾	1005$	1005$	—
C. P. 5,5 % — 67	820$	810$	—
C. P. 5,5 % — 68	—	810$	—
C. P. 5,5 % — 69	—	810$	—
Cost. 5 ¾ %	—	—	900$
Metr. 5 ¾ %	—	—	890$
Tur. 5 ¾ %	—	1005$	—
C. P. 6 ¾ %	—	970$	980$
ELECTRICAS			
G. 5 % — 58	820$	—	820$
G. 5 % — 59	—	810$	—
G. 5 % — 62	—	—	—
G. 5 % — 63	—	—	—
G. 5 % — 64	—	—	—
G. 5 % — 65	—	—	—
G. 6 % — 67	—	—	—
G. 6 % — 69	910$	—	920$
G. 7 %	1010$	1010$	—
H. E. A. A. 5 %	—	700$	—
H. E. C. 5 %	—	730$	—
H. E. C. 6 %	855$	855$	—
H. E. D. 5 %	710$	710$	—
H. E. D. 6 %	—	850$	855$
H. E. N. P. 5 %	—	—	—
H. E. S. E. 5 %	—	—	—
H. E. S. E. 6 %	—	—	855$
H. E. Z. 5 % — 57	—	—	800$
H. E. Zêz. 6 %	—	850$	855$
N. Elec. 5 %	—	—	690$
N. Elec. 6 %	—	—	850$
Termoel 5 %	—	680$	—
U. E. P. 5 % — 60	—	—	—
U. E. P. 5 % — 63	—	—	—
U. E. P. 6 %	—	—	850$
U. E. P. 7 %	—	950$	—
DIVERSAS			
A. P. T. 5 % — 56	—	—	—
A. P. T. 5 % — 58	—	—	780$
Lisnave 6 %	835$	835$	840$
Nitratos — 60	—	—	—
Pet. 2.a e 3.a	—	920$	—
Sacor 7 %	990$	990$	995$
Sacor 5 % — 54	—	980$	—
Sacor 5 % — 60	850$	850$	—
Sid. 5 % — 2.a	—	—	700$
Sid 5 % — 3.a	—	—	710$
Sid 5 % — 4.a	—	—	—
Socel. 5 %	—	—	—
U. Fabril — 67	850$	850$	855$
U. Fabril — 68	—	850$	855$
ULTRAMARINAS			
Carbonil 5 %	—	—	620$
Rev 5 % — 57	—	—	—
Rev. 5 % — 59/60	—	—	610$
Moçamb. 5 %	—	—	—
Sonefe 5 %	790$	—	790$
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	450$	463$5
F. I. D. E. S.	—	322$5	332$2
ACÇÕES			
Bancos:			
Agricultura	—	—	5050$
Algarve	3580$	—	3580$
Alentejo	2400$	—	2400$
Angola	5650$	—	5650$
Borges & Irmão	8050$	8050$	8100$
Créd. Predial	4940$	—	4940$
Esp. Santo	9700$	—	9700$
Fomento	4700$	—	4700$
Fons. & Burnay	104250	104250	—
Intercontinental Português	—	—	9500$
N. Ultr m.	5800$	5750$	—
N. Ultr. c.	7950$	—	7950$
P. Sotto Mayor	14450$	14450$	—
Portugal n.	7400$	—	7500$
Portugal p.	8500$	8400$	8550$
P. Atlântico	15850$	15850$	16000$
Totta & Açores	8600$	8600$	—
Pinto Magalhães	8200$	—	8200$
Fernandes de Magalhães	—	—	6350$
SEGUROS			
Alentejo	—	—	550$
Bonança	—	—	14200$
Império	54600$	54600$	—
Mundial	3760$	—	3760$
Soberana	5550$	—	5550$
Tranquilidade	10300$	—	10300$
ELECTRICAS			
C. P. E. p.	1220$	1220$	—
C. P. E. n.	—	1200$	1210$
Eléctrica das Beiras	—	1750$	1770$
G. Eléct c.	352$	—	352$
H. E. A. A.	—	—	—
H. E. N. P.	—	280$	—
H. E. S. E.	1650$	1600$	1650$
U. E. P.	200$	—	200$

VALORES	Efec.	Comp.	Venda
ULTRAMARINAS			
Agrícola Cassequel	865$	—	865$
Agrícola Incomati	—	—	1650$
Agrícola de S. Tomé e Prín.	—	270$	—
Açúcar de Angola	1330$	—	1330$
Alg. Angola	—	—	270$
Ang. Agricultura	—	—	715$
Boror	410$	—	410$
Boror Com.	—	—	120$
Buzi	—	—	118$
Cabinda	190$	—	190$
Com. Lobito	410$	410$	—
D. A — T 100	—	—	—
H. E. Revué	—	550$	—
I. do Príncipe	—	660$	—
Moçambique	540$	535$	550$
Sonefe n.	—	450$	—
Sonefe p.	—	450$	—
Zambézia	91$	91$	—
DIVERSAS			
Ag. Lx. ant.	960$	950$	—
Ag. Lx. — 34	—	—	940$
Ag. Lx. — 36	—	—	800$
Celulose do Guadiana	—	—	5900$
Cimentos de Leiria, port.	—	—	20450$
Cimentos Tejo, port.	73350$	—	73350$
F. Ramada	1870$	—	1870$
Fornos Eléctricos	—	—	—
Portuguesa de Celulose	8550$	—	8550$
Siderurgia Nacional, por.	14050$	—	14050$
Siderurgia Nacional, nom.	—	—	9500$
Socel	7050$	7050$	—
Cidla	3760$	—	3760$
C. U. F.	4120$	4120$	—
Intar	660$	660$	665$
Nitratos de Portugal	1350$	1350$	1360$
Petroquímica	—	—	1620$
Sacor	5550$	—	5550$
Tab. Portugal	1720$	1700$	1740$
Tabaqueira	12700$	12700$	—
U. F do Azoto	—	—	855$
Empor	—	—	—
Ind. Aliança	—	—	—
I. P Colón	1810$	—	1810$
Nac. Naveg.	—	—	2420$
Naveg. (Col.)	—	—	—
Portuguesa de Pesca	815$	815$	—
Matur	—	—	2600$
R. Marconi	1940$	—	1940$
T. A. P.	—	—	1630$
Compal	855$	—	855$
Salvor	2300$	—	2300$
Penina	—	—	3800$
Grão-Pará	—	—	3040$
Lisnave	11550$	11550$	—
Vidago, Melg.. Ped Salg.	2460$	—	2460$

CÂMBIOS

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez.65=100)

	17/4/74	22/4/74	24/4/74
GERAL	306,2	292,2	285,4
METROPOLIT.	320,6	305,1	297,4
ULTRAMARINA	200,5	197,9	197,1

MERCADO LIVRE

NOTAS	Compra	Venda
Coroa (Dinamarca)	4$00	4$30
Coroa (Noruega)	4$35	4$65
Coroa (Suécia)	5$45	5$80
Cruzeiro Novo	3$20	4$00
Dirham	—$—	—$—
Dólar (Canadá)	25$60	26$60
Dólar (E. U. A.)	25$10	26$10
Florim	9$15	9$45
Franco (Bélgica)	$61,5	$64,5
Franco (França)	5$00	5$40
Franco (Suíça)	8$15	8$50
Iene (Japão)	$07	$09,5
Libra	60$00	63$00
Lira	$03,5	$04
Marco	9$75	10$05
Peseta	$43	$46
P. Novo (Arg.)	—$—	—$—
Rand	31$00	34$00
Shiling (Austria)	1$34	1$40
OURO		
Libra de Reis	1500$00	1650$00
Rainha Vitória	1500$00	1650$00
Moderna (Isabel II)	1350$00	1500$00
Ouro fino	140$00	155$00

A «ASSOCIATION PIERRE COURBOIS» VEM ACTUAR A LISBOA NUMA INICIATIVA DO INSTITUTO ALEMÃO

Numa iniciativa do Instituto Alemão apresenta-se em Lisboa no próximo dia 29 entre as 10 e as 18 horas, um seminário acelerado o agrupamento experimental que dá pelo nome de Association PC (Pierre Courbois).

Esta associação foi fundada em Agosto de 1970 por Pierre Courbois (bateria), Toto Blanke (guitarra), Jasper van't Hof (piano) e Peter Krijnen (contrabaixo), tendo alcançado em pouco tempo uma reputação invulgar. Em 1971; no Festival de Jazz de Berlim, o conjunto deu as suas primeiras provas, tão boas que os críticos o preferiram a «Soft Machine» e «Tony William's Lifetime», participantes do mesmo concerto. Em 1972, a Association P.C. actuou no Festival de Munique «Jazz Now!», organizado por ocasião dos XX Jogos Olímpicos de Verão. E no ano passado andou vários meses em «tournée» pelo Extremo Oriente, por incumbência do Goethe Institut de Munique.

Tendo-se tornado um dos grupos de Jazz mais procurados de toda a Europa Ocidental, a Association P.C. fez numerosas gravações em discos, e para a televisão, e tem participado em muitos Festivais de Jazz europeus.

OS MÚSICOS

TOTO BLANKE (guitarra), nasceu em 1936. Estudou arquitectura em Hannover (juntamente com Gunter Hampel). Terminado o curso, começou a trabalhar como arquitecto, tocando — sempre que podia — em conjuntos de «Rock» e «Soul». Em 1967 sofreu um grave desastre de automóvel, e durante o longo período de recuperação dedicou-se a intensivos estudos de guitarra. A fundação da «Association P.C.» levou-o a tornar-se músico profissional. Toto Blanke é hoje um dos melhores guitarristas do Jazz europeu.

SIGGI BUSCH (electrobaixo), nasceu em 1943. Começou por tocar violino, a partir dos 16 anos tocou trombone num grupo de Jazz, e aos 19 anos passou a dedicar-se ao contrabaixo, instrumento em que se aperfeiçoou no Conservatório de Bremen. No Quarteto de Joe Vieira praticou improvisação, e tendo conhecido Toto Blanke e Jasper van't Hof em 1969, durante os Cursos de Jazz de Remscheid, fundou com estes o Quarteto «Barbarossa». Em fins de 1970, quando Peter Krijnen abandonou a «Association P.C.», Siggi Busch tomou o seu lugar neste conjunto.

PIERRE COURBOIS (bateria), nasceu em 1940, na Holanda. Descendente de famílias de ourives e músicos simultaneamente. Aos 6 anos aprendia a tocar piano, aos 13 tocava guitarra e banjo numa Dixielandband. A par da sua aprendizagem como ourives, estudou para baterista no Conservatório de Arnheim (Holanda). Em 1961 dirigia já um «Free Jazz Group», um dos primeiros do seu género na Europa. Durante vários anos pertenceu ao «Gunter Hampel Quintet», mais tarde dirigiu o «Free Music 4». Entretanto tocava com todos os músicos europeus de nomeada, bem como com os «americans in Europe». Em Agosto de 1970 fundou a «Association P.C.». Com a sua colaboração foram feitos cerca de 20 discos L.P.

JOACHIM KÜHN (piano e saxofone contralto), nasceu em 1944 em Leipzig. Os seus êxitos na Alemanha Oriental facilitaram uma vertiginosa carreira no Ocidente. Há alguns anos fixou-se na Alemanha Ocidental. Numerosos discos e concertos tornaram-no mundialmente conhecido, levando os críticos a compará-lo com Keith Jarret e Chick Corea. Antes de ingressar na «Association P.C.» fazia parte do grupo «Experience» do violinista de Jazz francês Jean Luc Ponty.

AS CRÍTICAS

O baterista Pierre Courbois, com o seu enorme «swing» e as suas ilimitadas possibilidades, nunca se esquece que é um «jazz-man», e escuta em conformidade. Os restantes membros do conjunto elevaram «Jazz-Rock» a um novo nível da sua evolução. Foi um prazer ouvir as suas complexas variações, que não obstante se moveram numa atmosfera despretenciosa.

(Richard Williams no «Melody Maker», relatando o Festival de Jazz em Berlim):

«A ASSOCIATION P.C. de Pierre Courbois tocou com inaudita complexidade, grande precisão, e exuberante vitalidade...

(Frankfurter Allgemeine Zeltung)

«A verdadeira surpresa do Festival foi a actuação do grupo germanico-holandês ASSOCIATION P.C. Apesar da grande liberdade musical de cada um, os quatro músicos formam um conjunto de assombrosa coerência. Ritmos «Pop» empregados com diferenciação, num meio-campo entre sujeição a motivos e «free-jazz», deram origem a improvisações de fascinante frescura e espontaneidade. Sensibilidade, bom gosto musical, inesgotável fantasia, e elevado saber técnico conjugam-se neste grupo para formar uma entusiasmadora unidade.

(Luzerner Tageblatt, Suíça)

Não é certamente um exagero designá-lo como o novo conjunto do ano. Raras vezes se ouviu aqui «free-jaz» de tal qualidade...

(Der Abend, Berlim)

PERIGOS DA TELEVISÃO A CORES

WASHINGTON — Peter Young, que perdeu a mulher, a sogra e uma filha no incêndio provocado por um aparelho de televisão a cores declarou à Comissão Governamental de Segurança dos Produtos de Consumo que o público devia ser avisado da necessidade de desligar os aparelhos de televisão a cores da tomada, quando não estão a funcionar.

Young contou como no dia 1 de Janeiro de 1973, foi retirado da sua residência em chamas, onde a família pereceu em consequência do incêndio.

No ano passado morreram em Nova Jersey catorze pessoas, em incêndios provocados por aparelhos de televisão a cores.

Young, que trabalha nas Relações Públicas de uma empresa de electrónica, declarou à comissão que vai iniciar uma campanha para alertar o Governo e o público do perigo dos receptores de televisão a cores.

Foi um telegrama de Young para a comissão que contribuiu para o início de audiências como a realizada hoje, em que este apresentou o seu depoimento.

A comissão decidiu impor regras de segurança para o fabrico de aparelhos de televisão e realiza as audiências para facilitar a sua elaboração.

Informações do Governo indicam que ocorrem anualmente cerca de 10 mil incêndios relacionados com esses aparelhos.

Em fins de 1973 e princípios deste ano, mais de 140 mil aparelhos foram consertados ou substituídos pelas firmas fabricantes por se terem incendiado.

Os aparelhos que com mais frequência apresentam essa deficiência são os do tipo «instantâneo» que, segundo Young, não ficam realmente desligados, a não ser quando se desliga a tomada.

Joaquim José & Parreira, Lda.

Certifico que, por escritura de 18 de Março de 1974, lavrada de fl. 61 v.° a fl. 64 do livro n.° 70-C de notas para escrituras diversas do 4.° Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado José Torres Ferrari e Silva, João António Fernandes Parreira dividiu a quota de 1 000 000$ que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que gira sob a firma Joaquim José & Parreira, Ld.ª, com sede em Lisboa, em três novas quotas, sendo uma do valor nominal de 400 0000$, que cedeu a Joaquim José Campos Parreira, outra do valor nominal de 590 000$, que cedeu a Maria do Céu Vieira da Mota Parreira, e outra do valor nominal de 10 000$, que cedeu a Armando Capote dos Santos, renunciou à gerência e consentiu que a firma social continuasse sem alteração.

Por esta mesma escritura Joaquim José Campos Pereira, Maria do Céu Vieira da Mota Pereira e Armando Capote dos Santos, como únicos sócios que ficaram sendo da aludida sociedade, deliberaram: nomear a cessionária Maria do Céu Vieira da Mota Pereira gerente, com dispensa de caução;

11.° — A sociedade dissolve-se nos casos legais, e, em qualquer caso de dissolução, serão liquidatários os sócios, que procederão à liquidação e partilha conforme acordarem e for de direito.

Está conforme ao original, nada havendo na sua parte omitida em contrário ou além do que neste extracto se narra e transcreve.

14.° Cartório Notarial de Lisboa, 27 de Março de 1974.

O Primeiro-Ajudante
João Varão Botelho

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Rua Santa Marta, 56-A
Telefs.: 53 41 67 • 4 31 89

A PIDE-D.G.S. rendeu-se aos Fuzileiros Navais e a Infantaria 1

Esta manhã, às 9.45, entrou na sede da PIDE-DGS, um destacamento do Exército: era a hora da rendição total dos elementos desta Polícia, que se tinham aquartelado na sede. Segundo uma informação do momento, estariam no edifício cerca de 400 a 500 indivíduos.

A rendição operou-se na presença de elementos dos Fuzileiros Navais e do Regimento de Infantaria 1, depois de terem sido enviados ao interior dois agentes da PIDE-DGS, presos anteriormente pelas Forças Armadas, e que levavam como missão convencer os entricheirados a entregarem-se sem condições. Isso aconteceu dez minutos após a sua chegada.

Ao romper da manhã, grande multidão começara a juntar-se no Largo de Camões. Unidades dos Fuzileiros Navais e do R. I. 1. Amadora) tinham montado o dispositivo de ataque à «cidadela» que ainda resistia ao Movimento das Forças Armadas. Havia, porém, que tomar medidas especiais de defesa, em face de reconhecida ferocidade do inimigo. Trtava-se da Pide-DGS, força repressiva do aparelho fascista, que ainda ontem tinha dado provas de completa falta de respeito pela vida das populações. Quatro mortos, confirmados na altura em que se escrevem estas linhas, eram o balanço provisório da sua agonia.

As Forças Armadas, intransigentes no combate e destruição da conhecida Pide-DGS, não descuraram, contudo, as medidas especiais de segurança que as circunstâncias impunham. Ao povo mantido a distância aconselhável, era recomendada calma e serenidade.

Cerca das 8.30, saía do Chiado um destacamento de Fuzileiros Navais com a missão de conquistar a cadeia de Caxias e libertar aí os presos políticos. Ao mesmo tempo tomavam-se as últimas medidas de ataque à sede da Rua António Maria Cardoso. Entretanto, as Forças Armadas tinham preso 15 elementos da Pide-DSG. Depois de sumariamente identificados, eram revistados «in loco», ficando com o armamento apreendido.

Eram portadores de pistolas «Walter», que traziam escondidas nos locais mais esconsos. Aos jornalistas foi dada toda a liberdade de acção. De momento a momento eram informados do estado em que se encontravam as operações, em virtude de não ser aconselhável deixá-los aproximar-se da entrada do edifício.

Às 9.30, ao mesmo tempo que se tomavam claras disposições de ataque final, era enviado um *«ultimatum»*: Ou os intrincheirados se rendiam, ou começaria o assalto à sede. A resposta veio de imediato: rendição imediata e incondicional. Exactamente às 9.46 um destacamento do R. I. 1 entrava no edifício para desarmar os elementos da Pide-DGS, apreender todo o material e começar as operações de transferênica dos polícias, sob prisão, para o Instituto Hidrográfico da Marinha.

Estava terminada a operação. Os populares homenageavam as Forças Armadas e gritavam vitória. Consumara-se a queda da mais hedionda de todas as estruturas do fascismo, neste País.

COMUNICAÇÃO DO GENERAL SPÍNOLA AOS SOLDADOS DAS FORÇAS ARMADAS

O general António Spínola proferiu hoje a seguinte exortação aos militares das Forças Armadas:

Aos bravos soldados das Forças Armadas expresso o meu reconhecimento por mais este sublime acto de patriotismo a juntar a tantos outros praticados na defesa do Ultramar Português e ainda pela exemplar disciplina e alta eficiência demonstradas no cumprimento da transcendente missão de que foram incumbidos a bem da Pátria. Bem hajam! Viva Portugal!

Elementos do Exército e da Marinha guardam à vista dois agentes da PideIDGS detidos pouco antes, impedindo ao mesmo tempo que a população os violente. Foi ao fim da manhã no Largo da Misericórdia. Um dos «pides» estava armado e a pistola não tardou a ser-lhe arrebatada. Para os prisioneiros saírem do local foi necessário mandar vir uma autometralhadora.

O PARTIDO SOCIALISTA AO POVO PORTUGUÊS

Do Secretariado Político do Partido Socialista no exterior recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

A tomada de posição das Forças Armadas Portuguesas, derrubando o governo fascista e colonialista de Marcelo Caetano, representa um acto altamente positivo e patriótico que vem abrir uma nova fase na vida nacional. O Partido Socialista, através dos seus militantes, participou activamente no movimento popular que se desencadeou às primeiras horas, expontaneamente, em Lisboa e noutros pontos do País. Na medida em que a Junta de Salvação Nacional suprimiu a polícia política (PIDE-DGS) e a Censura, e afirmou a sua intenção de libertar todos os presos políticos e de fazer regressar ao País todos os exilados políticos, sem descriminações, e de eleições verdadeiramente livres, a curto prazo, o Partido Socialista, através da sua Direcção exterior, reunida hoje em Paris, não pode deixar de se regozijar e de afirmar o apoio a estas medidas.

Desde há alguns anos que os socialistas portugueses — muitas vezes com risco da própria liberdade — lutam pelo restabelecimento da Democracia contra o poder dos monopólios, expresso no dirigismo corporativista, e por impor um termo à criminosa guerra colonial, que dura desde há 13 longos anos. Para tanto tem sempre afirmado a necessidade de abertura imediata de negociações políticas com os movimentos nacionalistas, reconhecendo o princípio do direito à autodeterminação e independência dos povos africanos.

Não é o momento de pôr em destaque as preocupações partidárias. A hora exige a mais vasta unidade de todas as forças democráticas e do progresso a fim de fazermos frente — em comum — aos grandes e dramáticos problemas que se põem à Nação. A hora impõe serenidade mas também audácia. Impõe-se sobretudo que se restitua a palavra ao Povo português para que ele possa livremente exprimir-se. É para o conseguir que vão, neste momento, todos os esforços do Partido Socialista.

Viva Portugal. Viva o Socialismo.

Paris, às 12 horas de 26 de Abril de 1974.

O Secretariado Político do Partido Socialista no exterior

Mário Soares
Jorge Campinos
Ramos da Costa
Fernando Loureiro
Tito de Morais

AMÉRICO TOMÁS E MARCELO CAETANO ESTÃO NO FUNCHAL

FUNCHAL, 26 (ANI) — O almirante Américo Tomás e o prof. Marcelo Caetano, bem como o prof. Silva Cunha e o dr. Moreira Batista, antigos ministros da Defesa Nacional e do Interior, chegaram à Madeira, às 8 e 45, em avião militar.

A anteceder a saída daqueles quatro antigos dirigentes desceu do avião um grupo de «boinas verdes» com metralhadoras.

Do avião saiu também, sob custódia, o comandante Benvindo, oficial às ordens do almirante Américo Tomás.

No aeroporto o almirante Américo Tomás e o prof. Marcelo Caetano eram aguardados pelo governador do distrito, comandante Daniel Rocheta, pelo governador substituto, dr. João Gouveia, pelo governador militar e esposas, pelo chefe do Estado-Maior e pelo director da delegação de Turismo, João Gonçalves Borges.

O almirante Américo Tomás atravessou a pista em direcção à sala dos «vips», seguido do prof. Marcelo Caetano e dos antigos membros do Governo.

Depois de alguns minutos naquela sala, entraram em automóveis oficiais do governo do distrito e do governo militar, acompanhados por aquelas entidades, e seguindo para o Funchal, onde o prof. Marcelo Caetano e o almirante Américo Tomás ficaram instalados no mesmo hotel.

QUEM SÃO OS SETE OFICIAIS DA JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL

A Junta de Salvação Nacional, ontem formada pelo Movimento das Forças Armadas, é presidida pelo general António Sebastião Ribeiro de Spínola. Compõem-na também os generais Francisco Costa Gomes e Manuel Diogo Neto, brigadeiro Jaime Silvério Marques, coronel Carlos Galvão de Melo, capitão-de-mar-e-guerra José Baptista Pinheiro de Azevedo e capitão-de-fragata António Alba Rosa Coutinho. Está ausente da Metrópole o general (piloto-aviador) Diogo Neto.

CRUZEIROS NO FUNCHAL

• TOTALMENTE REMODELADO!
• CLASSE ÚNICA A BORDO!
• SERVIÇO DE 1ª CLASSE!

A maior série de cruzeiros no melhor paquete português

MADEIRA · AÇORES
MARROCOS · CANÁRIAS

PARTIDAS:

ABR. 9-23 | AGO. 13-27
MAI. 7-21 | SET. 10-24
JUN. 4-18 | OUT. 8-22
JUL. 2-16-30

9 DIAS DESDE 6.300$

RESERVAS E INFORMAÇÕES:

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telefs. 32 00 21 (15 linhas)
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telefs. 2 79 21 (15 linhas)
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11 e 2 70 12

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS